

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**EMERGÊNCIA, MOVIMENTO E DESLOCAMENTO DA
DISCIPLINARIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO NO
RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Taís da Silva Martins

**Santa Maria, RS, Brasil
2008**

EMERGÊNCIA, MOVIMENTO E DESLOCAMENTO DA DISCIPLINARIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO NO RS

por

Taís da Silva Martins

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Lingüísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras**

Orientadora: Prof^a. Dr. Amanda Eloina Scherer

Santa Maria, RS, Brasil

2008

© 2008

Todos os direitos autorais reservados a Taís da Silva Martins. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor.

Endereço: Rua Marechal Deodoro, 13-A, Bairro: Perpétuo Socorro, Santa Maria/RS, 97045-000.

Fone (0xx)55 8419 0882; Email: taissmartins@hotmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**EMERGÊNCIA, MOVIMENTO E DESLOCAMENTO DA
DISCIPLINARIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO NO RS**

elaborada por
Taís da Silva Martins

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Amanda Eloina Scherer, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia, Dr. (UNIJUI)

Eliana Rosa Sturza, Dr. (UFSM)

Santa Maria, maio de 2008.

AGRADECIMENTOS

Às colegas e, sobretudo, amigas **Larissa Montagner Cervo, Larissa Scotta e Rejane Arce Vargas**, pelo apoio teórico, disponibilidade e carinho em todos os momentos.

À minha orientadora, **Amanda Eloina Scherer**, pela confiança e pelos caminhos apontados desde o segundo semestre da graduação.

À professora **Verli Petri Silveira**, pelas sugestões e apoio teórico.

A todos os amigos queridos que acreditaram e me fizeram acreditar que era possível.

Ao meu pai Armando; à minha mana Tassiane; à tia Marli, pelo carinho e dedicação.

Aos funcionários do PPGL, principalmente ao **Jandir**, pelo incentivo e paciência.

Às pessoas que disponibilizaram materiais e informações relevantes à constituição do corpus desta pesquisa.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

EMERGÊNCIA, MOVIMENTO E DESLOCAMENTO DA DISCIPLINARIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO NO RS

AUTORA: TAÍS DA SILVA MARTINS
ORIENTADORA: AMANDA ELOINA SCHERER
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de maio de 2008.

Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre o processo de disciplinarização da Análise de Discurso (AD) no Rio Grande do Sul. Para tanto, acercamo-nos do aparato teórico-metodológico da História das Idéias Lingüísticas (HIL), o qual nos possibilita circunscrever um trajeto por entre os arquivos documentais que materializam o percurso da AD a partir da emergência dessa disciplina nos currículos dos Programas de Pós-graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS. Objetivamos compreender os movimentos, deslocamentos e permanências que constituem a historicidade da AD no que diz respeito especialmente às designações que este campo do saber recebe nas grades curriculares desses Programas. O arquivo de nossa pesquisa é constituído por dados e fatos referentes a uma história da Lingüística nos cursos de Letras no Brasil, na medida em que, é no cerne desta disciplina que, no Brasil, a AD se institucionaliza, como também por um conjunto de documentos institucionais, tais como: relatórios anuais, diários de classe, programas, grades de horários e bibliografias de disciplina. A análise dessas textualidades nos levou a tecer redes de relações acadêmico-intelectuais que dão corporeidade à AD praticada no RS, pelo trajeto tecido por entre os arquivos que apontaram que conceitos, que teóricos, que sujeitos mobilizam e são mobilizados em uma disciplina que é designada politicamente como AD, bem como é renomeada de outras maneiras e não menos politicamente.

Palavras-chave: Análise de Discurso, lingüística, disciplinarização, designação, nomeação.

ABSTRACT

Master's Dissertation
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

EMERGENCY, MOVEMENT AND DISPLACEMENT IN DISCIPLINARIZATION OF DISCOURSE ANALYSIS IN RS

AUTHOR: TAÍS DA SILVA MARTINS
ADVISER: AMANDA ELOINA SCHERER
Date and place of defense: Santa Maria, May 30, 2008.

In this work, we propose a reflection regarding disciplinarization process of Discourse Analysis (DA) in Rio Grande do Sul (RS). In order to do this, we are based on the methodological and theoretical principles of History of the Linguistic Ideas (HIL) which make possible to us circumscribe a incursion through documentary archives that materialize the trajectory of DA since the emergency of this discipline in the curriculums of PUCRS and UFRGS Post-graduate Programs in Languages. Our objective is to understand the movements, displacements and unchangings that constitute the historicity of DA in what it concerns to the designations received in curricular grades of these Programs by this field of knowledge. The archive of our research comprises data and facts related to a History of Linguistics in Language Courses in Brazil since is it is inside this discipline that, in Brazil, DA is institutionalized, and also for a set of institutional documents, such as: annual, daily reports of classes, programs, course schedules and bibliographies of the discipline. The analysis of these texts lead us to make a network of academic-intellectuals relations that embodied DA in RS. From the journey through out the archives we had pointed what concepts, what theoreticians, what subjects mobilize and are mobilized in a discipline that is politically designed as DA as well as it is renamed in other ways and not less politically.

Key-words: Discourse Analysis, Linguistics, disciplinarization, designation, nomination.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Relatório Ano Letivo 1963 FIC/UFSM.....	28
QUADRO 02 - Relatório Ano Letivo 1964 FIC/UFSM.....	29
QUADRO 03 - Conteúdo da disciplina de Lingüística FIC/UFSM.....	30
QUADRO 04 - Traduções brasileiras de textos de Pêcheux	37
QUADRO 05 - Disciplinarização da AD no RS.....	60
QUADRO 06 - Resumos de teses com base em AD.....	63
QUADRO 07 - Resumos de projetos orientados pela profª Leci Barbisan....	65
QUADRO 08 - Conteúdos da disciplina de AD/1987 PUCRS.....	67
QUADRO 09 - AD I na década de 90 (PUC/RS).....	70
QUADRO 10 - AD II na década de 90 (PUC/RS).....	71
QUADRO 11 - Leituras Orientadas (Profª Leci Barbisan).....	72
QUADRO 12 - Designações da AD na PUCRS.....	72
QUADRO 13 - Recorrências de conceitos AD I PUCRS	74
QUADRO 14 - Recorrências de conceitos AD II PUCRS	75
QUADRO 15 - Disciplinas da Linha de Pesquisa Análises Textuais e Discursivas.....	80
QUADRO 16 - Cursos Livres UFRGS.....	84
QUADRO 17 - Disciplinas relacionadas à AD (UFRGS).....	88

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Capa da revista Langages, nº 130.....	43
FIGURA 02 - Doutores PUCRS.....	64
FIGURA 03 - Bibliografia AD/1987 PUCRS.....	68
FIGURA 04 - Designação de uma disciplina – Lista de conteúdos.....	73
FIGURA 05 - Grades de Horários PPGL/UFRGS – ano letivo 1996.....	76-77
FIGURA 06 - Filiações da AD UFRGS.....	78
FIGURA 07 - Grade de horários UFRGS – 1º sem. 2006.....	81
FIGURA 08 - Grade de horários UFRGS – 1º sem. 2006.....	82
FIGURA 09 - Docentes da Linha de Pesquisa Análises Textuais e Discursivas.....	82
FIGURA 10 - Programa 01 AD UFRGS.....	86
FIGURA 11 - Programas 02 AD UFRGS	87
FIGURA 12 - Esquema Analítico.....	91

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 - Bibliografias AD1987 PUCRS	99
ANEXO 02 - Diários de Classe: AD I PUCRS	100
ANEXO 03 - Diários de Classe: AD II PUCRS	101
ANEXO 04 - Diários de Classe: Leituras orientadas PUCRS.....	103
ANEXO 05 - Diários de Classe: Tópicos em AD PUCRS	104
ANEXO 06 - Diários de Classe: Seminários em AD PUCRS.....	105
ANEXO 07 - Diários de Classe: Tópicos em Teoria do Discurso PUCRS.....	106
ANEXO 08 - Diários de Classe: Seminários em Teorias do Discurso PUCRS.....	107
ANEXO 09 - Diários de Classe: Teorias do Discurso PUCRS.....	109
ANEXO 10 - Grades de Horários UFRGS.....	111
ANEXO 11 - Diários de Classe UFRGS.....	119
ANEXO 12 - Sumários das revistas citadas na bibliografia da PUCRS.....	123
ANEXO 13 - Textos de Pêcheux disponíveis no Labeurb.....	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE 1	
DA DISCIPLINARIZAÇÃO DA LINGÜÍSTICA	
1.1 A história da Lingüística nos Cursos de Letras do Brasil.....	15
1.2 A Lingüística no RS.....	25
PARTE 2	
DA DISCIPLINARIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO	
2.1 A Análise de Discurso Francesa.....	33
2.2 A disciplinarização da Análise de Discurso no Brasil.....	36
2.3 Análise de Discurso e História das Idéias Lingüísticas: uma questão de entremeio.....	41
PARTE 3	
DA ANÁLISE DE DISCURSO NO RIO GRANDE DO SUL	
3.1 Do arquivo e do corpus	50
3.2 A disciplinarização da Análise de Discurso no RS.....	57
3.3 A Análise de Discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC.....	61
3.4 A Análise de Discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
A política de um nome: nomear para não mais designar.....	90
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	97

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos dados e fatos referentes ao movimento constitutivo da disciplina Análise de Discurso (doravante AD) no Rio Grande do Sul (RS). Nosso percurso começa com apontamentos que dão conta da insurgência da Lingüística nos cursos de Letras do país, focalizando o Estado do RS, *loco* por meio do qual tecemos nossa interpretação. Para tanto, partimos de uma história da AD que se desenvolveu na França (Mazière, 2007) nos anos de 1960, tendo como precursor Michel Pêcheux, filósofo-lingüista que formulou uma teoria materialista do discurso, a qual, mais tarde, ressoou nos estudos lingüísticos no Brasil, ao modo de um gesto de apropriação. Ainda, visamos a tecer uma relação entre AD e História das Idéias Lingüísticas (doravante HIL) em nosso estado, pois é nesse entremeio que nos inscrevemos teoricamente.

Nosso gesto metodológico foi o de perscrutar, nos arquivos de duas instituições de ensino superior que pioneiramente tiveram cursos de doutoramento em seus programas de pós-graduação em Letras, a saber, a Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS) e a Universidade Federal do RS (UFRGS), a nomeação **Análise de Discurso**, em seu movimento de historicização.

Inserimo-nos em uma perspectiva teórica que pode ser entendida ao modo de uma articulação entre AD e HIL, tal como formula Nunes ao afirmar que “há uma produtividade específica quando a AD se posiciona no entremeio com a HIL” (2007, p. 03). Nessa perspectiva teórico-analítica, o analista lança sobre o corpus um olhar diferenciado do pesquisador que faz a historiografia de uma disciplina, na medida em

que não (só) ‘conta’ uma história, mas se insere em ‘uma’ história para movimentá-la, para indagá-la, para pôr em diálogo os arquivos que a constituem, para trazer outros à tona, para instaurar uma ‘historicidade’, tendo em vista que a questão que se coloca não é a de linearidade temporal, e sim a temporalidade que constitui o texto (cf. Orlandi, 1996).

Nesse sentido, organizamos nossa dissertação do seguinte modo:

Na parte 1, intitulada **Da disciplinarização da Lingüística**, apresentaremos alguns elementos constitutivos da história da Lingüística, considerando sua institucionalização nos Cursos de Letras do Brasil, especialmente na Universidade Federal do Distrito Federal (RJ), pioneira em ofertar um curso extensivo de Lingüística (1938); na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A partir desse cenário, pontuaremos a entrada da disciplina no RS, valendo-nos do olhar que vem sendo construído por pesquisas relativas ao projeto *Lingüística e História Literária no Sul: Estudos das idéias e organização da memória*¹.

Na parte 2, intitulada **Da disciplinarização da Análise de Discurso**, circunscrevemos uma história da AD Francesa (Mazière, 2007; Maldidier, 1997) e seu deslocamento de inscrição no Brasil. Nesse caminho, chegaremos a uma outra disciplina que se formula nos interstícios de uma HIL configurada no cenário francês por pesquisas em torno da figura de Sylvain Auroux e um gesto de apropriação teórica que insere este modo de pensar a historicidade a partir de instrumentos de tecnologização dos conhecimentos/saberes lingüísticos nas pesquisas no Brasil, mediante uma relação com os postulados da AD brasileira.

Na parte 3, intitulada **Da Análise de Discurso no Rio Grande do Sul**, mapearemos a inserção da disciplina AD através de seus deslocamentos de nomeação nos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS. Debruçando-nos sobre esses documentos, vamos observar os sujeitos professores dessa disciplina, o que nos leva a estabelecer uma relação de filiação teórica que irá delimitar a disciplina bem como a política que o nome AD corporifica.

¹ Projeto CNPq/Capes, de autoria da pesquisadora Amanda Eloina Scherer.

Traçamos este caminho a fim de compormos uma rede de ‘filiações históricas’ (cf. Pêcheux, 1990), ou seja, visamos a dar ‘voz’ e ‘corpo’ aos documentos, na medida em que eles são materialidades que reclamam sentidos, são textualidades que não contam uma história, nem prescindem de um gesto. É com esse olhar que traçamos nosso percurso pelo arquivo, por uma história da Lingüística a partir de uma historicidade que inscreve sua disciplinarização em nosso país, no lugar de seu acontecimento, nos Cursos de Letras, via os sujeitos que participam/fazem essa história, fundações as quais vieram a permitir a entrada de uma corrente teórica advinda da França com toda sua efervescência política, a Análise de Discurso. É sobre ela que reunimos elementos para traçar um panorama histórico que é, antes de mais nada, ‘redes de memória’ que, quando nos pusemos a ouvir, ‘falam-nos’ da história.

1 DA DISCIPLINARIZAÇÃO DA LINGÜÍSTICA

1.1 A história da Lingüística nos Cursos de Letras do Brasil

A constituição da Lingüística enquanto disciplina no Brasil dá-se, na maioria dos casos, dentro do domínio das Letras, portanto a história desta disciplina está ligada à própria constituição dos cursos desse campo de conhecimento no país. Os primeiros cursos de Letras surgem respectivamente nos anos de 1934, 1935 e 1939 na Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), na Universidade do Distrito Federal (Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil) e na Universidade de Minas Gerais. Sobre os primórdios da pesquisa lingüística no país, Fiorin salienta que

A pesquisa Lingüística na universidade brasileira surge com a criação dos Cursos de Letras. Estes aparecem no Brasil no bojo dos projetos de criação das Faculdades de Filosofia apenas nos anos 30 do século passado, embora houvesse reivindicações anteriores para a existência de uma formação superior em línguas e literaturas e mesmo experiências efêmeras no início do século XX (FIORIN, 2006, p. 12).

É no ano de 1938 que foi instituído pela primeira vez, em um curso de Letras, um curso extensivo de Lingüística, naquele momento ministrado por Joaquim Mattoso Câmara Junior, na Universidade do Distrito Federal (RJ). Mattoso, entretanto, ministrou apenas por dois anos a disciplina de Lingüística Geral em virtude de tal universidade, criada em 1935, ter sido extinta no ano de 1939. De acordo com Rodrigues (2005), a

Universidade do Distrito Federal era uma instituição inovadora e liberal e, portanto, por determinação de uma reação conservadora tomada diante da emergência do Estado Novo, ela foi extinta. Em seu lugar foi instaurada a Universidade do Brasil e criada a Faculdade Nacional de Filosofia, também situada no Rio de Janeiro.

Contudo, nos programas do Curso de Letras da Faculdade Nacional de Filosofia não figurava a disciplina de Lingüística, o que para o mesmo autor configurou-se em um decréscimo científico, uma vez que tal faculdade “instalou uma versão mais antiquada e menos científica do ensino na área de línguas e literaturas, em que não havia lugar para a ciência lingüística” (Ibid, p.13). O agravamento desta questão, para Rodrigues, dá-se ainda por ser este o modelo de faculdade tomado pelo Ministério da Educação para pautar as demais faculdades de Filosofia, Ciências e Letras do Brasil.

Apesar de tais circunstâncias político-científicas e burocráticas, ressaltamos o papel importante exercido por Mattoso Câmara para a divulgação da disciplina de Lingüística em nosso país, pois, além de ser o primeiro professor de Lingüística em uma universidade brasileira (Ibid.), Mattoso publicou inúmeros artigos e resenhas na área, realizou várias traduções de obras de lingüistas importantes, como, por exemplo, Sapir e Jakobson. Também publicou **Princípios de Lingüística Geral** (1941), obra que Aryon Rodrigues (Ibid.) aponta como o único texto introdutório à Lingüística produzido em língua portuguesa, em um período de aproximadamente 25 anos, e que ainda hoje se constitui no mais abrangente, mais sólido e melhor escrito. Para Altman (1998), Mattoso possui papel fundamental no desenvolvimento da Lingüística tanto na UFRJ como no setor de Lingüística no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, pois foi ele quem realizou o trabalho de organização de tal setor no departamento. Contudo, Mattoso só foi reconhecido como um líder intelectual *a posteriori* (Ibid.).

Na USP, o processo de institucionalização da Lingüística, de acordo com Fiorin (2006), tem início já nos primeiros anos de fundação da instituição, na segunda metade dos anos 30, a partir de pesquisas realizadas na cátedra de Filologia e Língua Portuguesa. Primeiramente, ela segue os rumos dominantes da Lingüística Histórica e, aos poucos, começa a preocupar-se com a Geografia Lingüística, seus métodos e objetivos. O autor (Ibid.) afirma ainda que, no Brasil, durante muito tempo, os estudos

lingüísticos nas Letras Clássicas destinavam-se ao estudo da fonética, da morfologia, da sintaxe e da lexicologia histórica, pois os estudos lingüísticos eram realizados apenas para que os alunos tivessem acesso a textos originais (na língua de origem), já que as cadeiras tinham uma orientação nitidamente literária, isto é, o curso de Letras priorizava a formação literária do acadêmico. No período de 1934 a 1962, salvo raras exceções, não foram produzidas pesquisas lingüísticas no domínio das Línguas Estrangeiras. Nas Letras Clássicas, embora tenham sido produzidos alguns trabalhos sob a orientação da Lingüística Histórico-Comparativa, a maioria dos trabalhos acadêmicos e de pesquisa versavam sobre temas literários (Ibid.).

Os estudos da Lingüística Moderna, na USP, iniciam na cadeira de Filologia Românica. Um nome importante para o desenvolvimento destes estudos é o de Theodoro Henrique Maurer Junior, que ensinava Lingüística mesmo antes do estabelecimento desta como disciplina obrigatória nos Cursos de Letras. Durante os anos de 1945 e 1946, Maurer Jr. foi bolsista da Fundação Rockefeller na Universidade de Yale, onde estudou Lingüística Geral e foi aluno de Bloomfield. De acordo com Fiorin (2006), foi Maurer que, em São Paulo, começou a ensinar e a difundir as teorias de lingüistas como Saussure e o próprio Bloomfield. Para o autor,

[...] a cadeira de Lingüística Românica e Glotologia Clássica tem uma orientação histórico-comparativa. No entanto, é nessa cadeira que, *graças à formação de seu catedrático*², começam a difundir-se as idéias dos fundadores da Lingüística Moderna. Essa será a base da formação de toda a geração de lingüistas, que estão em atuação hoje em diferentes universidades brasileiras (FIORIN, 2006, p. 24).

Considerando a abordagem em linhas gerais que esboçamos anteriormente no que se refere à formação de Maurer Jr., bem como o que Fiorin (2006) pontua em relação ao fato de que o professor consegue implementar alguns tópicos vinculados a sua formação teórica mesmo em uma disciplina como, por exemplo, a Filologia, que se insere em uma vertente teórica tradicional, percebemos a importância de considerarmos o papel do sujeito-professor. Neste caso, podemos observar que Maurer trouxe para as disciplinas que ministrou, a Lingüística Românica e a Glotologia, aspectos da sua

² Grifo nosso.

formação teórico-metodológica, introduzindo algumas abordagens lingüísticas em suas aulas.

Contudo, não devemos considerar que é somente o sujeito-professor aquele responsável por legitimar uma disciplina, uma instituição, embora tenha um papel relevante em sua configuração. No Brasil, no que diz respeito à produção, expansão, circulação e representação do saber lingüístico, os espaços universitários tiveram e têm grande importância (Lagazzi-Rodrigues, 2007). Entendemos por espaço universitário, em nosso trabalho, especificamente os cursos de Letras (tanto no âmbito da graduação como no da pós-graduação), pois é com a criação deles que a pesquisa Lingüística emerge, como já salientamos anteriormente.

Diante dessas considerações, observamos que a Lingüística, no Brasil, apresenta diferentes orientações e modos de entrada, como por exemplo, na Universidade do Distrito Federal, onde foi disciplinarizada logo nos primeiros anos de sua fundação (mesmo que só por dois anos, pois foi extinta em 1939). Já na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ela surge por meio de pesquisas realizadas na cátedra de Filologia e Língua Portuguesa. Diferentes são os percursos de institucionalização das pesquisas lingüísticas no Brasil (no interior de cada universidade) até a década de 1960, quando um decreto do Ministério da Educação a torna uma disciplina obrigatória nos Cursos de Letras.

Esses caminhos podem ser observados por meio do percurso de alguns professores, já que inicialmente as pesquisas lingüísticas interessaram a poucos. Além de Mattoso Câmara e Maurer Jr., podemos citar outros. O professor francês Robert Henri Aubreton (cadeira de Língua e Literatura Grega – USP), por exemplo, constitui uma importante figura nos estudos da linguagem no Brasil. Entre seus feitos, podemos salientar a fundação da Associação dos Estudos Clássicos do Brasil, a publicação de *Boletim*, entre outros. Aubreton também conseguia, para alguns de seus alunos e os de Maurer, bolsas de estudos na França, intercâmbio que possibilitava que os alunos que viajavam (formados no final dos anos 50, início dos anos 60), após a realização de suas pesquisas (teses), regressassem munidos de informações sobre o que se ‘fazia’ de

'moderno' nos estudos da linguagem na Europa, fomentando e contribuindo dessa forma com o desenvolvimento da Lingüística no Brasil.

Foram alguns destes alunos os primeiros professores da disciplina de Lingüística no país. Citamos, por exemplo, Izidoro Blikstein, professor que, tão logo voltou da França, foi contratado e encarregou-se das aulas de Introdução à Lingüística, na USP. No decorrer dos anos, o professor Blikstein formou em torno de si um grupo de jovens que posteriormente destacaram-se no cenário nacional como importantes lingüistas, entre eles Haqira Osakabe, Rodolfo Ilari e Eni Orlandi. Também o professor Cidmar Teodoro Pais é outro pesquisador que, ao retornar da França, em 1967, exerceu funções intelectuais e organizacionais importantes para a institucionalização da Lingüística como campo autônomo de estudo.

O início da Lingüística no Brasil está fortemente ligado, portanto, à postura político-teórica do sujeito-professor, pois, conforme apontamos acima, foi a formação destes profissionais que determinou as linhas teóricas seguidas na Lingüística brasileira. Foram os grandes filólogos que ocuparam as principais cátedras universitárias do país e fundaram os primeiros centros de pesquisa dedicados a assuntos lingüísticos. E, para Altmann (1998), o material de investigação a que se deu destaque na reflexão sobre os estudos lingüísticos realizados foi a própria língua portuguesa.

O processo de institucionalização da Lingüística só veio a consolidar-se ampla e definitivamente nos anos 60, por meio de uma resolução do Conselho Federal de Educação (CFE). No ano de 1961, o Conselho Federal de Educação determinava, para o ano seguinte, a implantação da disciplina de Lingüística em todas as Faculdades de Filosofia que tivessem curso de Letras. Abaixo, transcrevemos um trecho da resolução do Conselho Federal de Educação, tal qual aparece no texto de Castilhos (1963, p. 26):

Resolução. O Conselho Federal de Educação, usando da atribuição que lhe confere os arts. 9º (letra e) e 70º da Lei nº. 283-62, que a esta fica incorporado, RESOLVE:

Art. 1º - O currículo mínimo dos cursos que habilitam à licenciatura em Letras compreende 8 (oito) matérias escolhidas na forma abaixo indicada, além das matérias pedagógicas fixadas em resolução especial:

1. Língua Portuguesa
2. Literatura Portuguesa
3. Literatura Brasileira
4. Língua Latina
5. **Lingüística**³
6. Três matérias escolhidas dentre as seguintes [...]

Para Castilhos (Ibid.), o alinhamento da Lingüística entre as disciplinas básicas é 'digna de aplauso', mesmo considerando as ponderações de Rodrigues que, em Brasília, no ano de 1963, argumentava não haver um número suficiente de lingüistas aptos a ministrarem a disciplina. De acordo com Rodrigues (2005), na época em que a resolução do CFE a respeito da obrigatoriedade da Lingüística foi implementada, havia apenas três professores formados na área: ele próprio - Aryon Rodrigues, Mattoso Câmara e Francisco Gomes de Matos.

Rodrigues, logo que chegou à Brasília (1963), criou um curso intensivo que promoveu a preparação dos professores universitários que ministrariam a disciplina de Lingüística. Ainda em 1963, implantou em Brasília o primeiro departamento autônomo de Lingüística e o primeiro programa de pós-graduação (em nível de mestrado) voltado para pesquisadores em Lingüística (curso que funcionou somente até o ano de 1965, devido a intervenções e demissões ocorridas após a revolução de 1964).

Embora a Lingüística seja incluída nos currículos mínimos no ano de 1962, é, de acordo com Altmann (1998), a partir de 1968 que se concentram um conjunto de fatores de ordem intelectual e social que permite, em vários pontos do país, a solidificação institucional de uma 'Lingüística brasileira' e, conseqüentemente, de um jovem grupo de pesquisadores que começam, a partir de então, a se reconhecerem 'lingüistas'. Com

³ Grifo nosso.

isso, apesar de 1968 não ser de fato o ano da institucionalização obrigatória da disciplina, este é o ano que marcaria o reconhecimento dos pesquisadores na área.

A disciplina Lingüística dessa época, no Brasil, talvez também apresente uma forte ligação com a Antropologia. No Museu Nacional (RJ), em 1968, foi criado um Curso de Pós-graduação em Lingüística, cujos professores eram na sua maioria antropólogos, com exceção de Rodrigues. Dois anos mais tarde, o Curso do Museu Nacional foi agregado à Faculdade de Filosofia. Em decorrência desta mudança institucional, Rodrigues e parte de sua equipe transferiram-se para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no ano de 1973, onde continuaram seus trabalhos na área de Lingüística.

Percebemos, então, que no Rio de Janeiro (UFRJ) os estudos da linguagem diferenciam-se dos da USP e Unicamp, o que é resultado dos aspectos institucionais dos anos 1950-1960 (Guimarães, 2002). A UFRJ tinha nos seus quadros funcionais o professor Mattoso Câmara, que possuía relações com os estudos realizados nos Estados Unidos, mais especificamente com os trabalhos de Sapir (Mattoso foi professor nos EUA). Isso certamente influenciou os rumos das pesquisas lingüísticas na instituição, sendo que a Lingüística na UFRJ é marcada pela filiação à Gramática Gerativa de um lado e à Sociolingüística Quantitativa de outro. Nos anos de 1960, foi criada a Especialização em Letras (Lingüística) na USP. Segundo Orlandi,

Em 1965, sob a demanda de um grupo de estudantes da Universidade de São Paulo - Emílio Giusti, Eni Pulcinelli e Lélia Erbolatto – é criada a especialização em Letras, domínio de Lingüística Geral, no Curso de Filologia Românica, sob a direção de T.H. Maurer (Indo-europeísta e lingüista) (ORLANDI, 2000, p. 36).

Este grupo formado na USP seguiu uma orientação teórico-metodológica diferenciada dos demais profissionais que trabalhavam no campo do conhecimento lingüístico no país. De acordo com Altmann (1998) para Rodrigues, “em lingüística, dificilmente estudantes formados em ambientes diferentes compartilham das mesmas práticas e/ou do mesmo tipo de informação”.

Conforme Altmann (Ibid.), podemos afirmar que, até meados dos anos 60, a Lingüística latino-americana era basicamente uma extensão da Lingüística européia. Diversos fatores contribuíam para isso, entre eles a formação européia de nossos lingüistas, o acesso à língua francesa. Em relação à institucionalização da disciplina de Lingüística no país, Guimarães afirma que

a década de 1960 trará consigo novos contornos institucionais. Começa com a obrigatoriedade de inclusão da lingüística nos currículos de letras e termina com a criação do sistema nacional de pós-graduação e a criação dos primeiros programas de pós-graduação em Lingüística do Brasil (2002, p. 42).

A respeito destes contornos institucionais e das mudanças ocorridas nas grades curriculares dos cursos de Letras na década de 60, podemos observar por meio de texto publicado na revista *ALFA* (1963), pelo professor Castilhos, que se estava buscando soluções para a implementação efetiva da disciplina de Lingüística no país. Em seu texto, Castilhos propõe um novo currículo para o curso de formação do professor de Português e Latim. Entre suas diversas sugestões, ressaltamos a de uma cadeira de Lingüística que fosse ministrada em três semestres. Em dois semestres seria desenvolvido um programa de Lingüística Geral, aconselhando como roteiro o que vinha sendo exposto na obra **Princípios de Lingüística Geral** (1941), de Mattoso Câmara, autor que Castilhos destaca como precursor nesta especialidade em língua portuguesa. E, no terceiro semestre, seria ministrado um curso de Fonética Geral, ministrado pelo professor de Lingüística ou por um assistente.

A Lingüística está ligada também ao estruturalismo, divulgado por Mattoso Câmara (Saussure) e Aryon Rodrigues (Sapir e Bloomfield). Entretanto, Maurer também teve um papel importante no desenvolvimento da Lingüística no país, tendo sido um dos professores participantes no processo de instalação do curso de Pós-graduação em Letras, assim como os estudantes que na década de 1960 constituíram público interessado nestes estudos. Afinal, muitos destes, após o primeiro contato com a disciplina, foram para a França justamente na década de 60, período em que o estruturalismo estava em evidência. Na UFRJ, o modelo norte-americano de Lingüística

era o que predominava (Rodrigues com Lingüística Aplicada e Lingüística Descritiva), enquanto na USP formavam-se lingüistas no modelo das universidades francesas.

No ano de 1971, inicia-se na Unicamp o Curso de Pós-graduação em Lingüística. De acordo com Guimarães (2002), existem alguns fatores constitutivos de uma diferença importante no trabalho sobre linguagem entre estas duas instituições, a USP e a Unicamp. Na USP, por exemplo, alguns professores que tiveram papel na constituição da Lingüística obtiveram formação específica na França (nos anos 1960) e estabeleceram alguns contatos fundamentais com os estudos de semiótica, o que se reflete nas pesquisas da USP nos anos 1980. Na Unicamp, o fator decisivo é a vinda do Prof. Ducrot, fato que será percebido com a presença marcante de estudos enunciativos e discursivos na instituição.

Ainda, na Unicamp, diferentemente do que ocorre na UFRJ e na USP, a Lingüística é constituída fora do domínio das Letras. Esta disciplina surge no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, estando assim diretamente relacionada com as Ciências Humanas e Sociais, bem como com a Filosofia. Resultado disso é a inexistência de uma faculdade de Letras na instituição.

Outro dado interessante nessa história é o ano de 1953. Nesse ano, segundo o professor Ataliba Castilhos (1963), realizou-se, em São Paulo, o primeiro simpósio das Faculdades de Filosofia do Brasil, no qual estiveram presentes 24 representantes. No seminário, foi redigido um documento com propostas para o Curso de Letras, cujo redator foi o Profº Dr. Mário Pereira de Sousa Lima. Entre as propostas, salientamos a inclusão da Lingüística como disciplina básica tanto do curso de Letras Clássicas e Vernáculas quanto do curso de Letras Anglo-Germânicas, o que assim permanece até hoje em todos os cursos de Letras do país.

As propostas discutidas no evento constituíram um anteprojeto de Lei das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, e pode-se dizer que a instituição de disciplinas 'básicas' foi 'uma feliz antevisão' (Ibid.) do que os mínimos federais estabeleceriam ao tratarem do currículo mínimo dos cursos de Letras (parecer nº. 283).

Para Castilhos (Ibid.), a inclusão da disciplina de Lingüística entre as disciplinas básicas é algo notoriamente positivo. Entretanto, o autor não deixa de expor em seu

texto as ponderações do professor Aryon Rodrigues, que argumenta que no Brasil não haveria, na época 73, lingüistas para igual número de Faculdades de Filosofia, o que causaria um problema para o desenvolvimento da disciplina já que as faculdades, vendo-se obrigadas a ofertá-la, contratariam profissionais mesmo sem preparo adequado.

Como sugestões para que não ocorressem ‘disparates’ no ensino da Lingüística, Rodrigues propôs que esta disciplina fosse oferecida em séries mais avançadas para que pudesse ser ‘treinada’ uma equipe de lingüistas num curso intensivo na Universidade de Brasília e também contratados professores estrangeiros (o que só seria possível em instituições oficiais).

É importante ressaltarmos que, nos anos 50 e 60, as Faculdades de Filosofia e Letras tinham por objetivo único a formação de professores. Isso significa que a instituição acadêmica, tal qual nos foi apresentada por muitos anos, principalmente nos Cursos de Licenciatura, tinha por finalidade somente ensinar, repassar conceitos e teorias e, como foi mencionado, não visava a formar pesquisadores, o que já não é mais o caso atualmente, uma vez que desde cedo o estudante pode se interessar pela formação em pesquisa através de programas de iniciação científica.

Somente no final desta década de 70 um maior grupo de alunos formados em cursos de Lingüística começaram a interessar-se também por pesquisas. Para Altmann (1998), ao invés de lugar de pesquisa, as universidades eram consideradas, até então, apenas lugares oficiais de ensino/aprendizagem que visavam a formar professores de línguas.

Nos anos 1970, ocorre a regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação no país, o que se constitui em um desafio para a Lingüística, devido tanto à falta de recursos materiais quanto à falta de recursos humanos. Considerando este contexto, pode-se afirmar que é a partir dos anos 70 que a Lingüística passou a constituir um domínio específico e autônomo de investigação. Neste período, professores brasileiros são enviados para fora do Brasil para cursarem seus mestrados e doutorados, o que assim se realizou a partir do apoio financeiro de órgãos como Capes e CNPq (âmbito federal) e da Fapesp (São Paulo), fomento de fundamental importância e que, para

Guimarães (2004), constitui-se num primeiro movimento em prol da consolidação de uma política de pós-graduação no Brasil. Para o autor, um segundo movimento foi a afirmação de programas brasileiros que começaram a formar professores e pesquisadores de outras universidades, resultando na possibilidade de uma generalização dos estudos de pós-graduação em Lingüística em diversos lugares do país. Em relação à política de pós-graduação brasileira, Guimarães afirma que

[...] estes movimentos da política de pós-graduação acabaram por colocar em convívio permanente no Brasil pesquisadores formados em centros diversos, principalmente dos Estados Unidos e da Europa. Assim o debate lingüístico no Brasil é marcado por essa capacidade de movimentar formações que, muitas vezes, não se conversam tão diretamente como no Brasil (2004, p.39)

Portanto, a lingüística brasileira é permeada por diferentes influências teóricas, tanto as trazidas pelos primeiros professores europeus, que se deslocaram para o Brasil a fim de ministrar disciplinas nos Cursos de Letras, tanto as trazidas pelos lingüistas brasileiros ao complementarem seus estudos no exterior. Isso converge na atual heterogeneidade das linhas de trabalho presentes nos Cursos de Pós-graduação em Letras do país.

1.2 A Lingüística no RS

Inicialmente, apresentamos uma análise de alguns acontecimentos relativos à institucionalização da disciplina de Lingüística no Brasil, pois ao (re)fazeremos a história da disciplina estamos, de certa maneira, conhecendo a história, o percurso dos estudos discursivos no Estado. Para nós, a história da constituição dos estudos do discurso no RS não pode estar desvinculada da história da disciplina de Lingüística.

Poucos são os textos, artigos e pesquisas que apresentam o desenvolvimento da disciplina de Lingüística no RS. Para abordarmos alguns tópicos relativos à sua constituição, consideramos os trabalhos desenvolvidos por um grupo de pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal

de Santa Maria (UFSM), especificamente os estudos vinculados à linha de pesquisa intitulada 'Discurso, História e Memória' e ao projeto '*História das Idéias Lingüísticas no Sul: o discurso fundador de uma disciplina*', desenvolvidos no Laboratório Corpus⁴. Tal projeto de pesquisa é resultante de um desdobramento do projeto 'História das Idéias Lingüísticas' que, com o apoio da Capes, através do apoio da PROCAD, desenvolveu uma relação específica com o PPGL da UFSM (Guimarães e Orlandi, 2002). Este projeto objetiva⁵:

a) resgatar e revalorizar documentos que descrevam a história da disciplina de Lingüística nos Cursos de Letras no Sul, contribuindo assim para traçar a história do ensino da Lingüística no RS e, por extensão; no contexto brasileiro; e

b) identificar as similaridades e as contradições encontradas quando da realização da análise discursiva sobre o espaço discursivo da Lingüística, a fim de traçar as marcas lingüístico-discursivas da produção do saber no ensino desta disciplina.

Scherer (2005), em texto intitulado *Lingüística no Sul: estudo das idéias e organização da memória*, fornece um panorama geral dos estudos realizados no âmbito deste projeto. De acordo com a autora,

Os processos que levaram ao estabelecimento dos dados e dos fatos para a constituição da disciplina e dos tratados de Lingüística no sul são, historicamente, bastante dispersos. Há uma dispersão de textos, mas seu modo de inscrição nos permitiu defini-la como um espaço de regularidades discursivas que historicamente aparecem bem marcadas ideologicamente no campo da História das Idéias [...] (2005, p. 14).

Esta dispersão de textos, documentos relativos a uma disciplina, dá-se em razão de termos, em nossas instituições, uma ausência de cultura de arquivo, o que faz com que a periodização a partir de documentos fique muitas vezes prejudicada. Entretanto, conforme Silveira (2000), não é a quantidade de fontes consultadas que vai qualificar

⁴ Laboratório de Fontes de Estudo da Linguagem/UFSM.

⁵ Dados retirados do projeto Pq CNPq História das Idéias Lingüísticas no Sul: o discurso fundador de uma disciplina, elaborado pela Prof^a Amanda Eloina Scherer.

ou desqualificar o trabalho acadêmico, mas sim o tratamento que essas fontes recebem.

Scherer (2005) apresenta dados e fatos relativos à institucionalização da Lingüística no RS. Entre eles figura a realização do I Instituto Brasileiro de Lingüística realizado em Porto Alegre no período compreendido entre março e novembro de 1968, que tinha como um de seus objetivos 'Discutir o planejamento das pesquisas lingüísticas no Brasil'. Os professores Leonor Scliar Cabral e Adelino Martins eram os pesquisadores do Sul que se destacaram neste evento, pois suas conferências estabeleciam um panorama para as pesquisas em Lingüística no Estado, apesar de, naquele momento, estas estarem mais voltadas para o ensino do que propriamente para a teoria.

A mesma autora salienta também o lugar ocupado pela PUCRS na formação de profissionais para atuarem na área de Lingüística, entre 1968 e 1969, de modo que passaram 568 professores por um programa de formação continuada em Lingüística da instituição. Já nos números iniciais da revista **Letras de Hoje** (uma publicação da mesma instituição), aparecem relatos sobre a formação continuada dos professores do Estado do RS com programas detalhados.

Quanto aos programas de disciplinas, Scherer (Ibid.) destaca que dois autores estão presentes no período analisado (décadas 1960 e 1970): Saussure e Martinet. Estudos sobre Chomsky, Bloomfield e Mattoso Câmara figuram em cursos específicos.

Considerando programas da disciplina Lingüística nas décadas de 60 e 70, pode-se afirmar que

[...] a lingüística enquanto disciplina de caráter acadêmico é, durante esse período, uma disciplina ainda emergente, cujos desenvolvimentos parciais em cada um de seus domínios (a relação curricular pelo seu ementário, programa e bibliografia) são muito desiguais, embora relativamente autônomos, cada um na sua ordem discursiva (Ibid., p. 23).

Percebemos que, nesta época, a Lingüística 'está longe' de adquirir os contornos institucionais que temos atualmente. Tomamos aqui para exemplificação o caso da

UFSM⁶ que, juntamente com a PUCRS e a UFRGS, constituem as mais antigas instituições universitárias do RS.

O Curso de Letras, na UFSM, foi oficialmente criado pela Lei Nº3.958 de 13/09/1961, entretanto sua efetiva implantação e autonomia só se deu no ano de 1965, quando ocorreu a federalização do Curso de Letras Licenciatura Plena, até o momento integrante da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC)⁷. Durante o período de 1961 e 1965, esta era uma faculdade agregada à UFSM e, portanto, assim como todas as outras faculdades agregadas, possuía plena autonomia didática, doutrinária e administrativa. Não obstante, era dada às entidades mantenedoras das faculdades particulares a garantia de nomeação dos diretores. São, então, sob estas condições de produção (vinculado a FFCL da FIC e assumindo em sua constituição as grades curriculares já elaboradas anteriormente na referida faculdade), que a disciplina de Lingüística surge no Curso de Letras na UFSM. No *Relatório do Ano Letivo 1963 – Livro 32*, da FIC, e no *Relatório do Ano Letivo 1964 - Livro 34*, a disciplina de Lingüística figura na grade curricular, já atendendo as disposições do decreto de Lei Nº 283-62, que estabelecia a obrigatoriedade da inclusão da disciplina nos Cursos de Letras. Vejamos a seguir, nos quadros 1 e 2, recortes de grades curriculares em que a disciplina está inclusa:

Curso Letras 2º semestre
1ª série
Cultura Religiosa
Introdução à Filosofia
Português
Lingüística
Francês
Inglês
Língua Latina

Quadro 01 – Transcrição do Relatório Ano Letivo 1963 FIC

⁶ A Universidade Federal de Santa Maria foi criada no ano de 1960, pelo decreto de lei nº 3.834-C/60. Esta lei determinou que a UFSM seria constituída pelos estabelecimentos federais já existentes - Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Odontologia e Instituto Eletrotécnico -, e que a ela passariam a pertencer na condição de agregadas as já existentes Escola de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição e a Faculdade de Direito, todos estabelecimentos particulares de ensino superior. Fonte: <<http://www.ufsm.br/pppnovo.pdf>>. Acesso em 23 out. 2007.

⁷ Faculdade mantida pela Sociedade Literária Caritativa São Francisco de Assis, das Irmãs Franciscanas.

Curso Letras (Francês ou Inglês)	
<u>1^o série</u> Língua e Literatura Francesa Língua e Literatura Inglesa Língua e Literatura Latina Língua Portuguesa Lingüística Introdução à Filosofia Cultura Religiosa	<u>2^a série</u> Língua e Literatura Francesa Língua e Literatura Inglesa Língua e Literatura Latina Língua Portuguesa Teoria da Literatura Sociologia da Educação Cultura Religiosa
<u>3^a Série</u> Língua e Literatura Francesa Língua e Literatura Inglesa Língua Portuguesa Literatura Portuguesa Psicologia Educacional Lingüística Didática Geral e Especial Cultura Religiosa	<u>4^a Série</u> Língua Viva - _ Francês Língua Viva – Inglês Literatura Brasileira Literatura Norte-Americana Filologia Românica Administração Escolar Lingüística

Quadro 02 – Transcrição do Relatório Ano Letivo 1964 – FIC

Assim como foram obtidos dados sobre as grades curriculares, também obtivemos dados de alguns relatórios em que constavam os conteúdos desenvolvidos na disciplina de Lingüística, nos anos de 1963 e 1964, entretanto não constam em qual série⁸ estes conteúdos seriam ministrados. Como esta é uma disciplina que estava iniciando na instituição, acreditamos que talvez esses conteúdos fossem os mesmos para todas as séries, pois todas as 1^a, 2^a e 4^a séries possuem disciplina intitulada Lingüística, sem divisões I, II e III, por exemplo, ou Introdução à Lingüística. E, também, no ano de 1964, a 2^a série não possui esta disciplina em sua grade curricular (ver quadro 02), motivo disso seria que no ano de 1963 a 1^a série possui Lingüística em sua grade e a turma do 1^a ano em 1963 seria conseqüentemente a turma do 2^o ano em 1964. Vejamos, então, o quadro 03 com os conteúdos desenvolvidos na disciplina de Lingüística nos anos de 1963 e 1964:

⁸ Nesta época, usava-se a designação série ao invés de ano ou semestre. Para formar-se em Letras, o aluno deveria cursar quatro séries.

FIC 63-64

Lingüística: objeto e modalidades. Fonemas: Função. Classificação dos fonemas. Traços fônicos e estudo fonético. Sílabas. Teorias Silábicas. Vocábulo fonético. Delimitação dos vocábulos. Unidades significativas – o vocábulo. Morfemas. Vocábulo gramatical. Tipos de morfemas. Significações lingüísticas: semântica. Categorias gramaticais. Categoria de gênero. Conceitos. O Gênero nas línguas indo-européias. Interpretação primitiva. Categoria de aspecto. Tempo e aspecto. Classificação dos aspectos. O aspecto eixo, persistência. Espécies de vocábulo: classificação dos vocábulos. A frase. Unidade. Língua. Sintaxe. Estilo. Estrutura da frase. Frases: pessoais, impessoais, mediais, passivas e ergativas. Evolução lingüística. Empréstimo. Evolução Fonética. Causas da Evolução fonética. Clima. Raça. Substratos. Causas Lingüísticas. Momento, espaço, estrutura social. Aspectos da evolução fonética. Instabilidade. Tipos de mudança. Analogia. Leis fonéticas. Caráter. Aplicação. Relatividade. Empréstimo. Classificação das Línguas.

Quadro 03: Transcrição dos conteúdos programáticos FIC 63/64

No quadro apresentado anteriormente, através dos conteúdos elencados, podemos inferir que a Lingüística, em Santa Maria, segue o panorama dos estudos lingüísticos no Estado, mais voltado para o ensino de línguas do que propriamente para pesquisas teóricas, como podemos observar no grande número de tópicos destinados à fonética, à sintaxe e à morfologia. Isso ocorre, em nosso entender, porque é a partir a institucionalização dos estudos gramaticais, pela produção das gramáticas, na figura do sujeito-autor do conhecimento metalingüístico que, no Brasil, “produzem[-se] germes que viabilizam a passagem para o estabelecimento da Lingüística” (Orlandi, 2002a, p. 156). Embora neste período já houvesse lingüistas no Brasil (Mattoso Câmara, por exemplo), a profissionalização dos lingüistas se dá amplamente com a obrigatoriedade do ensino da Lingüística no país e, neste início, ao menos nas instituições pesquisadas nesta dissertação, o papel do gramático fundia-se com o papel do lingüista. Somente nos anos seguintes, com a crescente disciplinarização da Lingüística nos Cursos de Letras e com a criação dos cursos de pós-graduação em Lingüística, essa ‘fusão de papéis’ é alterada, criando uma bifurcação na relação gramático/lingüista, na qual se evidenciará a presença do ‘funcionamento de duas discursividades’ (Orlandi, 2002a) em relação ao ensino da língua.

É nas décadas de 1980 e 1990 que aparecem (no Sul do Brasil) formações mais centradas no pesquisador e, conseqüentemente, surgem os primeiros grupos de pesquisa e os primeiros doutores formados no Sul. Em nosso Estado, o primeiro Curso de Mestrado é o da PUCRS, criado em 1969. Posteriormente, em 1972, foi criado o Curso de Mestrado da UFRGS. Já os cursos de Doutorado surgem respectivamente nos anos de 1977 e 1991 na PUCRS e na UFRGS. Na UFSM, o Programa de Pós-graduação em Letras foi criado em 1987, tendo sido reconhecido pela CAPES em 1989; o curso de mestrado foi credenciado em 1996 e o de doutorado, no ano de 2003.

O Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da PUCRS foi criado no ano de 1969 e implantado efetivamente em março de 1970. De acordo com dados encontrados no site da instituição⁹, o primeiro objetivo era estabelecer o curso de mestrado em Lingüística Aplicada. As atividades no âmbito da Teoria da Literatura (mestrado) foram iniciadas somente dois anos mais tarde (1972).

No ano de 1977, foi implantado o curso de doutorado nas áreas já existentes no programa, Lingüística Aplicada e Teoria da Literatura. A partir de informações do site da PUCRS, a primeira defesa de um trabalho acadêmico, em nível de pós-graduação, ocorreu em 1973, quando o programa de mestrado completava seu terceiro ano. Já a primeira tese de doutoramento foi apresentada e aprovada em 1982. Desde então, até dezembro de 2002 (ano até o qual nos foram disponibilizadas informações desta instituição), foram formados 556 mestres e 194 doutores.

Já na UFRGS¹⁰, o Mestrado em Letras foi criado no ano de 1972 e obteve credenciamento em 1975, com duas áreas de concentração: Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa. No ano de 1991, surgiu o Doutorado em Letras, com duas áreas de concentração: Literatura Brasileira e Literatura Comparada, com recomendação da CAPES em ofício de 11 de novembro de 1991. Em 1993, a área de Língua Portuguesa, por reformulação do currículo, recebeu o nome de Estudos da Linguagem.

⁹Fonte: <http://www.pucrs.br/fale/pos/>. Acesso em 10 mai. 2007.

¹⁰ Ver em: <<http://www.ufrgs.br/iletras/ppg/>>. Acesso em 20 jun. 2007.

Na UFRGS, com a reestruturação em 1995, implantada em 1996, o Curso passou a ser designado como Programa de Pós-Graduação em Letras, constituído por dois cursos: Estudos da Linguagem (Áreas de concentração: Aquisição da Linguagem e Teorias do Texto e do Discurso) e Estudos de Literatura (Áreas de concentração: Literatura Brasileira, Literatura Comparada, Literaturas Francesa e Francófonas e Literaturas de Língua Inglesa), em níveis de Mestrado e Doutorado. Posteriormente, foram criadas outras duas áreas de concentração no Curso de Estudos da Linguagem, a partir de 2001: Teoria e Análise Lingüística e Linguagem no Contexto Social, também em níveis de mestrado e doutorado.

São esses contornos institucionais que estabeleceram a criação de cursos de pós-graduação em Letras e Lingüística que favorecem o desenvolvimento da disciplina de Lingüística no RS e, conseqüentemente, de diferentes linhas de trabalho.

Centramos nossos estudos, a partir deste momento, no período de estabelecimento de linhas de pesquisa relacionadas à AD e, também, na própria disciplinarização da AD, nas instituições pesquisadas (PUCRS e UFRGS), com vista aos estudos de doutorado. Assim, conforme este primeiro levantamento histórico a respeito da criação dos programas de pós-graduação em Letras das referidas instituições, realizamos um primeiro recorte temporal, para o estabelecimento de nossas análises: ano de 1977 na PUCRS e 1991 na UFRGS, datas em que os programas de pós-graduação das referidas instituições iniciam o curso de doutorado.

2 DA DISCIPLINARIZAÇÃO DA ANÁLISE DE DISCURSO

2.1 A Análise de Discurso Francesa

Para Malidier (1997, p.16), “A AD está presente em toda parte, mas a AD francesa está, talvez, presente de forma mais intensa”. Em seu texto *Elementos para uma História da AD na França*, Malidier situa a dupla fundação da AD, que provém dos estudos do lingüista Jean Dubois e do filósofo Michel Pêcheux. Salaria que ambos elaboraram antes de 1968-1970 o que se chamará de AD, mas de forma independente.

Dubois coloca a AD no terreno do estudo dos grandes textos políticos da tradição francesa. Segundo Malidier (Ibid.) é ele quem elege o discurso político como objeto específico da AD e quem introduz o sintagma “Análise do discurso”, o que possibilitou o desenvolvimento da Escola Francesa de Análise de Discurso.

Entretanto, a autora afirma (Ibid.) que a longevidade da disciplina deve-se ao fato de a AD ter sido ampliada e repensada amplamente por pesquisadores em torno de Michel Pêcheux. Durante aproximadamente quinze anos, Pêcheux produziu conceitos tanto em consonância como em ruptura com os de Dubois.

Podemos considerar que Pêcheux e Dubois, embora tenham preocupações distintas, são tomados em um espaço comum: o do marxismo e da política. De acordo com Malidier (1997, p.23),

Ao evocar o nascimento da AD através do itinerário de dois homens, eu quis marcar, no grande desdobramento da lingüística no fim da década de 1960, um encontro particular com o Marxismo.

Embora por caminhos distintos, ambos chegam a um lugar comum e inscrevem-se no ato de fundação da AD. Poderíamos entender que são duas ADs que possuem pontos de aproximação: em torno de Dubois reúne-se um grupo de lingüistas, e em torno de Pêcheux pesquisadores em ciências humanas e sociais.

No entendimento de Silveira (2008), todavia, é Michel Pêcheux que tem o mérito, historicamente reconhecido, de ser o fundador da AD como foi conhecida na França a partir dos anos sessenta e como é desenvolvida e tomada atualmente no Brasil.

O momento político combativo e o contexto epistemológico na França durante a década de 1960, formaram um contexto salutar para o desenvolvimento da Lingüística nas universidades do país. Neste período, a Lingüística possuía uma posição dominante entre as Ciências Humanas. A AD desenvolve-se neste panorama em que o estruturalismo está triunfante e a lingüística está no centro do dispositivo das ciências.

Mazière (2007), em sua obra referente à história e às práticas da Análise de Discurso, ao referir-se à relação entre Lingüística e AD, afirma que

Não obstante, os primeiros dispositivos de análise permitiam à AD definir-se por oposição, ou por adesão, às evidências dos anos 1960: a lingüística estrutural, posteriormente gerativa, a enunciação e as tradições hermenêuticas, a sociolingüística e a “Discourse Analysis” anglo-saxônica, os processamentos automáticos e uma filosofia da linguagem que repensava o sentido (p.11).

Desde a fundação dos estudos em AD, a relação com a Lingüística é muito estreita. Ora esta relação se dá por uma proximidade na concepção de conceitos comuns às duas disciplinas, ora se dá pelo afastamento no entendimento de outros conceitos.

Courtine (1981), ao tratar das relações entre a AD e a Lingüística, faz a seguinte afirmação:

Que las relaciones entre la lingüística y el AD son muy estrechas puede considerarse como una evidencia: en una acepción "amplia" de la extensión del dominio de la lingüística, ésta puede llegar hasta incluir al AD, haciéndola parte beneficiaria de una de las "ramas" especializadas de esta disciplina, la socio-lingüística. Pero si nos referimos a una extensión más "estricta" del dominio de la lingüística, la que delimita su dominio desde la ruptura saussuriana, debemos convenir que los objetos respectivos de la lingüística y del AD (la lengua y el discurso) por una parte, así como la respectiva posición de esas dos regiones de conocimiento en el corte universitario del saber y de las disciplinas, las ubican en una situación de delimitación recíproca, es decir que constituyen la *frontera*, una de la otra. No por ser estrechas estas relaciones son menos paradójicas, lo que los analistas del discurso tienden a olvidar en la definición que dan de ellas (p. 11).

Esta proximidade entre AD e Lingüística é inegável. Este campo do saber (AD), na França, surge em um momento que a Lingüística está em evidência e deslocando seu foco de atenção. Outras relações também são estabelecidas neste momento de fundação, tornando movediças as fronteiras que delimitam a AD.

Para Orlandi (2006), a AD tem seu método e seu objeto próprios que tocam as bordas da Lingüística, da Psicanálise e do marxismo, mas não se confundem com eles. Segundo a autora (Ibid.),

[...] a análise de discurso vai-se constituir como uma disciplina de entremeio. Fazendo-se na contradição dos três campos do saber – a lingüística, a psicanálise e o marxismo – ela terá um particular desenho disciplinar (p.14)

No Brasil, também, a AD foi fazendo alianças e tendo embates com a Lingüística. E, devido à forte influência da Lingüística americana (pragmatismo), no país, aqui a AD teve como antagonista o pragmatismo. Com isso, há aqueles que não compreendem a relação da AD de orientação francesa com a lingüística, e há aqueles que, inscritos na filiação lingüístico-discursiva (filiação da qual Orlandi se declara participante), procuram entender a relação entre a lingüística e a AD.

2.2 A disciplinarização da Análise de Discurso no Brasil

A Análise de Discurso fundada na França, nos anos 1960, começa a ter lugar institucional no Brasil somente na década de 1980, embora alguns textos traduzidos de Pêcheux já tivessem sido publicados no país, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, como na revista *Tempo Brasileiro*.

De acordo com Ferreira (2007, p.11),

O marco inicial dessa história se dá em Campinas, em torno da figura de Eni Orlandi, em fins da década de 70, e vai depois ganhando corpo e se institucionalizando através dos docentes e pesquisadores que, formados, retornam a suas origens e iniciam a organizar seus próprios grupos de pesquisa.

Consideramos que os percursos de fundação de um saber, de um campo de pesquisa, de uma ciência, são múltiplos, e a constituição da AD no Brasil segue esta mesma premissa. Eni Orlandi, a partir de suas pesquisas e da formação de seu grupo de pesquisadores, inicia este caminho, pois é a partir de pesquisas e trabalhos destes sujeitos que a AD começa a circular no Brasil.

Este grupo é responsável, por exemplo, pela tradução e publicação de diversos textos de Pêcheux, disponíveis em português no Brasil, contribuindo assim para a divulgação da obra do autor no país, e conseqüentemente, para a produção de conhecimento acadêmico fundamentado nos conceitos basilares postulados por Pêcheux.

No quadro a seguir, apresentamos uma listagem de todos os textos de Pêcheux já traduzidos e que circulam no Brasil¹¹, destacando os que apresentam tradução de Eni Orlandi ou de pesquisadores do grupo da autora:

¹¹ Ver em anexo a listagem de todos os textos de Pêcheux que estão disponibilizados para consulta no Centro de Documentação Urbana do Labeurb. "Tratam-se de textos de difícil acesso e que constituem na íntegra o pensamento de Pêcheux e da sua obra, das suas inquietudes teóricas sobre Análise de Discurso, na conjuntura e na efervescência política da época em que viveu". (descrição encontrada no site <http://www.labeurb.unicamp.br/portal/pages/home/lerArtigo.lab?id=50>).

1966: (Sous le pseudonyme de Thomas Herbert), « Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale », Cahiers pour l'analyse, 2, 1966, (p. 174-203). Tradução brasileira em Tempo brasileiro (30/31), 1972, p. 3-36
1968 : (Sous le pseudonyme de Thomas Herbert) « Remarques pour une théorie générale des ideologies », Cahiers pour l'analyse, 9, 1968, p. 74-92. - Tradução brasileira de Carolina Rodríguez, Eni Orlandi, José Horta Nunes . Pêcheux M. (Thomas Herbert). Observações para uma teoria geral das ideologias. In: Revista Rua, 1, Campinas : UNICAMP, 1995, p. 63-89.
1969: Analyse automatique du discours, Paris, Dunod, 1969, 142 p., (coll. "Sciences du comportement). Tradução brasileira de Bethania S. Mariani [et al.] Gadet e Hak (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Ed. UNICAMP, 1990.
1971 : Haroche, C, HENRY, Paul, Pêcheux, M.I. "La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours". <i>Langages</i> 24, Larousse, Paris, 1971. Tradução brasileira de Roberto leiser Baronas e Fabio César Montanheiro In: BARONAS, RL. Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007
1973: Pêcheux M., Wesselius J., « A propos du mouvement étudiant et des luttes de la classe ouvrière: trois organisations étudiantes en 1968, In : R. Robin (ed.), Histoire et linguistique, Paris, A. Colin, 1973, p.245-260. Tradução brasileira : Adélia Bolle. São Paulo : Cultrix, 1977.
1975: Les vérités de la Palice, Paris, Maspero, 1975, 278 p. (coll. "Théorie"). Tradução brasileira de Eni Orlandi [et al.]: Pêcheux M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas : Editora da UNICAMP, 1995.
1977: Gadet F., Pêcheux M., "Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?", Equivalences, 2-3, 1977, p. 133-146. Tradução brasileira de Eni Orlandi : Pêcheux M, Gadet F, "Há uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo" In: Escritos, 3, 1998.
1977 a : Remontons de Foucault à Spinoza. IN: Maldidier, D L' Inquiétude du discours. Tradução brasileira: Maria do Rosário Gregolim. Mimeo 2000.
1981: Gadet F., Pêcheux M., La Langue introuvable, Paris, Maspero, 1981, 248 p. (coll. "Théories"). Tradução espanhola de B. Job. La lengua de nunca acabar, México, Fondo de Cultura Econômica, 1984, 246 p. Tradução brasileira de B. Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello . Pêcheux M, Gadet, F. A língua inatingível: o discurso na história da lingüística. Campinas: Pontes, 2004.
1982: "Délimitations, retournements, déplacements", L'Homme et la société, 63-64, 1982, p. 53-69. Tradução brasileira de José Horta Nunes . Pêcheux, M. "Delimitações, Inversões e Deslocamentos", Cadernos de Estudos Lingüísticos, 19, Campinas: UNICAMP, 1990. p. 7-24.
1982a: "Sur la (dé-)construction des theories linguistiques", DRLAV, 27, 1982, p. 1-24.. Tradução brasileira de Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. Línguas e Instrumentos Lingüísticos n2. Campinas : Pontes 1999, Ed original, 1982. Tradução brasileira : Cadernos de Tradução, n 4, Instituto de Letras, UFRGS, out. 1998.
1982b: "Lire l'archive aujourd'hui", Archives et documents de la Société d'histoire et d'épistémologie des sciences du langage (Saint-Cloud), 2, 1982, p. 35-45. Tradução brasileira: de Maria Lopes Morin do Amaral. Pêcheux M. Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, Eni P. (org). [et al]. Gestos de leitura, 1997, p. 55-65.
1983: « Rôle de la mémoire », Langage et Société. Paris: École Normale Supérieure, 1983, p. 261-267. Tradução brasileira de José Horta Nunes . Papel da memória, Campinas :

Pontes, 1999.
1984: “Sur les contextes épistémologiques de l’analyse de discours”, Mots, 9, 1984, p. 7-17. Tradução brasileira de Eni Orlandi. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso”, Escritos, n4, p 7-16- Campinas: Pontes: Labeurb;Nucredi, 1999. Tradução brasileira de Ana Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário, Pêcheux M. “Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso”, Cadernos de Tradução. n. 01. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. (ver trad. Orlandi escritos 4)
1988: “Le discours: structure ou événement?” (p. 303-323) Tradução brasileira de Eni Orlandi. Pêcheux M. O discurso: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

Quadro 4 - Tradutores brasileiros de textos de Pêcheux

Ao analisarmos a relação dos textos de Pêcheux traduzidos no Brasil, observamos que nove dos quinze textos com traduções brasileiras foram traduzidos por Eni Orlandi ou por seu grupo de trabalho.

Outro fato relevante para nossa análise diz respeito às datas de publicação dos textos brasileiros, que não seguem uma ordem cronológica da sua publicação francesa. De acordo com Gregolin (2007) e Ferreira (2007), isto faz com que a AD brasileira tenha um percurso epistemológico diverso da AD francesa, o que vem a justificar, por exemplo, que o modo de entrada e a permanência de alguns conceitos sejam diferentes no Brasil e na França.

Orlandi (2002) afirma que, no Brasil, a produção teórica vinculada à AD (nos anos 70/80) encontrou eco institucional e acadêmico, não havendo um lapso entre produção e condições institucionais como ocorreu na França. Ao tocar na questão da disciplinarização da AD, Orlandi (Ibid.) ressalta o fato de que, até bem pouco tempo (na França), ela não havia constituído uma disciplina. Segundo a pesquisadora, isto ocorreu porque

[...] na França, a pesquisa em ciências humanas existe independentemente do ensino na Universidade e no Brasil não. Em nosso caso, ou se tornava uma disciplina acadêmica ou não teria futuro como pesquisa, ou seja, não sairia da fase inicial. (ORLANDI, 2002, p.38)

Com isso, no Brasil, os pesquisadores em AD precisaram deste respaldo institucional, o que, conforme Orlandi (ibid.), ocorre inicialmente na UNICAMP, onde a AD se institucionalizou pelo seu ensino enquanto disciplina (tanto em currículos de graduação como de pós-graduação), inicialmente no IEL, em Campinas. Cabe ressaltar, com relação ao que vimos colocando, que até o final da década de 80, conforme Ferreira (2007), poucas eram as opções de formação para quem quisesse trabalhar em AD (UNICAMP ou USP).

A AD produzida no Brasil desenvolveu-se, tanto que podemos observar que nestes trinta anos houve uma mudança significativa em termos de produção de conhecimento neste campo de pesquisa. Nas palavras de Ferreira (2007, p.21), a AD “perdeu um tanto de seu caráter revolucionário, diluiu-se o traço intervencionista, mas preserva sua face aguda questionadora, seu viés corrosivo, capaz de provocar desconforto, instabilidades, resistências...”

No Brasil, a Análise de Discurso é um campo de pesquisas no qual inúmeros trabalhos têm sido produzidos. Para Guimarães (2002, p. 40), “esta área teve um desenvolvimento muito particular no Brasil, principalmente pelo que se convencionou chamar de AD de linha francesa”. O desenvolvimento dessa área do saber em nosso país está vinculado diretamente à professora Eni Orlandi, pesquisadora essencial na história brasileira da Análise de Discurso.

Filiada às propostas do teórico francês Michel Pêcheux com relação ao entrelace dos conceitos de “sujeito”, “língua” e “história” na constituição do discurso, Orlandi produz um trabalho na esteira do pensamento ‘pechetiano’, apresentando os pilares de sustentação da Análise de Discurso e buscando dar continuidade ao empreendimento de Pêcheux após seu desaparecimento no início da década de 80. Para Guimarães,

E. Orlandi traz para este campo, entre outras, duas contribuições específicas. A primeira é a formulação de que a questão do sentido diz respeito a uma tensão entre polissemia (os muitos e sempre outros sentidos) e a paráfrase (o dizer o mesmo). A segunda é a consideração de que o sentido não diz respeito ao segmental, mas a que o silêncio significa, e é isto que faz sentido na linguagem. (2002a, p.122)

Podemos, com isso, afirmar que Orlandi constrói seu próprio dispositivo teórico e de análise. De acordo com Scherer (2007), Orlandi institucionalizou e disciplinarizou um saber sobre a relação língua-sujeito-história, demarcando não somente o seu lugar nos estudos da linguagem, mas também o lugar de uma disciplina.

A AD realizada no Brasil possui suas próprias especificidades. Conforme Orlandi (2004, p. 02), “a ciência da língua não está apartada do território em que se produz, tampouco a AD”. Aqui, a AD não foi afetada por uma divisão imaginária entre escrita (AD europeia) e oral (AD americana) (ORLANDI, 2002a). Embora ainda, no Brasil, a AD trabalhe com o discurso político, ela também trabalha com materialidades discursivas das mais diversas (tanto discursos institucionalizados quanto discursos do cotidiano).

É também por meio de textos da própria Eni Orlandi, precursora da AD no Brasil, que também podemos ‘contar’ esta história. Textos como, por exemplo, *Análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*, que pode ser considerado demarcador de território, apresentado no I Seminário de Análise De Discurso (SEAD)¹², em que a autora situa-se na fundação da AD brasileira. Neste texto, Orlandi reafirma seu lugar na AD e se situa juntamente com um grupo de pesquisadores na fundação de uma AD brasileira, que tem Michel Pêcheux como interlocutor e não necessariamente como um predecessor.

Por meio destes apontamentos sobre a história da AD como disciplina no Brasil, e a partir de um primeiro olhar lançado por nós em nosso objeto, podemos afirmar que a AD institucionaliza-se primeiramente via os Cursos de Pós-Graduação e aos poucos vai expandindo-se aos Cursos de graduação.

Atualmente, há diversos grupos de pesquisa em AD espalhados pelo Brasil, bem como várias teses, dissertações e publicações sobre este campo do saber. Há também um Grupo de Trabalho de AD na ANPOLL¹³, o qual tem por finalidade, segundo o estatuto desta associação¹⁴, conceber os objetivos relacionados à pesquisa. Este grupo de pesquisa é constituído por pesquisadores vinculados a instituições de pós-graduação.

¹² Abordaremos este Seminário na terceira parte deste trabalho.

¹³ Associação Nacional de pós-graduação e Pesquisa

¹⁴ Fonte: <http://www.anpoll.org.br/estatuto.php#6>. Acesso em 20 fev. 2008.

Ao levantarmos dados e fatos para conhecermos o processo de institucionalização da AD no Brasil, não podemos deixar de destacar o papel de outros importantes pesquisadores em Análise do Discurso, como por exemplo, Helena Hathsue Nagamine Brandão¹⁵ e Sírio Possenti¹⁶, ambos possuidores de inúmeros trabalhos na área.

Ao buscarmos os processos de disciplinarização da AD, nos Cursos de pós-graduação do Brasil, não encontramos uma única AD, pois ao ser nomeada em cada instituição, ela significa de maneira diferente, tomando para si uma designação específica. E são estes caminhos, estes trajetos que fazem esta disciplina significar e (re) significar que nos interessam nesta pesquisa.

2.3 Análise de Discurso e História das Idéias Lingüísticas: uma questão de entremeio

Nosso estudo está inserido na perspectiva da HIL, assim este trabalho procura não só considerar os resultados e produtos obtidos a partir da disciplinarização da AD, mas também refletir sobre o processo de produção de conhecimento na disciplina de AD. Ao situarmos nosso trabalho nesta perspectiva (HIL), cabe pontuarmos como os estudos vinculados à História das Idéias Lingüísticas tiveram início no Brasil.

Nunes (2007) coloca que a História das Idéias Lingüísticas iniciou-se no Brasil por meio de uma colaboração entre a UNICAMP e a Universidade de Paris VII, França. Foi com a cooperação entre equipes de pesquisa da UNICAMP e da França que o projeto “*História das Idéias Lingüísticas no Brasil*” principiou.

De acordo com Guimarães (2002), “*História das Idéias Lingüísticas*” é um projeto que se implantou amplamente no Brasil e envolve pesquisadores de várias

¹⁵ Na USP, ministrou disciplinas como, por exemplo, ‘Análise do Discurso: enunciação, polifonia, construção do sentido’. Seu livro *Introdução à Análise do Discurso*. (1991), bastante citado em trabalhos sobre AD, recentemente ganhou uma reedição revista.

¹⁶ Possenti é professor na UNICAMP onde já ministrou, entre outras, disciplinas como *Introdução à Análise do Discurso* e *Tópicos em Análise do Discurso*. Entre, suas obras destacamos: **Os limites do discurso** (2002) e **Discurso, Estilo e Subjetividade** (1993).

universidades brasileiras. Inúmeros trabalhos de pesquisadores nacionais têm sido implementados e divulgados por meio deste projeto, conforme dados apresentados no site do programa de História das Idéias Lingüísticas¹⁷ pelos professores Eduardo Guimarães e Eni Orlandi.

Este programa reúne pesquisadores interessados no estudo da história dos estudos da linguagem em torno de projetos coletivos de pesquisa aos quais se relacionam, igualmente, projetos específicos dos seus diversos pesquisadores. Ainda de acordo com o site, os projetos coletivos que ‘nuclearizaram’ o trabalho do grupo foram: “*História das Idéias Lingüísticas: Construção do Saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional*” e “*História das Idéias lingüísticas no Brasil: Ética e Políticas das Línguas*”, ambos em convênio com grupos franceses interessados neste domínio de conhecimento e com o apoio CAPES/COFECUB.

O desenvolvimento deste projeto ocorreu ligado a um grupo de centros de investigação constituído, entre outros, pelo Departamento de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e o Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo (USP), no Brasil e pela unidade de Paris VII e a *École Normale Supérieure de Lettres et Sciences Humaines de Lyon*, na França.

Na UNICAMP este projeto foi coordenado até o ano de 2003 pela prof^a Dr. Eni Orlandi. A prof^a Dr. Diana Luz Pessoa de Barros coordenou este projeto como representante da USP (no período de 2000 a 2004) e do lado francês o coordenador foi Sylvain Auroux (ENS).

São três as publicações do programa destinadas à divulgação dos trabalhos relacionados ao tema (HIL): *Relatos, Enciclopédia das Línguas do Brasil (ELB)*, e a revista *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*. Ressaltamos que o projeto HIL no Brasil congrega uma série de pesquisadores de diversas universidades do país. Entre os quais destacamos, entre outros, os professores José Horta Nunes, Mariza Vieira da Silva, Bethânia Mariani, Claudia Castellanos Pfeiffer, Carolina Rodríguez-Alcalá, Suzy Lagazzi-Rodrigues, Mónica Zoppi-Fontana, além de Eni Orlandi e de Eduardo Guimarães, pesquisadores coordenadores do projeto no Brasil.

¹⁷Fonte: <http://www.unicamp.br/iel/hil/index.htm> Acesso: 10 jul. 2007.

Inicialmente, não podemos deixar de destacar o papel fundamental da prof^a Eni Orlandi, que coordena os projetos HIL “*Construção de um Saber Metalingüístico*” e a “*Construção da Língua Nacional, HIL: Conhecimento e política de Língua e HIL: Ética e Política das Línguas*”; o qual coordena em parceria com a professora Diana Luz Pessoa de Barros (USP).

Foi Orlandi que, no ano de 1987, propôs o projeto HIL no Brasil. Neste período, a autora (2002b) observou que

(...) o estudo da língua nacional no Brasil vinha-se dando a partir de estudos esparsos, seja gramaticais, seja com finalidades pedagógicas seja, ainda, com fins apenas descritivos. Estudos históricos que levassem em conta o social e o político, quando se faziam, também eram fragmentários e não seguiam um plano de pesquisa integrado em um objetivo mais geral, pensando a língua, os que a falam, a sociedade que constituem e o próprio funcionamento do Estado e suas jurisdições e a sua relação com a ciência (p.10).

Com o desenvolvimento deste projeto, iniciou-se uma série de estudos sistemáticos no tocante à história da língua e à história do conhecimento lingüístico. Orlandi é organizadora de obras como **História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional**, que reúne trabalhos de diversos pesquisadores vinculados ao projeto, **Língua e Conhecimento Lingüístico: Para uma história das Idéias no Brasil**, na qual Orlandi apresenta resultados de pesquisas que realizou sobre estudos da linguagem e o ensino da língua no Brasil. Orlandi (2001) coloca que os resultados destas pesquisas conjuntas foram publicadas na França em um número da revista *Langages* (130, Larousse, 1998).

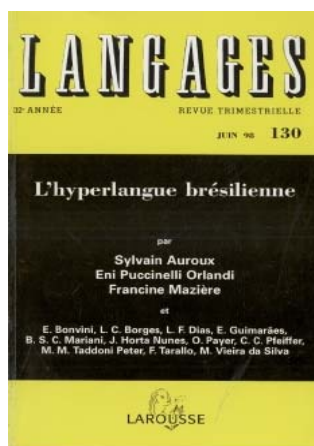


Figura 01: Capa da revista *Langages*, nº 130

Este exemplar da revista tem o título de “*L’Hyperlangue Brésilienne*” e foi organizado por Orlandi, S. Auroux e F. Mazière. Esta publicação apresenta apenas textos produzidos pela equipe brasileira. Entre os autores estão Eni Orlandi, Eduardo Guimarães, José Horta-Nunes, F. Bovini, MM. Taddoni, Fernando Tarallo, Bethania Mariani, Mariza Vieira da Silva, Claudia Castelhanos Pheiffer e Maria Onice Payer.

O professor Eduardo Guimarães, que coordena projetos como *O controle Político da Representação: Uma História das Idéias; A lingüística histórica e idéias lingüísticas no Brasil história e política e História dos estudos sobre a enunciação no Brasil*, também é outro pesquisador fundamental no desenvolvimento da HIL no Brasil. Ele é autor de obras como, por exemplo, **História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil** (2004), **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da Linguagem** (2003) e organiza junto com Orlandi obras relacionadas ao HIL, entre elas, **Institucionalização dos estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas** (2002).

Guimarães (2004), em sua obra **História da Semântica**, ao periodizar os acontecimentos institucionais e estudos de Português no Brasil, destaca a inclusão da Lingüística nos currículos dos cursos de graduação em Letras pelo conselho federal como um fato político institucional que marca uma nova fase dos estudos da linguagem no país.

Neste mesmo trabalho, o autor afirma que são três os lugares a serem considerados para a realização de uma abordagem histórica a partir do enfoque da HIL: o institucional, o dos produtos do conhecimento lingüístico (obras fundadoras ou referenciais) e o dos autores ou grupos que produzem um determinado saber (sujeitos da ciência).

Em nosso entendimento, esta consideração perpassa todo o desenvolvimento de nossa pesquisa, pois buscamos levantar dados e fatos institucionais e também explicitar, por meio de redes de filiações, de memória, quais são os grupos que produzem e/ou divulgam a AD no Rio Grande do Sul.

Destacamos também o trabalho de pesquisadores como o professor Dr. José Horta Nunes, que realizou seu doutoramento em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (1996), sob orientação da professora Eni Orlandi. Sua tese intitulada: *Discurso e instrumentos Lingüísticos no Brasil: dos relatos de viajantes aos primeiros dicionários* foi realizada sob uma perspectiva da HIL e reconstitui o percurso de uma história da lexicografia brasileira, considerando as instituições, os acontecimentos, os temas e o estabelecimento de uma língua nacional.

Nunes possui vários artigos relacionados à História das Idéias Lingüísticas, entre eles: *Lexique Et Langue Nationale. Elements D'Histoire de La Lexicographie Au Brésil* publicado na revista *Langages*. Também é organizador e autor de livros relacionados à área, como por exemplo, **Dicionários no Brasil: Análise e História do Século XVI ao XIX.** (2006), **Formação do Leitor Brasileiro: Imaginário da Leitura No Brasil Colônia** (1994), **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro** (2002). Realizando um levantamento dos textos publicados pelo autor, podemos constatar que os trabalhos do professor Horta Nunes relacionam-se principalmente a temas como discurso sobre/da cidade e discurso lexicográfico.

Entre os projetos de pesquisa que este participa ou participou, como pesquisador integrante e ou orientador, destacamos os voltados para HIL: *Dicionários Brasileiros de Língua Portuguesa do Século XX: História e Análise; História das Idéias Lingüísticas Idéias Lingüísticas no Brasil: Ética e Política das Línguas; O discurso popular em dicionários brasileiros de língua portuguesa; O Controle Político da Representação: uma História das Idéias; Documentação Lingüística: arquivo, instrumentação, divulgação*, sendo que os dois últimos encontram-se ainda em desenvolvimento.

Outra pesquisadora que possui trabalhos significativos vinculados a HIL é Mariza Vieira da Silva, que possui doutorado em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (1998) e pós-doutorado pela *École Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines* de Lyon, França (2001). A tese de doutoramento da professora Mariza Vieira da Silva, que também teve como orientadora a professora Eni Orlandi, intitula-se: **História da Alfabetização no Brasil - A constituição de sentido e do sujeito da**

escolarização. Esta tese tem como tema a alfabetização e objetiva compreender o processo de constituição dos sentidos e do sujeito da escolarização no Brasil.

Entre os diversos trabalhos de Vieira da Silva, destacamos o texto “Alfabetização, escrita e colonização”, publicado na obra **História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional**, organizado por Eni P. Orlandi. Neste texto, a autora apresenta reflexões em torno da história da alfabetização no Brasil que nos permitem compreender a inscrição dos ‘brasis’ do século XVI em outro mundo dentro da escrita alfabética e do saber lingüístico.

A professora Bethania Mariani, que possui doutorado em Lingüística pela UNICAMP e pós-doutorado em Stanford University, SU, Estados Unidos, também coordena projetos relacionados à HIL, dos quais destacamos o “*Por uma história da política lingüística portuguesa. Línguas e formação de estados nacionais do passado ao presente*”. Este projeto busca mapear a política lingüística portuguesa e analisar os deslocamentos de sentidos da língua portuguesa como objeto simbólico, nessa sua trajetória através dos continentes.

Mariani possui vasta produção relacionada ao programa HIL. Publicou Inúmeros artigos, como por exemplo, *A questão das línguas no Brasil colônia até o século XVIII e os tratados de história do Brasil* (2003); *Colonização Lingüística e efeitos de memória* (2003) e capítulos de livros, como por exemplo, *A Institucionalização da Língua, história e cidadania no Brasil do Século XVII – O papel das Academias Literárias e da Política do Marquês de Pombal*, no já citado livro **História das Idéias Lingüísticas construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional**, organizado por Orlandi. E, também *L'état, l'église et la question de la langue parlée au Brésil*, em **History of Linguistics** 1999, organizado por Sylvain Auroux. Mariani também é autora do livro **Colonização lingüística: Brasil (séculos XVI a XVIII) e estados Unidos da América (século XVIII)**, publicado em 2004, no qual apresenta os resultados de pesquisas realizadas junto ao projeto HIL no Brasil, por um período de 5 anos.

Após este breve panorama sobre as pesquisas realizadas no âmbito da HIL no Brasil, ressaltamos que nosso trabalho, além de inserir-se nesta perspectiva, também

está relacionado com a ótica da AD. Buscamos partir de uma perspectiva teórica que pode ser vista como 'uma articulação da AD com a História das Idéias Lingüísticas' (Horta Nunes, 2007). Esta articulação permite que, ao tratarmos de temas abordados pela HIL, como conceitos, teorias, autores, instituições, periodização, o façamos de maneira específica, através de uma abordagem discursiva.

Guimarães (2002), ao referir-se ao que seria uma história das idéias, coloca:

Trata-se para mim, de poder acompanhar como certos conceitos, certas noções, certas categorias se constituíram e como ao permanecerem mudaram, ou ganharam contornos específicos. Ou seja, em que momento encontramos acontecimentos pelos quais um conceito se constitui, permanece ou se torna outro (p.13).

A importância de conhecermos este processo se dá também porque entendemos que é a partir da sua disciplinarização que a AD insere-se na produção do saber acadêmico gaúcho, ganhando espaço a partir da divulgação e da circulação de trabalhos e pesquisas realizadas nos cursos de pós-graduação. Pois, para nós, no Brasil, a história da constituição da disciplina de AD não pode estar desvinculada da história dos Programas de Pós-Graduação em Letras, e menos ainda da história de vida acadêmica de seus sujeitos-professores.

Nesse sentido, precisamos também conhecer a formação dos sujeitos-professores que estão no cerne da constituição da disciplina em questão nas instituições. E isto porque, de acordo com Gregolin (2004, p.11),

[...] a leitura da teoria do discurso na História: eis uma questão que nos desafia permanentemente e que deve levar-nos a vasculhar os documentos a fim de interpretar os vestígios da historicidade dos conceitos que mobilizamos no campo do saber que nos situamos.

Para nós, a ausência de uma reflexão sobre a história produz demarcações territoriais que multiplicam os rótulos a partir de deslocamentos, inversões, apagamentos do percurso de construção dos conceitos e de seus formuladores.

Nosso objetivo principal, com este trabalho, não é o de encontrar esta ou aquela Análise de Discurso, ou ainda demarcar territórios, afirmar quem faz ou não AD. Entretanto, não podemos deixar de assinalar quais os profissionais que, no estado do Rio Grande do Sul, primeiro trabalharam esta disciplina, a designaram e a configuraram,

Para entendermos e conhecermos o processo de disciplinarização da AD no RS foi necessário recorrermos a um arquivo constituído por documentos institucionais diversos. Inúmeras foram as questões que surgiram durante a coleta de dados, entre elas, por exemplo, questões relativas ao conhecimento das concepções de discurso presentes em nosso estado (nos programas de pós-graduação) e seu contexto de produção, também a “falta” ou talvez o “desconhecimento” do lugar institucional de muitos pesquisadores que tratam de questões relativas ao discurso no Estado.

Tais documentos possibilitam-nos responder a essas questões fundamentais que nos dão acesso ao modo como estes estudos influenciaram as pesquisas em AD realizadas no Rio Grande do Sul, a saber, a partir de quais teóricos este campo do saber chegou aos Cursos de Pós-Graduação e quais foram os conceitos trabalhados inicialmente.

Assim, o trajeto que se configurou para nosso estudo, levou-nos a traçar as redes de filiações históricas que se constituíram no percurso da disciplinarização da AD no RS. Para tanto, norteamos-nos pelos seguintes questionamentos: Quais são os sujeitos que ministram as disciplinas ligadas aos estudos discursivos no RS? Qual a formação que esses sujeitos tiveram para ministrar tais disciplinas? Quais influências teóricas sofreram em seu percurso e quais as bibliografias utilizadas por eles?

A fim de elaborarmos um panorama da AD no RS, realizamos um mapeamento, elencando os pesquisadores que se filiam nos estudos em AD no estado, em quais instituições atuam e qual sua formação, pois, baseando-nos em Orlandi (2001, p. 50), entendemos que “uma metodologia dentro desta perspectiva (HIL) trata de seu objeto lingüístico pela construção de sua história”.

Em relação à História das idéias Lingüísticas, Orlandi (2002a, p.12) afirma ainda que

[...] podemos classificar em três categorias as iniciativas de contar essa história, são elas: a) as dos que visam constituir uma base documental para pesquisa empírica; b) as que estão em continuidade com uma prática de conhecimento da qual derivam; c) as que têm um papel fundador, que se voltam para o passado com a finalidade de legitimar uma prática científica contemporânea.

Nessa história, procuramos conhecer os processos de disciplinarização do campo de saber da AD no RS, tanto por meio de sua nomeação e designação nas instituições pesquisadas, como por seus movimentos e deslocamentos. Realizamos nosso trabalho em consonância com Lagazzi-Rodrigues (2007) quando a autora coloca que “A história das Idéias Lingüísticas é uma história sempre tensa, marcada por injunções, possibilidades e apagamentos”. E são a essas injunções, possibilidades e apagamentos que procuramos dar visibilidade neste trabalho.

Sabemos que, ao levantarmos estas questões, precisamos fazer uma leitura cuidadosa dos arquivos, ainda mais que os estudos em AD são relativamente novos se comparados a outras disciplinas, e que muitos pesquisadores ainda estão construindo seu percurso dentro deste campo de estudo.

3 A ANÁLISE DE DISCURSO NO RIO GRANDE DO SUL

3.1 Do arquivo e do corpus

Para recuperarmos a história da disciplinarização da AD nas instituições gaúchas, adotamos a perspectiva de arquivo proposta por Pêcheux (1997), como 'campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão'. Cabe salientar que não entendemos que o arquivo de nossa pesquisa (programas, bibliografias, etc.) possua somente dados objetivos, "de onde estaria excluída a espessura da história, mas como materialidade discursiva que traz as marcas da constituição dos sentidos" (NUNES, 2005, p.02.).

Orlandi (1996, p.54.) afirma que a "AD é um marco na HIL, em uma mudança que toca essa distinção entre história e historicidade". Para Nunes (Ibid.), o termo historicidade funciona para diferenciar a posição do analista de discurso em relação à do historiador. Para o analista, a história é constitutiva de sentidos e não mais como pano de fundo. Assim, para nós, conforme o autor (Ibid.), o material de arquivo está sujeito à interpretação e não vem a ser um espaço de comprovação.

Consideramos ainda a afirmação de Guilhaumou e Maldidier de que

Todo arquivo, principalmente manuscrito, é identificado pela presença de uma data, de um nome próprio, de uma chancela institucional etc., ou ainda pelo lugar que ele ocupa em uma série. Essa identificação puramente institucional é para nós insuficiente: ela diz pouco sobre o funcionamento do arquivo. (1997, p. 164)

O analista precisa construir dispositivos de análise de arquivo, em que se possa observar os processos de constituição dos sentidos e consiga ultrapassar esta relação imediata com as instituições (Nunes, 2005).

Em nosso entender, a construção do arquivo em si é tão importante quanto a construção dos dispositivos de análise de um arquivo, pois é a partir da constituição do arquivo que a pesquisa se 'corporifica'.

Difícil é o trabalho do pesquisador ao construir um arquivo, pois cabe a ele levantar o maior número de fontes possíveis para a sua análise, o que faz com que ele produza uma busca incessante de fontes que possam contribuir para o desenvolvimento de seu trabalho. Nas palavras de Fávero (2004), esta é uma empreitada perigosa no que diz respeito à dificuldade do acesso à documentação, à dispersão deste e, especialmente, ao estudo da documentação.

O acesso aos documentos que constituem o arquivo para esta pesquisa, a qual objetiva a compreensão do processo da disciplinarização da AD no RS, ocorreu de maneira diversa nas duas instituições pesquisadas, UFRGS e PUCRS, o que faz com que o arquivo disponível para esta pesquisa, referente a cada uma das instituições, não seja uniforme. Salientamos, então, que a variedade do nosso corpus de pesquisa relacionado às instituições estudadas dá-se de acordo com a disponibilidade de materiais no acervo dos Cursos de Pós-graduação em Letras das referidas universidades.

Em um primeiro momento, julho de 2006, tivemos acesso direto aos arquivos do PPGL, arquivos estes que eram constituídos de programas de disciplinas e bibliografias, ainda mimeografadas, datados desde o ano de 1979. Também tivemos a oportunidade de conversarmos com a professora Dr. Leci Barbisan, a qual disponibilizou-nos os diários de classe das disciplinas que ministrou na instituição desde o ano de 1987, ano em que a disciplina AD é nomeada pela primeira vez na instituição.

Neste primeiro momento, nosso arquivo foi constituído por dois programas da disciplina de Análise do discurso (com lista de conteúdos e bibliografia), quatro diários

de classe da disciplina de Análise do discurso I (com lista de conteúdos e referências bibliográficas), cinco diários de classe da disciplina de Análise do Discurso II (com lista de conteúdos e algumas referências a teóricos), um diário de classe da disciplina Tópicos em AD, um da disciplina Seminário em AD, três da disciplina Seminários em Teoria do Discurso, três de Tópicos da Teoria do discurso e dois diários da disciplina Teorias do discurso.

O segundo momento da constituição deste arquivo ocorre em junho de 2006, quando a professora Freda Indursky esteve em Santa Maria, na ocasião da realização de uma banca de qualificação e, em reunião no Laboratório Corpus, forneceu-nos pistas sobre a fundação da AD na UFRGS.

A partir de dados mencionados pela professora Freda, buscamos junto ao PPGL da UFRGS, em setembro de 2007, documentos para a constituição do nosso arquivo. Nesta instituição, tivemos acesso aos arquivos através de um funcionário do programa. Nosso acesso não foi direto, não manuseamos todo o arquivo do PPGL; tivemos acesso ao material disponibilizado por um funcionário do PPGL da UFRGS, que forneceu-nos fotocópias do programa e bibliografia das disciplinas *Fundamentos da Análise do discurso e Teoria da Análise de discurso*, presentes no ementário da instituição do ano de 1996.

Em um terceiro momento, em novembro de 2007, foi disponibilizado a nós, por outro funcionário do programa, fotocópias de dezesseis grades de horários (nas quais constam as disciplinas ministradas no Curso de mestrado em Estudos da linguagem, área de concentração: Teorias do texto) que correspondem ao período de 1996 até 2006, sendo que há uma lacuna no que diz respeito ao espaço de tempo referente aos anos 2003-2005. Também consta neste arquivo o montante de cinco fotocópias de diários de classe das seguintes disciplinas: *Sintaxe e discurso, Fundamentos da AD, Teoria da Análise de discurso, Discurso e Sintaxe*.

Através de uma primeira leitura do arquivo constituído até este terceiro momento de coleta de dados, percebemos a necessidade de ampliarmos nosso arquivo antes de configurarmos nosso corpus. Movimento de (re)configuração de arquivo que ocorreu porque entendemos que “a leitura do arquivo deve ser antes um ato político no interior

de um espaço de leitura polêmico, onde se produzem e se reproduzem discursos” (Silveira, 2000, p. 122).

Foi esta leitura que nos levou a trazer para o nosso arquivo o currículo Lattes das professoras que ministravam as disciplinas citadas anteriormente, pois é por meio da plataforma Lattes que encontramos sustentação institucional para montarmos as relações de filiações (acadêmicas/científicas) que apresentamos no decorrer de nossa análise. A partir deste momento, também, é que trouxemos para nosso arquivo alguns sumários de exemplares de revistas como *Langages*, *Langue Française*, citadas em bibliografias de alguns programas de disciplinas, pois estas configuravam como base de alguns programas de disciplinas analisados, o que nos levou a questionarmos o conteúdo destes exemplares, quais os artigos e temas abordados nos exemplares relacionados.

Optamos por descrever a composição do nosso arquivo com o intuito de explicitarmos e justificarmos os trajetos tomados por nós a partir dessa composição diversificada, para formarmos nosso corpus de pesquisa. Entendemos ainda, a partir de Guilhaumou e Maldidier (1997), que

[...] o arquivo não é o reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social. O arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes (p. 164).

Nosso arquivo é formado por esta diversidade de materialidades, pois entendemos que em um trabalho perpassado por questões da AD e da HIL é de fundamental importância a construção de um arquivo que recubra vários aspectos das questões de pesquisa e que possa auxiliar na (re)configuração do corpus quantas vezes for necessário durante a elaboração do estudo.

Após realizarmos esse conjunto de descrições textuais e históricas, apresentaremos a análise do corpus desta pesquisa, pois de acordo com Guilhaumou e Maldidier (ibid.), esse é o momento da relação com a materialidade da língua, com a

história, com o real. Para tanto, não buscamos realizar uma descrição sistemática do corpus, mas sim chegar às estratégias discursivas atreladas à constituição da disciplinarização da AD, por meio da leitura dos arquivos (instrumentos tecnológicos) que constituem este Corpus.

Nossa análise não tem a pretensão de dar conta desta multiplicidade de dispositivos textuais disponíveis, no entanto recorreremos a estes dispositivos sempre que necessário para compreendermos algumas das questões levantadas neste trabalho, pois entendemos que

[...] o corpus não é mais um conjunto estanque de textos, é um conjunto sem fronteiras no qual o interdiscurso, exterior, irrompe no intradiscurso. Sua construção supõe renunciar ao sonho de uma interpretação fechada e garantida por uma leitura explicitada em proveito de uma leitura-escrita e de uma “política de interpretação” que se basearia na avaliação das “forças de interpretação em uma conjuntura” (MAZIÈRE, 2007, p. 61).

Para nós, o corpus constitui uma ‘rede de memórias’ (Mazière, 2007), nada estática, onde a todo o momento, na medida em que se faz necessário, ao decorrer das análises, nos permite recorrer aos arquivos e (re)configurar seu estado.

Outro ponto importante que ajudou nosso gesto de interpretação foi a questão teórico-analítica sobre designação e nomeação. Pois, em um primeiro momento, o que nos interessou foi o movimento nas nomeações, designações e conseqüentemente, a significação da disciplina de AD no RS.

Utilizamos como pressuposto teórico, para tratarmos desta questão da nomeação e designação, os estudos de Guimarães (1995, 2002). O autor, ao tratar da referência de um nome próprio, afirma que esta ‘resulta do sentido do nome constituído por seu funcionamento no acontecimento enunciativo’. Para Guimarães (2005), este acontecimento constitui o próprio passado, isto é, o que um nome refere hoje é o que uma nomeação passada nomeou.

Tomando tal afirmação em consideração, e transpondo essa questão dos nomes próprios de pessoas para o nome de uma disciplina, entendemos que os sentidos dados por determinada disciplina e o que ela significa em determinada instituição, em

determinada época, é resultado de “toda sua história de nomeações, renomeações e referências realizadas com suas temporalidades próprias” (Guimarães, 2002, p.42). Embora o processo de nomeação seja algo importante, diremos até um ato político no interior da instituição, a nomeação da disciplina não é propriamente o ponto principal de nossa questão, mas sim a designação desta, já que tomamos designação no sentido em que Guimarães coloca:

A designação é o que se pode chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto relação lingüística (simbólica) remetida ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história (GUIMARÃES, 2002, p.09)

As posições teórico-metodológicas que vão se delineando no interior das grades de conteúdos programáticos levam a AD como disciplina a ir (re) significando, sendo designada de forma outra, escapando do controle do que pode ou não ser dito. Tentando controlar sentidos, interpretações, a partir de um ato político de controle sobre o que ‘pode’ ser dito em determinada instituição, a disciplina é (re)nomeada, para não mais significar daquela forma não desejada. Ao ser renomeada, a disciplina que inicia, por exemplo, na PUCRS, como Análise de discurso, é diversas vezes renomeada e, assim, também vai assumindo diferentes designações, o que permite uma constante e ininterrupta ‘construção/desconstrução discursiva’ (Indursky, 1999) do que é entendido como AD no programa da instituição.

Nosso corpus foi configurado à medida que buscávamos meios de compreender a problemática da disciplinarização da AD no RS e, ao levantarmos esta questão da disciplinarização, temos como pressuposto teórico as reflexões de Chiss e Puech (1999), que consideram que a noção de disciplina não possui no campo da historiografia e da epistemologia dos conhecimentos o mesmo prestígio que uma teoria, um saber ou uma ciência¹⁸, já que estas noções fazem parte de uma “metalinguagem

¹⁸ No original : *À l' évidence, la notion de discipline n' pás, dans le champ de l' historiographie et de l' épistémologie des connaissances, le même degré de dignité (prestige) que celles de « Théories », de « savoir » ou de « sciences »* (1999, p.15)

historicamente construída”, seus conhecimentos são avaliados através de critérios já postos, por meio de modelos anteriormente pré-estabelecidos.

De acordo com Chiss e Puesch (Ibid., p.15.), no campo das Ciências Humanas a noção de disciplina é vaga, o que faz com que seu uso “remeta a um recorte dos centros de interesse e dos objetos do conhecimento”. Questionamo-nos neste trabalho sobre os sujeitos que realizam estes recortes, sobre qual lugar teórico-institucional ocupam ao realizar este recorte.

Em consonância com Chiss (citado por Santos, 2004), entendemos que a disciplinarização refere-se ao processo em que determinados saberes são postos na ordem institucional de uma disciplina. Interessa-nos saber como esses conceitos são mobilizados, de que forma, por quem, isto é, interessa-nos conhecer qual a ‘política’ presente nesta escolhas.

Para Scherer (2007, p.09), “história nenhuma se faz sem sujeito”. Em nosso entendimento, são esses sujeitos professores/ pesquisadores/ orientadores que configuram a disciplina nas instituições universitárias do RS. Estes, possivelmente são afetados pela filiação teórica pechetiana da AD, como também pelos ‘instrumentos produzidos por Orlandi’; entretanto, ao observarmos as seleções de bibliografias e noções a serem trabalhadas na disciplina AD, apresentam sua própria configuração para a disciplina, acrescentando relações com teóricos como Foucault, Bakhtin, Lacan, Courtine, Authier-Revuz entre outros. Com isso, vão trilhando novos caminhos, novas interpretações, o que, segundo Auroux (1992) não constitui um apagamento do passado. Para o referido autor (Ibid.), este movimento é constituído pela ‘temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber’.

Segundo Auroux (1992, p. 12),

Porque é limitado todo o ato de saber possui, por definição uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão, assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com freqüência, ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.

No tocante à emergência da disciplinarização da AD no RS, temos que considerar ao mesmo tempo um passado e um futuro. Em nosso entender, temos como horizonte de retrospectiva os trabalhos de Pêcheux (na França) e Orlandi¹⁹ (no Brasil). Já as relações que são feitas no momento de configuração da disciplina, e por meio das escolhas de conceitos, autores e até mesmo designações, para nós, apontam para um horizonte de projeção.

Nesse sentido, conforme aponta Cervo (2007) em sua dissertação, quando se faz um recorte do objeto de conhecimento por uma filiação a uma teoria e não a outra, está se praticando uma forma de política de língua e também de política de ciência. E, ao analisarmos os programas (conteúdos e bibliografias) da AD da PUCRS e da UFRGS, consideramos que eles são 'produções de sujeitos constituídos ideologicamente em condições históricas específicas (cf. Guimarães, 2004).

Guimarães (Ibid., p16) sublinha ainda que “os sujeitos para produzirem conhecimento, se acham individualizados pelas instituições a que estão vinculados”. Assim, a AD que se apresenta nas instituições gaúchas é resultado tanto de uma política institucional como de uma formação teórico-acadêmica do profissional que ministra a disciplina.

3.2. A disciplinarização da Análise de Discurso no RS

Conforme Ferreira (2007), a AD brasileira já possui uma história consistente que vem sendo construída há cerca de 30 anos. Considerando esta afirmação, é possível traçarmos o percurso de tal história no Rio Grande do Sul, mesmo sendo ela recente, isto é, uma história do tempo presente.

¹⁹ Tomamos Orlandi não como fundadora, mas como predecessora, pois segundo Scherer (2007), é em torno da pessoa de Eni Orlandi e seu trabalho no IEL que o domínio de memória (em AD) instala-se e institucionaliza-se.

Como já salientamos anteriormente, para termos um panorama geral da institucionalização da AD no RS, realizamos o mapeamento de quem são os pesquisadores que trabalham/trabalharam com essa disciplina no Estado, em qual instituição atuam e qual foi sua formação, pois são estes pesquisadores que mobilizam os conhecimentos a serem trabalhados na disciplina de AD, que de acordo com o que é possibilitado pela dinâmica institucional a qual estão inseridos, delimitam as fronteiras desta disciplina. São as práticas científicas destes profissionais que afetam a produção e circulação de conhecimento sobre AD no RS, bem como a disciplinarização desta.

Para Lagazzi-Rodrigues (2007, p. 17), “a cientificidade (se faz) (n)um lugar institucional. A cientificidade e a representação dessa cientificidade.” Dessa forma, para conhecermos a história da AD no RS, buscamos como suporte para nossa pesquisa os dados e fatos referentes à disciplinarização da AD nos Programas de Pós-graduação em Letras da PUCRS e da UFRGS. Tais instituições foram selecionadas para a realização desta pesquisa por serem dois pólos importantes de formação acadêmica e divulgação científica neste Estado, além de serem ‘pioneiras’ na oferta de curso de doutorado em Lingüística no Estado.

A professora Dr. Regina Zilberman, em entrevista²⁰ concedida à equipe do Laboratório Corpus/UFSM, ao ponderar sobre a importância do curso de pós-graduação da PUCRS (instituição em que atuou entre os anos de 1977 e 2007), afirma que quase todos os doutores formados pelo PPGL da PUC-RS, hoje, são professores em universidades e formaram outros doutores. É por meio destas relações de formação que a professora observa uma ligação entre os programas de pós-graduação no RS, afinal, Zilberman, ao referir-se ao papel da PUCRS na formação de pesquisadores em Letras, coloca que:

Nós vamos formando, vamos estabelecendo essa cadeia e eu acho que isso tem importância pelo menos para o RS. Quer dizer, hoje o trabalho que fizemos na Lingüística, por isso que eu estou dizendo que não é uma coisa minha, é do curso, tem um impacto muito bom no curso de Lingüística da Federal, porque boa parte dos professores da Federal do RS, que atuam lá na pós-graduação, fizeram doutorado conosco na PUCRS. É claro que tem o contrário, os nossos professores podem fazer na UFRGS, podem fazer em Santa Maria, quer dizer,

²⁰ fragmentum 5 - ‘A formação da pós-graduação em letras no Rio Grande do Sul’.

a existência desse sistema de pós-graduação fica garantida porque nós estamos fornecendo doutores, que, por sua vez, fornecem outros, que formam os nossos também, não é? (2001, p.26)

São os cursos de doutorado que possibilitam a formação de pesquisadores que por sua vez irão formar outros pesquisadores. E, como no nosso entendimento a disciplinarização da AD constitui-se de uma prática científica dos profissionais das instituições que possuem pós-graduação, interessamo-nos em saber quem são estes profissionais que atuam como formadores de sujeitos-pesquisadores.

Considerando, então, a importância dos cursos de pós-graduação da PUCRS e da UFRGS na formação de pesquisadores, buscamos tecer em nosso trabalho uma teia, na qual podemos visualizar as relações de filiação teórico/institucional entre os pesquisadores que realizam trabalhos sob a perspectiva teórica da AD.

Para tanto, utilizamos como fonte de pesquisa dados do CNPq bem como documentos fornecidos pelos programas de Pós-Graduação em Letras da PUC/RS e da UFRGS, os quais provêm de resumos de teses e dissertações, programas das disciplinas e diários de classe. Tivemos acesso a vinte e três cadernos de chamada (com conteúdos programáticos) e a duas referências bibliográficas por meio do PPGL da PUCRS. Já no que concerne ao PPGL da UFRGS, nosso arquivo é constituído de dois relatórios anuais de curso e dezesseis grades de horários em que constavam as disciplinas ofertadas em cada semestre letivo.

Apresentaremos a seguir um quadro comparativo que servirá para constituirmos as teias de relações traçadas em nosso trabalho. Formamos este quadro a partir de consulta na grade curricular dos programas de pós-graduação da PUCRS e da UFRGS e destacamos o ano em que AD é disciplinarizada em cada uma das instituições. Logo após, buscamos saber quais foram os professores, pesquisadores que primeiro ministraram a disciplina nestes programas. Vejamos o quadro 05 a seguir:

 <p>Ano de Criação do curso de doutorado: 1970</p> <p>Disciplina: Análise do Discurso Ano: 1987 Professora: Leci Barbisan</p>	 <p>Ano de Criação do curso de doutorado: 1991</p> <p>Disciplina: Teoria da Análise do Discurso Ano: 1996 Professora: Freda Indursky</p> <p>Disciplina: Fundamentos da Análise do Discurso Ano: 1996 Professora: Maria Cristina Leandro Ferreira</p>
---	--

Quadro 05: Disciplinarização da AD no RS

Ao pesquisarmos sobre a formação das professoras, apresentadas na figura 01, cujos nomes figuram como sendo as primeiras a ministrar a AD nos programas das instituições em que atuam, podemos observar que as duas professoras da UFRGS, Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira, apresentadas na figura 01, possuem uma formação na área de Análise de Discurso, realizada na Unicamp, sob a orientação da professora Eni Orlandi. Já a professora Leci Barbisan realizou seu doutorado em lingüística e fonética sob a orientação da professora Louise Dabène, na Université Grenoble III, França.

Conforme o mencionado anteriormente no item 3.1, tanto os programas da AD nas instituições como a compreensão do percurso teórico-acadêmico e de orientações realizadas por estas três professoras (Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Leci Barbisan), já que são elas as pioneiras em ministrar as disciplinas na PUCRS e na UFRGS respectivamente, contribuem para o entendimento do percurso de disciplinarização da AD no RS.

3.3 A Análise de Discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

O Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da PUCRS foi criado no início da década de 70 e, no ano de 1977, foi implantado o curso de doutorado, nas áreas de Lingüística Aplicada e Teoria da Literatura. Conforme dados já relatados anteriormente, desde sua implementação até hoje já foram formados na instituição mais de duas centenas de doutores, número significativo que serve para reafirmarmos a importância do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS no cenário acadêmico gaúcho e, do mesmo modo, para ressaltarmos o motivo pelo qual escolhemos, também, esta instituição para a realização de nossa pesquisa.

Constituímos nosso arquivo com o objetivo de entendermos como se dá a disciplinarização da AD na PUCRS. Para tanto, realizamos uma análise de documentos provenientes deste processo (nosso arquivo, relativo à PUCRS, é formado por um montante de 21 programas de disciplinas relacionadas ao campo do saber da Análise de Discurso). A AD emerge nas grades curriculares da instituição no ano de 1987 e, até o ano de 2004 (data dos últimos programas aos quais tivemos acesso), esta disciplina configura-se de diversas maneiras e recebe diferentes designações.

Destacamos que em todos os programas aos quais tivemos acesso o nome que figura como sendo a professora titular da disciplina é o de Leci Borges Barbisan. Esta professora ingressou nos quadros funcionais da PUCRS no ano de 1970, porém só assumiu uma cadeira no programa de pós-graduação da instituição no ano de 1985, com a ida do professor Ignácio Antônio Neis para a UFRGS. Coincide com a chegada da professora Leci no programa de pós-graduação o constante crescimento dos estudos discursivos nas grades curriculares da PUCRS, até o surgimento da disciplina de AD propriamente dita, dados que podemos observar nos ementários do PPGL. De acordo com os programas e ementários encontrados nos arquivos do PPGL da PUCRS, é a Prof^a Leci Barbisan quem ministra pela primeira vez na instituição uma disciplina intitulada AD.

Uma maneira de conhecermos o percurso da disciplinarização da AD no RS foi a busca de dados referentes à Professora Leci Barbisan no portal do CNPq, já que após

o levantamento das teses de doutorado defendidas na PUCRS podemos observar que Barbisan foi a orientadora da maioria de teses que utilizam a AD como aparato teórico (na instituição). A partir de dados coletados no currículo Lattes²¹ de Leci Barbisan, observamos que esta orientou até a presente data (maio de 2007) quarenta e uma dissertações e vinte e cinco teses, sendo que a primeira dissertação por ela orientada foi concluída no ano de 1988 e a primeira tese, no ano de 1990.

Por meio desse levantamento, selecionamos o montante de dezoito teses compreendidas entre o período de 1990 e 2002. Este recorte temporal foi realizado com base nos programas por nós levantados, nos quais se verifica que a disciplina AD, na PUCRS, foi ministrada entre o período de 1987 e 2001.

Cabe ressaltarmos que o critério utilizado para a seleção das teses de doutoramento como objeto da pesquisa, foi o de que, após obterem o grau de doutor, estes pesquisadores também se tornam formadores. A própria professora Leci formou muitos professores e pesquisadores que hoje estão atuando na PUCRS ou em outras instituições de ensino superior e programas de pós-graduação tanto na capital gaúcha como no interior do Estado e alguns deles continuam trabalhando com o aparato teórico da AD.

Uma das questões que permeiam esta pesquisa é saber quem é o 'sujeito analista de discurso' no RS. Esta questão permeia toda a nossa problemática inicial, pois como fazer a história da disciplinarização da AD sem a vincularmos com o sujeito que faz parte dessa história? Neste ponto, consideramos, então, além da 'formação analista de discurso' institucional, vinculada a uma rede de filiações, também aqueles sujeitos que escrevem trabalhos utilizando-se do pressuposto teórico da AD.

Realizamos um levantamento de títulos e resumos das teses orientadas pela professora Leci Barbisan e observamos que nove delas apresentam em seus resumos e/ou títulos, elementos que as inscrevem no domínio disciplinar da AD. Vejamos o quadro 06:

²¹ Fonte: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=B098644> . Acesso em: 02/05/2007

01	<p>Formações Discursivas da Classe Operária Brasileira Na Primeira República. (1993)</p> <p>Caracterização das formações discursivas e suas transformações nos segmentos operários e lideranças sindicais do país durante uma década e meia de Primeira República (1889-1915), através de artigos coletados no Centro de Memória Sindical do País e no Arquivo Histórico Edgar Levenrolh – UNICAMP, com base na teoria da enunciação e análise do discurso.</p>
02	<p>Na Inconsistência do Humor, O Contraditório da Vida; O Discurso Proverbial e O Discurso de Alterações (1994)</p> <p>Estudo da compreensão do funcionamento discursivo de provérbios e de suas alterações com finalidade humorística, nos textos do Barão de Itararé, com base na teoria da análise do discurso.</p>
03	<p>O Povo Cala e Fala; O Discurso do Samba-Enredo de 1964/65 A 1989/90. (1995)</p> <p>Estudo da formação discursiva carnavalesca através do samba-enredo carioca, durante o período de vigência do sistema político introduzido em 1964.</p>
04	<p>Discurso e relações de gênero: sob o signo da contradição, o rompimento com o senso comum e a instauração do sentido/outro (1999)</p> <p>Estudo do funcionamento do chamado discurso de gênero, através da análise de anúncios publicitários sobre a figura feminina, integrando os campos teóricos da análise do discurso de tendência francesa, a teoria dialógica da enunciação de Mikhail Bakhtin e as teorias de gênero.</p>
05	<p>A presença do outro no um; um exercício de análise em canções de Chico Buarque (1999)</p> <p>Estudo da construção do sentido no discurso em um <i>corpus</i> constituído por canções de Chico Buarque, levando em conta a dimensão do desejo como constitutiva do sujeito, segundo a terceira época da análise do discurso de Michel Pêcheux.</p>
06	<p>O discurso do predador: uma análise discursiva de contos de João Simões Lopes Neto (2002)</p> <p>Análise da questão do trabalho, no quadro do imaginário da população de Pelotas-RS, com base na Análise do Discurso, em articulação com a história, a psicanálise e a neo-escolástica.</p>
07	<p>O mesmo e o outro: a constituição dos sentidos na articulação entre lingüística e psicanálise (2002)</p> <p>Discussão da inter-relação entre as teorias de F. Saussure, S. Freud. e J. M. Lacan, na tentativa de encontrar uma possível solução ao limite teórico da Análise do Discurso que Pêcheux sugere seja superado mediante a passagem do estudo do discurso para a língua.</p>

Quadro 06: Resumos de tese com base em AD.

Dessas sete teses, uma tem explicitado em seu resumo a filiação teórica exclusiva em AD. As outras teses ou apresentarem esta filiação incluindo também em seus pressupostos teóricos outras teorias ou não explicitam nos resumos a filiação teórica em AD. Entretanto, essas que não dão visibilidade em seus resumos a designação AD trabalham com conceitos basilares da disciplina, como por exemplo, 'formação discursiva' e 'discurso'.

Outro elemento fundamental para esta análise foi a plataforma Lattes, por meio da qual acessamos o currículo de todos estes professores doutores e verificamos as

palavras-chave que os mesmos incluíram ao referirem-se as suas teses e também às Áreas ou Especialidades que eles se consideraram inclusos no momento de produção de sua tese.

Destes sete doutores, cinco classificam sua tese na especialidade Análise do discurso. Quanto à subárea alguns se colocam na Lingüística Aplicada e outros em Teoria e Análise Lingüística. Buscamos recorrências, nas palavras-chave citadas por estes pesquisadores, para sabermos quais são as noções da AD que são mobilizadas com maior freqüência pelos doutores formados pela PUCRS. Dentre as palavras-chaves mais citadas encontramos: discurso (06 vezes), sentido (02 vezes), sujeito (02 vezes).

Na figura 02, a seguir, apresentamos quem são os doutores que realizaram as teses nomeadas no quadro 06 (apresentado anteriormente) e em que instituições estão atuando:

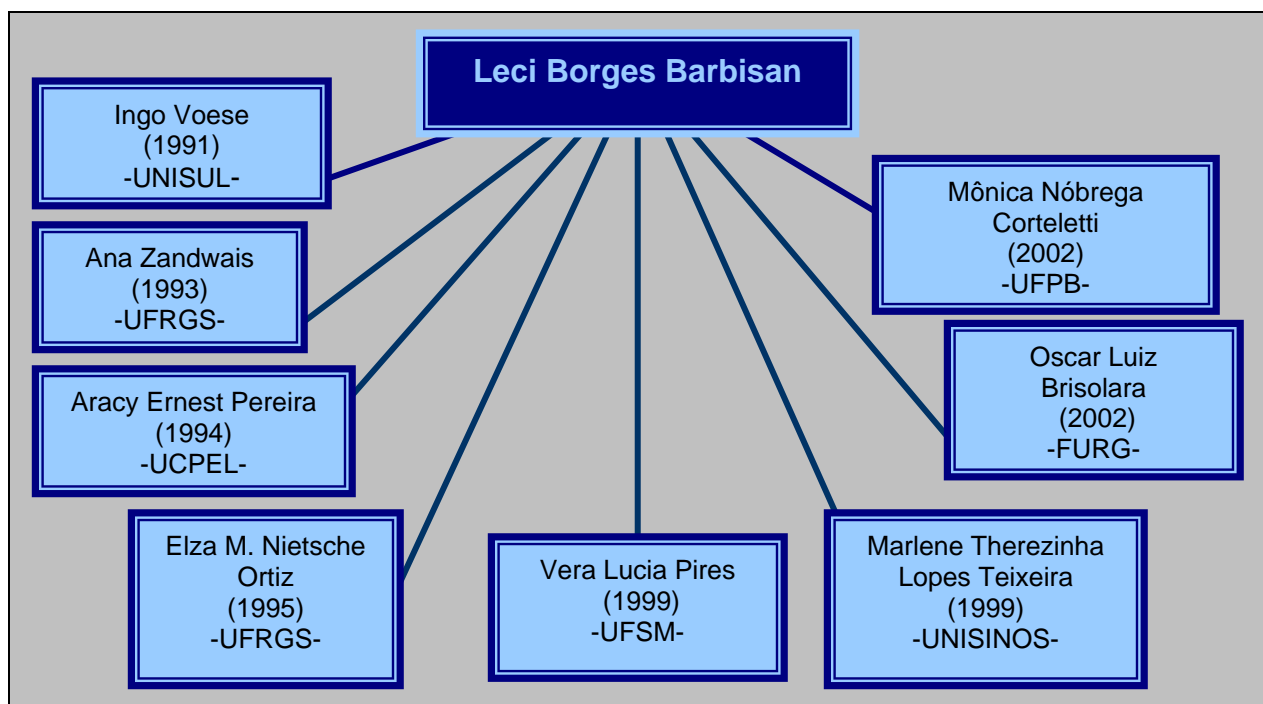


Figura 02: Doutores formados na PUCRS

Dos doutores apresentados na figura 02, dois não atuam no estado, são eles: Ingo Voese, que fez pós-doutorado na UNICAMP e continua trabalhando com AD, ministrando disciplinas e coordenando grupos de pesquisa e Mônica Nóbrega, que já ministrou a disciplina de AD, e atualmente tem trabalhado temas como psicanálise lacaniana, lingüística saussuriana, produção de sentidos, sistema, discurso e sujeito. Ana Zandwais, Aracy Ernest Pereira e Marlene Therezinha Lopes têm desenvolvido trabalhos relacionados à AD, e os demais pesquisadores ainda apresentam estudos voltados ao discurso, embora nem todos sob a perspectiva da AD.

No quadro 07, apresentamos uma relação de projetos de pesquisa orientados pela professora Leci Barbisan que, de alguma maneira, relacionam-se com a AD de linha francesa:

Ideologias subjacentes ao discurso pedagógico: ensino e aprendizagem da língua portuguesa (1991 – 1993):

Descrição: O presente estudo propõe-se a investigar os papéis atribuídos, por instituições das redes de ensino pública e privada, à disciplina de língua portuguesa, com vistas a estabelecer relações entre as condições de produção/recepção e transformação da prática pedagógica de língua materna e os discursos dos docentes da disciplina, discentes, comunidades de pais e alunos, e corpo diretivo de escolas que atendem a diferentes segmentos sociais da cidade de Porto Alegre, pretendendo-se, portanto, analisar as possíveis contradições existentes entre a) **as formações discursivas**²² das comunidades de classes dominantes e dos profissionais responsáveis pela educação e formação lingüística dessas classes; b) **as formações discursivas** das comunidades de níveis sócio-econômico baixos e dos profissionais responsáveis pela educação e formação lingüística das mesmas.

O discurso pedagógico: a presença do outro (1995 – 1997):

Descrição: Este trabalho busca compreender o funcionamento do discurso do modalizado eu acho (que) como marca que explicita, no intradiscurso, a presença do eu como autor de seu dizer e contraditoriamente denuncia as vozes que falam por ele. Esse funcionamento é abordado combinando-se algumas formulações **da análise de Discurso de linha francesa** com algumas formulações da Psicanálise, buscando articular o lingüístico, o ideológico e o inconsciente no que diz respeito à constituição do sujeito. Acredita-se possível essa aproximação já que os dois campos do conhecimento, embora não apresentem o mesmo objeto de estudo, têm em comum a concepção de que o sujeito não é dono de sua fala. A investigação foi realizada a partir de entrevistas gravadas com a comunidade escolar (diretores, supervisores, professores e alunos) com o objetivo de desvelar as diferentes posições que o sujeito ocupa no discurso pedagógico. São questionamentos da pesquisa: (1) como se verifica a heterogeneidade no discurso pedagógico? (2) como o sujeito se relaciona com outras formações discursivas exteriores à sua? (3) Existe diferença entre a posição que os sujeitos de escolas particulares e públicas ocupam em seus discursos?

O processo de construção da subjetividade: marcas lingüísticas no discurso do neurótico e do psicótico (1996 – 1998):

Descrição: O problema deste projeto se constitui na construção de um referencial teórico-

²² Grifos nossos

metodológico de análise da linguagem a partir da articulação entre a Lingüística enunciativa de Oswald Ducrot e **discursiva (de linha francesa)** e a Psicanálise freudo-lacanianiana em discursos de neuróticos e psicóticos. São objetivos específicos: (1).

QUADRO 07: Projetos de pesquisa orientados pela Profª Leci Barbisan.

Por meio dos dados levantados na PUCRS, podemos reafirmar que a história da disciplinarização da AD nesta instituição está ligada à formação do sujeito-professor-pesquisador, ao modo como ele inscreve-se no campo teórico e, principalmente, a como ele contribuiu com a teoria e ao modo como se deu sua entrada. No caso da professora Dr. Leci Barbisan, sua inclusão entre os professores pesquisadores em AD no RS ocorre na medida em que, além de participar da fundação desta disciplina na PUCRS, ela orientou um número significativo de teses e dissertações cujos pressupostos teóricos eram os da análise do discurso de linha francesa.

Outro fato importante a salientarmos é que durante o período por nós destacado para realizarmos a análise dos resumos de teses orientadas pela professora Leci (1987-2002), esta participava da Linha de Pesquisa intitulada *O Social na linguagem* que, de acordo com a descrição apresentada no Lattes²³ da referida professora, tem por objetivo desenvolver pesquisas nas áreas do texto, do discurso, da enunciação, da semântica argumentativa, com vista à teoria e à aplicação no ensino (palavras-chave: discurso-enunciação, semântica argumentativa).

Os primeiros dois programas da PUCRS analisados são do ano de 1987 (ano da disciplinarização da AD na instituição) e ambos apresentam, além do conteúdo a ser trabalhado, a bibliografia sugerida bem como uma bibliografia complementar, como podemos observar no quadro 08:

²³Fonte: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=B098644>>. Acesso em: 20/01/2008.

<p>Disciplina: Análise do Discurso Professor: Leci Barbisan Ano: 1987 Conteúdos: - Conceito de “discurso” - Abordagens do Discurso: lexicológica e sintática. - A enunciação. - A gramática do texto. - O texto político. - O texto publicitário. - A análise de conversações.</p>	<p>Disciplina: Análise do Discurso Professor: Leci Barbisan Ano: 1987 1º semestre Conteúdos: - Sujeito e sentido. - Vozes. - Polifonia. - A ironia. - O discurso relatado. - A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. - O outro no discurso.</p>
---	--

Quadro 08 - AD – 1987 A e AD 1987 B

Podemos observar, ao analisarmos os programas e ementas das disciplinas ministradas pela professora Leci, que, com o decorrer dos anos, as noções mobilizadas não possuem muitas recorrências e isto ocorre porque a disciplina está constantemente sendo designada. Assim, há alternâncias tanto na escolha dos autores como na nomeação da disciplina.

Dentro da disciplina Análise de discurso I, do ano de 1987, há uma diversidade de autores e teorias relacionadas como, por exemplo, a Análise da Conversação. Vejamos a figura 03:


 <p>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE LETRAS E ARTES CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS Av. Itália, 661 — Caixa Postal 1429 Tel. 36-9400 — Telex (0513349) 9620 Porto Alegre - RS Brasil</p> <p>DISCIPLINA: Análise do Discurso PROFESSOR : Leci Borges Barbisan PERÍODO : 1º semestre de 1987</p> <p><u>Conteúdos</u></p> <p>Conceito de "discurso". Abordagens do discurso: lexicológica e sintática. A enunciação. A gramática de texto. O texto político. O texto publicitário. A análise de conversações.</p> <p><u>Bibliografia</u></p> <ol style="list-style-type: none"> BROWN & YULE. <u>Discourse analysis</u>. Cambridge. Cambridge University Press, 1983. CHARAUDEAU, P. <u>Langage et discours</u>. Paris, Hachette Université, 1983. GOFFMAN. <u>La mise en scène de la vie quotidienne</u>. Paris, Minuit, 1973. _____. <u>Les rites d'interaction</u>. Paris, Minuit, 1974. GUESPIN. Types de discours ou fonctionnements discursifs? <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 41, mars 1971. GUMPERZ. <u>Discourse strategies</u>. Cambridge, Cambridge University Press, 1982. KERLEROUX. Le marché, une routine commerciale transformée par le jeu. <u>Langage et société</u>. LEVINSON, S. <u>Pragmatics</u>. Cambridge, Cambridge University Press, 1983. MAINGUENEAU, D. <u>Initiation aux méthodes de l'analyse du discours</u>. Paris, Hachette, 1976. _____. <u>Approche de l'énonciation en linguistique française</u>. Paris, Hachette Université, 1981. MALCOLM, C. & MONTGOMERY, M. <u>Studies in discourse analysis</u>. London, Routledge & Kegan Paul, 1981. 	<ol style="list-style-type: none"> ORLANDI, E. P. <u>A linguagem e seu funcionamento</u>. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983. PROVOST, G. Approche du discours politique: "socialisme" et "socialiste" chez Jaurès. <u>Langages</u>, Paris, Didier, Larousse, 13, mars 1969. ROBIN, R. <u>História e linguística</u>. São Paulo, Cultrix, 1977. SCHLEGLOFF. Sequencing in conversational openings. In GUMPERZ & HYNES, org. <u>Directions in sociolinguistics</u>. New York, Holt Rinehart and Winston Inc., 1972. VAN DIJK, T. A. <u>Gramáticas textuais e estruturas narrativas</u>. In CHABROL, C. et alii, org. <u>Semiótica narrativa e textual</u>. São Paulo, Cultrix, 1977. WATZLAWICK et alii. <u>Une logique de la communication</u>. Paris, Seuil, 1972. <p>REVISTAS:</p> <ol style="list-style-type: none"> <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 62, juin 1981. <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 70, juin 1983. <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 71, sept. 1983. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 9, fév. 1971. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 38, mais 1978. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 42, mai 1979. <u>Pratiques</u>. Metz, Université de Metz, 28, oct. 1980. <u>Pratiques</u>. Metz, Université de Metz, 30, juin 1981. <u>Communications</u>. Paris, Seuil, 30, 1979.
---	--

Figura 03 – Bibliografia AD PUC/RS

Chama-nos atenção o fato de textos de M.Pêcheux, fundador da AD, não aparecerem entre as leituras indicadas para a disciplina de AD. Em relação a este autor, encontramos apenas um texto, referente à introdução da revista *Langages* nº15, mas seu nome não figura na bibliografia; só fica-se sabendo disso ao consultar os sumários das revistas listadas como referência bibliográfica.

A heterogeneidade no que concerne ao referencial teórico e aos conceitos trabalhados na disciplina pode ser exemplificada, também, por meio das revistas

apresentadas na bibliografia da AD no curso da PUCRS (figura 03) Realizamos uma busca²⁴ pelos exemplares citados, observando a diversidade dos temas abordados nos mesmos. Vejamos a seguir²⁵:

Langue française. Vol. 9 N°1. Linguistique et société.

- Discours et politique

Langue française. Vol. 38 N°1.

-Enseignement du récit et cohérence du texte

Langue française. Vol. 42 N°1.

-La pragmatique

Langages, 15e année, n° 62. Juin 81.

-Analyse du discours politique

Langages, 18e année, n° 70. Juin 83.

-La mise en discours

Langages, 18e année, n° 71. Septembre 83.

-Processus discursifs et structures lexicales de Metz (1979) du Parti Socialiste

PRATIQUES, n° 28.

-Argumenter

PRATIQUES, n° 30,

- Pouvoirs des discours

Observando tanto os autores listados na bibliografia quanto os que possuem artigos nas revistas indicadas, podemos dizer que, neste momento, a AD na PUCRS tem sua designação muito próxima de uma disciplina que poderia ser nomeada como “Teorias do discurso”. Isto ocorre, em nosso entendimento, pela falta de um ‘horizonte de retrospectão’ (Auroux, 1992) que remeta a uma AD disciplinarizada no RS. Aqui, a AD enquanto disciplina está em processo de configuração.

Segundo Chiss e Puesch (1999, p.10), “é no horizonte de retrospectão que se inscreve a novidade teórica”²⁶, e este horizonte remete a um antes, que no nosso entender estaria nas relações de fundação da disciplina, ou anteriormente, a fundação do campo do saber. Nesse sentido, a disciplinarização da AD seria remetida aos estudos de M. Pêcheux, o que parece não ocorrer na PUCRS.

²⁴Busca realizada nos endereços eletrônicos: <http://www.pratiques-cresef.com/> e <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/revue/lfr> Acesso em: 04 mar. 2008

²⁵No anexo nº12, apresentamos o sumário completo destes exemplares.

²⁶ Tradução nossa: [...] l’horizon de rétrospection où s’inscrit la « nouveauté » théorique.

Podemos observar, também, no quadro 09 e 10 abaixo, as alternâncias nos conteúdos trabalhados na disciplina de AD I e AD II, ministrada aos doutorandos do PPGL da PUCRS (transcrição dos diários de classe da Prof^a Leci Barbisan):

<p style="text-align: center;">AD I (1991/1)</p> <p><u>Conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise do discurso - O conceito de discurso - A epistemologia da AD (Possenti - livro) - A AD e o materialismo histórico (introdução tese Courtine) - O materialismo dialético e o materialismo histórico (Politzer) - A noção de condições de produção (cap. 2 Courtine) - Interdiscurso, intradiscurso, pré-construído, enunciado (cap. 3) - Sujeito e ideologia (fim cap.3 e Chauí) - O conceito de memória discursiva (cap. 4 Courtine) - O Corpus para a AD (cap.4 Courtine) - Enunciado, formulação, discurso e memória (cap.4) - O corpus para a pesquisa (cap.5) - A definição do tema de discurso - Análise de dados a partir do tema de discurso (cap.6) - Análise de discursos (CEPERS X governo) 	<p style="text-align: center;">AD I (1993/1)</p> <p><u>Conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Análise do discurso e análise lingüística (Possenti: artigo da série Estudos: AD) - A AD e o materialismo histórico (introdução Courtine) - A noção de condições de produção (cap. 1 Courtine) - Dialética – leis da dialética (Politzer) - Materialismo histórico e dialético (Politzer) - O que é ideologia (Chauí) - FD (cap. 2 Courtine) - Interdiscurso, intradiscurso e pré-construído (Courtine) - Formulação, memória e corpus - As condições de formação de um corpus - Constituição do Corpus da Pesquisa (Courtine - cap.4) - O tema de discurso – a paráfrase discursiva - Efeitos discursivos, contradição, real e saber - Sujeito universal e posição do sujeito
<p style="text-align: center;">AD I (1995/2)</p> <p><u>Conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Discurso e AD (Maingueneau) - Dialética, materialismo histórico (Politzer – partes 4,5,6) - O conceito de Ideologia (Althusser) - Ideologia e sujeito (Pêcheux 75 –cap.3) - A heterogeneidade enunciativa - A noção de condições de produção (Courtine) - Formações discursivas (Foucault, Courtine) - O conceito de ideologia - Interdiscurso e intradiscurso - A noção de pré-construído - O sujeito em Análise do Discurso 	<p style="text-align: center;">AD I (1997/2)</p> <p><u>Conteúdo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Lingüística e AD - Saussure e a AD - O materialismo histórico e dialético - A noção de FD - O pré-construído - A noção de sujeito - Sujeito segundo Althusser - Sujeito segundo Pêcheux - O sujeito e a psicanálise - Análise discursiva

Quadro 09: AD I na década de 90 –

<p style="text-align: center;">AD II (1994)</p> <p><u>Conteúdos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Discurso e AD (Pêcheux e Fuchs – In: Gadet e Hak) - Conceitos básicos da AD (Freda) - Crítica e Ideologia (Chauí) - Pêcheux – Discurso e Ideologia (Semântica e discurso, cap.3) - O sujeito (Lagazzi – cap. 1 a 6) - O sujeito de direito (Haroche, cap. 4) - O Conceito de FD (Courtine) - Análise: a negação (Freda) - A negação interna e externa - A negação de tipo mista 	<p style="text-align: center;">AD II (1996/1)</p> <p><u>Conteúdos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - O sujeito em Benveniste - A polifonia em Bakhtin - Os gêneros do discurso em Bakhtin - A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva - A não coincidência interloc. - A meta enunciação em Bakhtin - A questão do sujeito em Althusser - A psicanálise e a AD segundo Althusser - O sujeito segundo Pêcheux - As formas do silêncio (Orlandi) - A AD e a psicanálise (Henry)
<p style="text-align: center;">AD II (1998/1)</p> <p><u>Conteúdos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - As 3 épocas da AD - Pêcheux na 3ª época - O discurso: estrutura ou acontecimento - Lingüística, discurso e psicanálise - A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva - Os gêneros discursivos - Palavras mantidas a distância (Althusser) - A não coincidência interlocutiva - Heterogeneidade e ruptura - A não coincidência do discurso com ele mesmo - O sentido e sua heterogeneidade - O silêncio e das reticências 	<p style="text-align: center;">AD II (1999/2)</p> <p><u>Conteúdos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Introdução à AD: história e evolução - A primeira época da AD - A 2ª época da AD: a teoria do discurso - O materialismo histórico e dialético - A noção de sujeito em Althusser (AIE) - Discurso e Ideologia (Pêcheux) - A 3ª época: a Lingüística e a psicanálise - O sujeito e o outro (Authier) - A heterogeneidade mostrada e constitutiva - As aspas no discurso - A não coincidência no discurso - Figuras discursivas do silêncio - As reticências no discurso

Quadro 10: AD II na década de 90

Além das disciplinas de AD I e AD II, apresentadas nos quadros 109 e 10, a professora Leci Barbisan também ministrou a disciplina de leituras orientadas aos acadêmicos do doutorado e, como se pode verificar na tabela 03 (abaixo relacionada), no início da década de 90, nestas leituras constavam temas referentes à AD:

<p>Leituras Orientadas (1990/2)</p> <ul style="list-style-type: none"> -Formação discursiva segundo Pêcheux -Relações entre formações discursivas -Ideologia e discurso -Teoria da Enunciação e Discurso -O problema do sujeito -Formação discursiva e processo de 	<p>Leituras Orientadas (1991/2)</p> <ul style="list-style-type: none"> - O conceito de implícito - Pressuposto e subentendido - Tema de discurso - Pressupostos teóricos da AD (tese Alejandra) - Suite
---	---

interpelação -Os lugares dos sujeitos nos processos de interpelação -Homogeneidade, Heterogeneidade e Interpelação -Paráfrase e formação discursiva -Paráfrase e polissemia -O sentido no discurso -A natureza dialética dos processos discursivos - A coerência discursiva	- Heterogeneidade enunciativa (Authier – R – Langage)
--	---

QUADRO 11: Leituras Orientadas

Ao longo dos anos, estes programas apresentaram diferentes configurações e é por meio deles que podemos entender o movimento que ocorre durante a disciplinarização da AD, a constante reconfiguração de seus programas e das bibliografias trabalhadas, tanto que a disciplina inicialmente intitulada AD tem sua designação modificada diversas vezes, como podemos observar no quadro 12²⁷:

Designação da disciplina	Nº de programas disponíveis
AD I	06
AD II	05
Tópicos em AD	01
Seminário em AD	01

Quadro 12 - Designações da AD na PUCRS

Por meio das nomeações/renomeações que ocorreram até o 1º semestre de 2003, na disciplina de AD, ela vai constantemente sendo designada de forma diversa, isto é, vai significando de outra maneira. Para nós, essa é uma política a qual busca renomear para poder designar de outra forma. Ao renomear, os conceitos mobilizados também são outros. Vejamos o quadro 04:

²⁷ Cf. programas curriculares e diários de classe da Profª Dr. Leci Barbisan.

<p style="text-align: center;"><u>conteúdos desenvolvidos</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Enunciação e estruturalismo 2. O estruturalismo saussuriano 3. O signo lingüístico 4. Relações paradigmáticas e sintagmáticas 5. A teoria do valor 6. A enunciação em Benveniste 7. O aparelho formal da enunciação 8. A não-pessoa em Benveniste 9. Os pronomes pessoais na enunciação 10. Enunciação e diálogo 11. Idem 12. A categoria do tempo 13. Idem 14. A categoria de lugar 15. Idem 	<p style="text-align: center;"><u>conteúdos</u></p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 80%;">1 Saussure e o estruturalismo</td> <td style="width: 20%; text-align: right;">01/02/14 F</td> </tr> <tr> <td>2 Saussure: objeto da lg^{ca}, lg^{ca} - lg e fala</td> <td style="text-align: right;">1 00/10/95 0</td> </tr> <tr> <td>3 Saussure: natureza do signo lg^{ca}</td> <td style="text-align: right;">2 95/95/95 0</td> </tr> <tr> <td>4 Idem: o valor lg^{ca}; rel. parad. e sint.</td> <td style="text-align: right;">3 - - - 0</td> </tr> <tr> <td>5 Saussure: A polifonia em lg^{ca}</td> <td style="text-align: right;">4 85/90/87 0</td> </tr> <tr> <td>6 Saussure: 1ª, 2ª e 3ª Confer. de Cali</td> <td style="text-align: right;">5 10/10/10 0</td> </tr> <tr> <td>7 Saussure: 4ª e 5ª Confer. de Cali</td> <td style="text-align: right;">6 - - - 6</td> </tr> <tr> <td>8 6ª confer. e lg^{ca} e verdade</td> <td style="text-align: right;">7 90/95/92 6</td> </tr> <tr> <td>9 Saussure: argum. e topoi argum.</td> <td style="text-align: right;">8 10/10/10 3</td> </tr> <tr> <td>10 Idem: os topoi na Teoria da Arg. na lg</td> <td style="text-align: right;">9 90/90/90 3</td> </tr> <tr> <td>11 Os modificadores de realizantes</td> <td style="text-align: right;">10 - - - 0</td> </tr> <tr> <td>12 A argument. no discurso</td> <td style="text-align: right;">11 10/10/10 3</td> </tr> <tr> <td>13 A argum. interna aos enunciados</td> <td style="text-align: right;">12 10/10/95 7 6</td> </tr> <tr> <td>14 Os internalizadores</td> <td style="text-align: right;">13 10/85/92</td> </tr> <tr> <td>15 Para os tratamentos argumentativos da predicção</td> <td></td> </tr> </table>	1 Saussure e o estruturalismo	01/02/14 F	2 Saussure: objeto da lg ^{ca} , lg ^{ca} - lg e fala	1 00/10/95 0	3 Saussure: natureza do signo lg ^{ca}	2 95/95/95 0	4 Idem: o valor lg ^{ca} ; rel. parad. e sint.	3 - - - 0	5 Saussure: A polifonia em lg ^{ca}	4 85/90/87 0	6 Saussure: 1ª, 2ª e 3ª Confer. de Cali	5 10/10/10 0	7 Saussure: 4ª e 5ª Confer. de Cali	6 - - - 6	8 6ª confer. e lg ^{ca} e verdade	7 90/95/92 6	9 Saussure: argum. e topoi argum.	8 10/10/10 3	10 Idem: os topoi na Teoria da Arg. na lg	9 90/90/90 3	11 Os modificadores de realizantes	10 - - - 0	12 A argument. no discurso	11 10/10/10 3	13 A argum. interna aos enunciados	12 10/10/95 7 6	14 Os internalizadores	13 10/85/92	15 Para os tratamentos argumentativos da predicção	
1 Saussure e o estruturalismo	01/02/14 F																														
2 Saussure: objeto da lg ^{ca} , lg ^{ca} - lg e fala	1 00/10/95 0																														
3 Saussure: natureza do signo lg ^{ca}	2 95/95/95 0																														
4 Idem: o valor lg ^{ca} ; rel. parad. e sint.	3 - - - 0																														
5 Saussure: A polifonia em lg ^{ca}	4 85/90/87 0																														
6 Saussure: 1ª, 2ª e 3ª Confer. de Cali	5 10/10/10 0																														
7 Saussure: 4ª e 5ª Confer. de Cali	6 - - - 6																														
8 6ª confer. e lg ^{ca} e verdade	7 90/95/92 6																														
9 Saussure: argum. e topoi argum.	8 10/10/10 3																														
10 Idem: os topoi na Teoria da Arg. na lg	9 90/90/90 3																														
11 Os modificadores de realizantes	10 - - - 0																														
12 A argument. no discurso	11 10/10/10 3																														
13 A argum. interna aos enunciados	12 10/10/95 7 6																														
14 Os internalizadores	13 10/85/92																														
15 Para os tratamentos argumentativos da predicção																															
Tópicos em AD (2001/2)	Seminário em AD 2003/1																														

FIGURA 04: Designação de uma disciplina (lista de conteúdos trabalhados)

A AD, na PUCRS, nesses aproximadamente quinze anos de existência, é designada de várias formas, até que ocorre a desconfiguração do seu campo disciplinar. A disciplina Tópicos em AD, apresentada no quadro acima, está muito mais designando uma Teoria da Enunciação do que a AD propriamente dita. (conforme lista de conteúdos apresentadas na figura 04). Nesse sentido, embora alguns programas

disciplinares da instituição continuem tratando de conceitos como, por exemplo, o discurso, isto é feito também por meio de outras abordagens teóricas, que não a AD.

Com isso, a partir do 2º semestre de 2003, na PUCRS, deixa de figurar nos quadros do PPGL a disciplina AD, e aparecem disciplinas como Tópicos em Teoria do discurso e Teorias do Discurso (ver anexos 10-12).

Destacando estas significativas variações que ocorreram tanto nas designações das disciplinas quanto nos conceitos mobilizados no interior de seus programas, interessamos-nos aqui em apresentar as recorrências (de conceitos), pois entendemos que, por meio destas, poderemos entender quais os conceitos da AD que fazem parte da fundação, isto é, da disciplinarização no RS, quais permanecem e quais são apagados durante estes movimentos de designações. Vejamos os quadros 13 e 14:

ADI	1987a	1987b	1991	1993	1995	1997
Conceito de “discurso”	X		X			
- Sujeito e sentido.		X				X
- A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva.		X				
- O outro no discurso		X				
- Análise do discurso			X	X		
- O materialismo dialético e o materialismo histórico			X	X	X	X
- A noção de condições de produção			X	X	X	
- Interdiscurso, intradiscurso, pré-construído, enunciado			X	X	X	X
- Sujeito e ideologia			X		X	
- O Corpus para a AD			X	X		
- O corpus para a pesquisa			X	X		
- A definição do tema de discurso			X	X		
- Dialética – leis da dialética				X	X	
- O que é ideologia				X		
- FD				X	X	X
- Formulação, memória e corpus				X		
- O sujeito em Análise do discurso					X	

Quadro 13: Recorrências de conceitos AD I

AD II	1994	1996	1998	1999
- Os gêneros do discurso		X	X	
- A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva		X	X	X
- A não coincidência interlocutiva		X	X	
- A questão do sujeito em Althusser		X		X
- As 3 épocas da AD			X	X
- A não coincidência do discurso com ele mesmo			X	X
- O silêncio e das reticências		X	X	X

Quadro 14: Recorrências de conceitos AD II

Nos programas por nós analisados, vários conceitos são mobilizados, contudo ocorrem poucas recorrências, como podemos observar nos quadros 13 e 14, tanto que nenhum conceito apresenta-se continuamente desde os primeiros programas (1987). Há um movimento contínuo desses conceitos, o que reflete diretamente na designação da disciplina AD. Entretanto, salientamos que os tópicos ‘Materialismo histórico e materialismo dialético’ e ‘Interdiscurso, intradiscurso, pré-construído, enunciado’ perpassam a disciplina AD I durante toda a década de 90, sendo o ‘Materialismo histórico e materialismo dialético’ estudado a partir de Politzer (cap. 4, 5, 6), e ‘Interdiscurso, intradiscurso e pré-construído’ a partir de Courtine.

Juntamente com Pêcheux, são teóricos com Courtine, Robin, Authier-Revuz e Bakhtin e Ducrot que estão presentes na emergência da AD na PUCRS. Vide figura 04 e anexos 02-08. No tocante a autores brasileiros, são citados Orlandi, Possenti, Fiorin e Guimarães.

3.4 A Análise de Discurso no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS

O curso de Mestrado em Letras da UFRGS foi criado no ano de 1972 e o curso de Doutorado no ano de 1991. Na década de 1990, como já relatamos anteriormente, houve significativas mudanças nas diretrizes do PPGL, e o fato que destacamos foi a divisão do programa em dois cursos, no ano de 1995: *Estudos da Linguagem (áreas de concentração: Aquisição da Linguagem e Teorias do Texto e do Discurso)* e *Estudos de Literatura (áreas de concentração: Literatura Brasileira, Literatura Comparada,*

Literaturas Francesa e Francófonas e Literaturas de Língua Inglesa), em níveis de Mestrado e Doutorado.

Embora ainda no ano de 2001 tenha ocorrido outra reformulação no Programa²⁸, focalizamos a mudança ocorrida em 1995, pois é neste ano que é criada no curso de Estudos da Linguagem a especialidade intitulada *Teorias do texto e do discurso*, efetivamente implementada nos ementários do PPGL no ano de 1996. Vejamos a grade de horários em que aparecem as disciplinas ofertadas para os estudantes de pós-graduação desta linha de pesquisa no ano de 1996:

HORÁRIO PARA 1996 - <u>PRIMEIRO SEMESTRE</u>				
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM				
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã 09 horas <u>Fundamentos da Análise do Discurso</u> Profª. Maria Cristina L. Ferreira 04 Créditos Sala: G214	manhã	manhã
	tarde	tarde 13h30min <u>Semântica argumentativa</u> Profª. Ana Zandwais 04 Créditos Sala: 204	tarde 13h30min <u>Teoria do Texto</u> Prof. Paulo Guedes 04 Créditos Sala: 117 <u>Teoria da Análise do Discurso</u> Profª. Freda Indursky 04 Créditos Sala: 211	tarde 14 horas <u>Linguística Geral</u> Profª. Margarete Schlater 04 Créditos Sala: 204

²⁸ Foram criadas mais duas áreas de concentração no Curso de Estudos da Linguagem: *Teoria e Análise Linguística e Linguagem no Contexto Social*, em níveis de mestrado e doutorado.

HORÁRIO PARA 1996 - <u>SEGUNDO SEMESTRE</u>				
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM				
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã Teoria da Análise do Discurso Profª. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 Créditos <u>8h30min - Sala 233B</u>	manhã	manhã
	tarde	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Profª. Ana Zandwais 04 Créditos <u>13h30min - Sala 208</u> Início: <u>17/09</u>	tarde Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso Profª. Freda Indursky 02 Créditos <u>13h30min - Sala 204</u> <u>Encontros quinzenais</u> Início: <u>18/09/96</u>	tarde

Figura 05: Grade de horários²⁹ PPGL/UFRGS ano letivo 1996

Podemos observar no quadro anterior a oferta de duas disciplinas que, pela sua nomeação, podemos relacionar ao campo do saber da AD. São elas: Fundamentos da Análise do discurso e Teoria da Análise do Discurso.

No primeiro semestre de 1996, a disciplina Fundamentos da Análise do Discurso é ministrada pela profª Dr. Maria Cristina Leandro Ferreira, que há dois anos (1994) havia concluído sua tese de doutorado intitulada: *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambigüidade ao equívoco*, na UNICAMP, sob a orientação da professora Dr. Eni Orlandi.

A disciplina Teoria da Análise do Discurso, ofertada no segundo semestre de 1996, tem como professora a Dr. Freda Indursky, que no ano de 1992 defendeu sua tese de doutorado intitulada. *A Fala dos Quartéis e Outras Vozes - Uma Análise do Discurso Presidencial da Terceira República Brasileira*, também na UNICAMP e sob a orientação da profª Dr. Eni Orlandi.

²⁹ Cópia do original, fornecido pela secretaria do PPGL/UFRGS

Sendo Freda Indursky e Maria Cristina Ferreira Leandro as duas pesquisadoras que, na UFRGS, ministraram a disciplina AD, delineamos uma teia em que se pode observar os doutores formados por elas na instituição, ao nível de doutoramento e o local em que estes atuam. Temos como eixo primeiro da teia o nome de Eni Orlandi, que foi orientadora de doutorado das duas professoras, já que como ressaltamos no item 3.2. deste trabalho, as relações de doutoramento nos interessam porque são os doutores que formam novos pesquisadores.

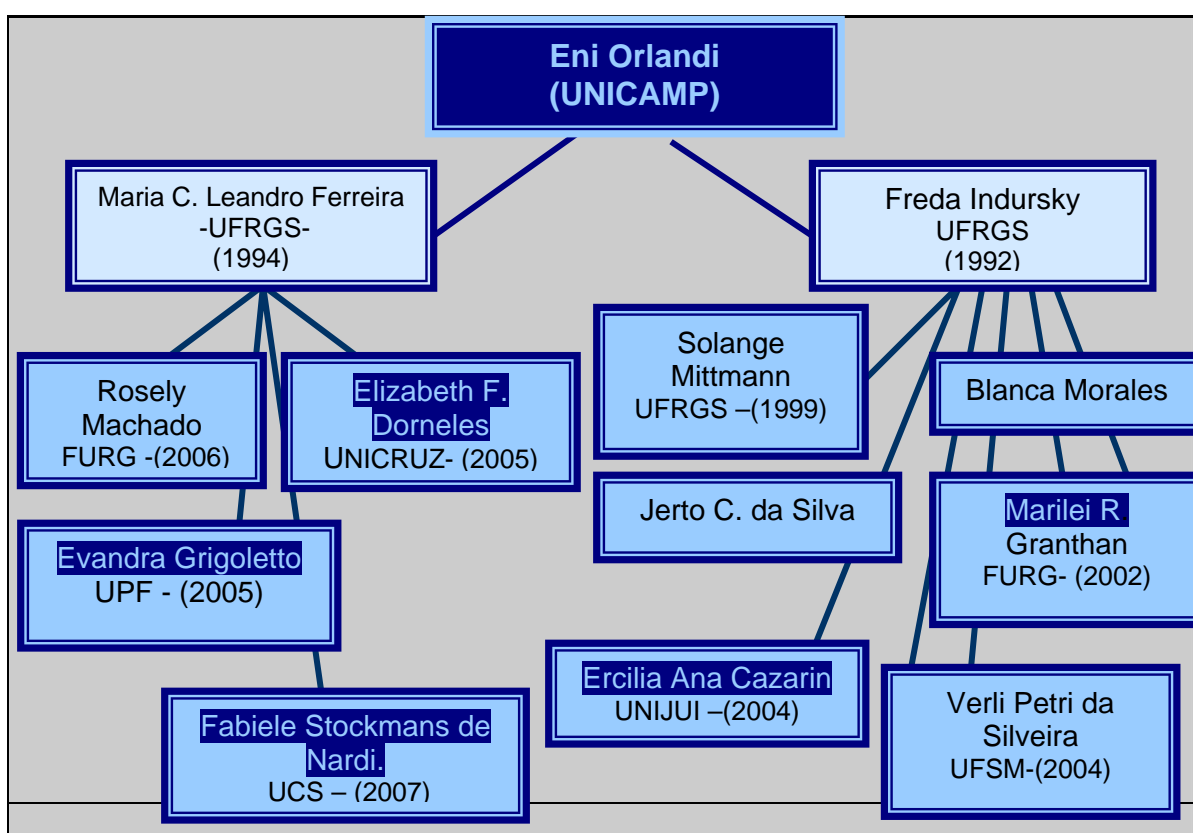


Figura 06 – Filiações da AD na UFRGS³⁰

Na figura 06, acima, podemos observar que a professora Freda Indursky foi a primeira orientadora de uma tese defendida sob a perspectiva teórica da AD, na UFRGS, no ano de 1999. A referida tese, que é de autoria da prof^a Dr. Solange

³⁰ Figura montada a partir de dados coletados no currículo lattes das professoras Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira. Acesso em 26 nov. 2007.

Mittmann, tem por título *O processo tradutório: uma reflexão à luz da Análise do Discurso*.

A profª Dr. Solange Mittmam leciona atualmente disciplinas relacionadas à AD no PPGL da UFRGS, já formando pesquisadores na área (alunos de iniciação científica e mestrado). Outras três doutoras formadas sob a orientação da professora Dr. Freda Indursky (Marilei F. Granthan, Ercilia Ana Cazarin³¹ e Verli Petri) também estão trabalhando questões referentes à AD e também formando novos pesquisadores, porém em outras instituições universitárias do RS como se observa na figura 06

O mesmo ocorre com as quatro doutoras formadas na UFRGS sob a orientação da professora Maria Cristina Leandro Ferreira. Todas atuam em instituições de ensino superior no Estado. São elas: Elizabeth Fontoura Dorneles, Evandra Grigoletto, Rosely Diniz da Silva Machado, Fabiele Stockmans De Nardi, sendo que as três primeiras também foram orientandas de mestrado da profª Maria Cristina.

Como já dito anteriormente, as duas professoras da UFRGS, Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira, apresentam uma ligação direta de filiação com Eni Orlandi, estando elas relacionadas entre os primeiros doutores formados pela mesma na UNICAMP. São elas que iniciam, no RS, a expansão da rede de doutores com filiação acadêmico-institucional ligada à AD desenvolvida na UNICAMP. Contudo, estas não são as únicas professoras a trabalharem com AD no PPGL da UFRGS, como poderemos ver a seguir.

No ano de 2005, houve alterações regimentais e a *Área de Estudos da Linguagem* ficou constituída de três especialidades, são elas: *Linguística Aplicada*, *Teorias do Texto e do Discurso* e *Teoria e Análise Lingüística*;

A especialidade *Teorias do texto e do discurso* abrange duas linhas de pesquisa, *Análises Textuais e Discursivas* e *Lexicografia e Terminologia: Relações Textuais*. A disciplina AD está designada na linha de pesquisa *Análises Textuais e Discursivas*,

³¹ Profª Dr. Marilei F. Cazarin e Profª Dr. Ercilia Ana Cazarin foram orientandas de mestrado e doutorado da profª Freda Indursky.

conforme o apresentado na descrição da linha³². As seguintes disciplinas são relacionadas no site da instituição, como pertencentes a esta linha de pesquisa. Vejamos o quadro 15:

<p>Denominação - Disciplina Obrigatória (DO) Linguística Geral</p> <p>Denominação - Disciplinas Específicas (DE) Fundamentos da Análise do Discurso Teoria da Análise do Discurso Semântica Argumentativa Fundamentos em Teoria da Enunciação</p> <p>Denominação - Disciplinas Opcionais (DOp) Pragmática: Enunciação e Sentido Teoria do Texto Discurso e Sintaxe Leitura em Contraponto Aspectos Metodológicos da Pesquisa em Análise do Discurso Topói, Polifonia e Argumentação Tópicos em Análise do Discurso Seminário de Análises Textuais e Discursivas Interpretação e Autoria Teorias da Enunciação</p>
--

Quadro15: Disciplinas da Linha de Pesquisa Análises Textuais e Discursivas

A partir da análise das designações das disciplinas ofertadas na linha de pesquisa Análises Textuais e discursivas e também da ementa desta linha, sabemos que esta, além de incluir AD, também inclui outras teorias que tem como objeto o discurso e/ou o texto. Entre elas destacamos a Teoria da Enunciação, que embora não nomeada na outra instituição estudada, a PUCRS, também aparece nos conteúdos programáticos daquela instituição, através de textos de Benveniste, indicados na bibliografia de ADI, AD II e Tópicos em AD.

É nesta linha de pesquisa que figuram os estudos em AD na pós-graduação da UFRGS, como podemos observar através da designação das disciplinas apresentadas no quadro 15 e também nas grades de horários (figuras 07 e 08). Entre as que são

³² Descrição: Estudos de diferentes tendências teóricas – Teorias do Texto, da Enunciação, Pragmática, Análise do Discurso e Semiótica – que resultam na produção de pesquisas que tomam o texto e/ou o discurso como objeto de análise e teorização. Site: <http://www6.ufrgs.br/letras/ppg/>. Acesso em 30 mar. 2008.

apresentadas nas grades de horários estão: *Teoria da Análise do discurso, A análise do discurso e suas interfaces, Fundamentos da Análise do Discurso, Interfaces da Análise do Discurso II*, e a disciplina *Leituras em contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin*.

GRADE DE HORÁRIOS 2006-1 ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM/ESTUDOS DE LITERATURA ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO LINHA DE PESQUISA: Análises Textuais e Discursivas					
TURNO/DIA	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
MANHÃ		Lingüística Textual LIN00037 4 CR Profa. Elsa Ortiz SALA: 233B		L.D. A Análise do Discurso e suas interfaces LET00003 2 CR Profa. Maria Cristina Ferreira SALA: 119	
TARDE	Lingüística Geral LIN00001 Obrigatória 4 CR Prof. Valdir Flores SALA: 205 Prédio de Aulas	Topói, polifonia e argumentação LIN00058 4 CR Profa. Ana Zandwais SALA: 233B Teoria do Texto LIN00036 4 CR Profa. Solange Mittmann SALA: G107	Fundamentos da Análise do Discurso LIN00010 4 CR Profa. Freda Indursky SALA: 119	L.D: Enunciação, constituição do sujeito e do laço social LET00003 2 CR Quinzenal Prof. Valdir Flores SALA: G 209	

Figura 07: Grade de horários 1º sem. 2006 – Linha de Pesquisa: Análises Textuais e discursivas.

ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM Especialidade: Teorias do Texto e do Discurso Linhas de Pesquisa: Análises Textuais e Discursivas / Lexicografia e Terminologia: Relações Textuais					
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
		Teoria da Análise do Discurso LIN00017 4 CR Profa. Solange Mittmann			
Fundamentos em Teoria da Enunciação LIN00040 4 CR Prof. Valdir Flores Prof. Nair Tesser	LD: *Interfaces da Análise do Discurso II LET00003 2 CR Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira Turma A LD: Semântica Cognitiva LET00003 04 CR Profa. Maity Siqueira Turma B	Leituras em Contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin LIN00042 4 CR Profa. Freda Indursky A Fraseologia e suas Interfaces LIN00059 4 CR Profa. Cleci Bevilacqua	+Pesquisa Lingüística em Corpus LIN00044 2 CR Anna Maria Becker Maciel e Cleci R. Bevilacqua ++Tópicos de Lexicografia Bilingüe LIN00056 2 CR Félix B. Miranda LD: Da dialética aristotélica ao materialismo histórico e dialético * LET00003 4 CR Profa. Ana Zandwais		

Figura 08: Grade de horários 2º sem. 2006 – Linha de Pesquisa: Análises Textuais e discursivas.

Salientamos que na figura 08, referente ao 2º semestre de 2006, aparecem na mesma grade disciplinas ministradas por docentes filiados à linha de pesquisa Lexicografia e terminologia: Relações Textuais. Para uma melhor visualização dos docentes inseridos na linha de pesquisa estuda, na figura 09 relacionamos os professores que estão vinculados à linha de pesquisa Análises Textuais e Discursivas, seu ano de doutoramento e sua filiação acadêmica.

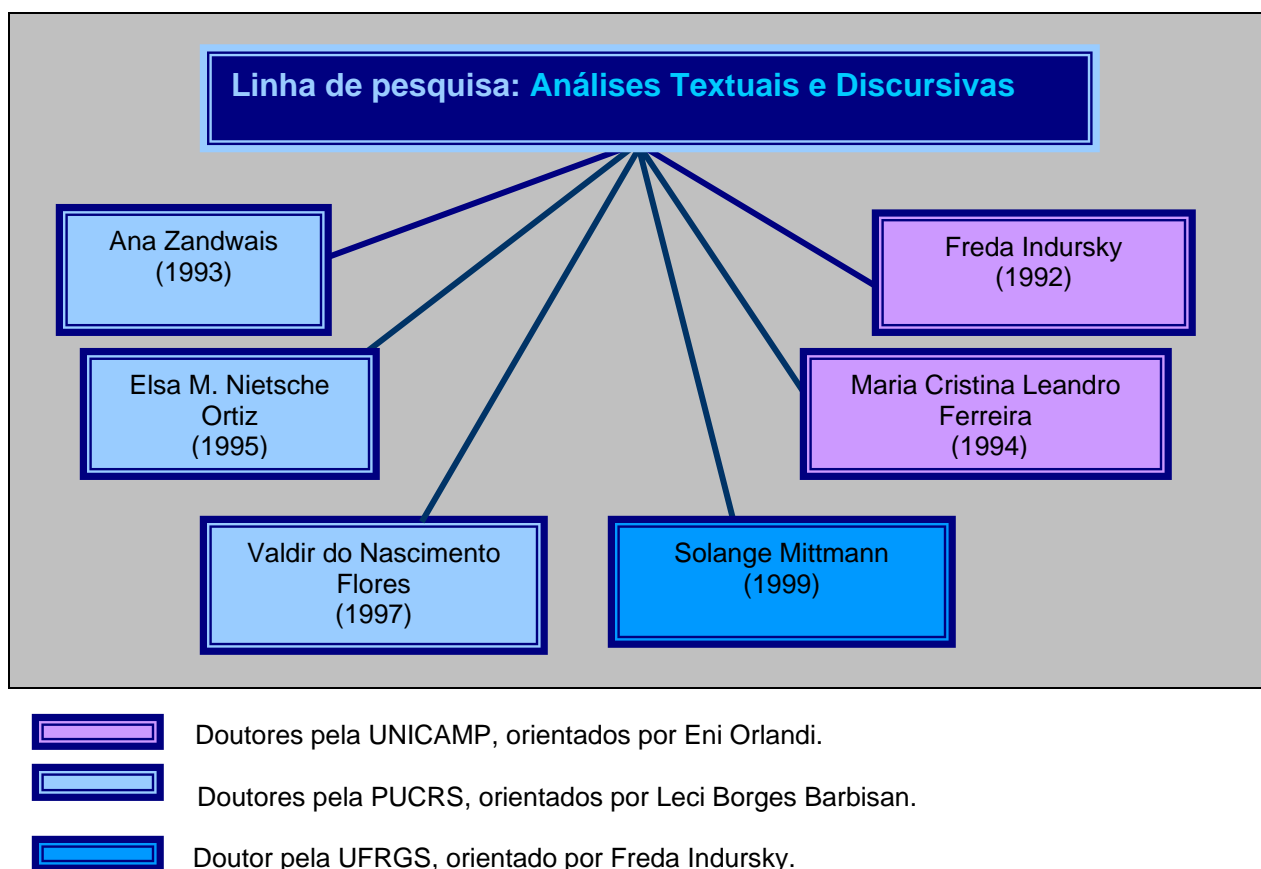


Figura 09: Linha de Pesquisa Análises textuais e discursivas.

São estes seis doutores apresentados na figura 09 que são apresentados no site da instituição como pertencentes a esta linha de pesquisa, realizando atividades e orientação de doutorado, com exceção da profª Dr. Solange Mittmann, que ainda não realiza atividades de orientação de doutorado.

É importante ressaltarmos que a figura 09 é referente aos docentes que estão inseridos na Linha de pesquisa: *Análises textuais e discursivas*, mas nem por isso são

pesquisadores em AD. Conforme descrição da linha de pesquisa, esta aborda estudos de diferentes tendências teóricas, e a AD é uma destas ‘tendências’, que incluem ainda Teorias do Texto, da Enunciação, Pragmática e Semiótica.

A inserção dos sujeitos pesquisadores (formados pelos professores desta linha de pesquisa na UFRGS) pelas diversas instituições de ensino superior contribui para a expansão de uma teia de filiações relacionadas a uma AD que tem como predecessores Pêcheux (na França) e Orlandi (no Brasil) por diversas regiões do RS e, principalmente, para uma maior divulgação da AD de linha francesa no Estado. Contudo, não estamos afirmando que não existam analistas do discurso nas instituições gaúchas sem que estes passem necessariamente por esta rede institucional de filiação institucional, ou mesmo de fundação. Esses pesquisadores “com questões teórico-metodológicas diferentes, vão criando outras raízes a partir de outros caminhos e com outras opções” (Scherer, 2007, p.08)

Outro ponto que destacamos refere-se ao fato de que a expansão dos estudos em AD no RS colaborou também para que, na UFRGS, no ano de 2003, fosse realizado um significativo evento nacional na área, o I Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD). Este I SEAD foi nomeado *Pêcheux e a AD: uma relação de nunca acabar* e teve entre os membros da comissão organizadora as professoras Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Evandra Grigoletto.

No texto de abertura³³ do evento, a professora Maria Cristina, além de relatar as condições de produção do mesmo, salienta a permanência e a expansão dos estudos em AD ligados à figura de Michel Pêcheux. Em suas palavras,

Desejar, conceber e organizar este 1º Seminário de Estudos em Análise e Discurso (I SEAD), aqui em Porto Alegre, envolveu um grupo de analistas de discurso, entre professores e alunos, em torno de um projeto, não só de pesquisa, mas também de vida, de militância e de resistência teórica e política. E Michel Pêcheux é o nome que está no centro de toda essa preparação, determinando-a e impulsionando-a. Precisamente 20 anos após seu desaparecimento, Michel Pêcheux continua, aqui no Brasil, e para muitos de nós, cada vez mais presente, seu nome cada vez mais citado e sua teoria cada vez mais influente, refletindo e ressoando os constantes embates

³³ Texto disponível on-line. Site: <http://spider.ufrgs.br/discurso/evento/extra/apresentacao.pdf>

materializados pela relação entre a língua, a história e o sujeito. (FERREIRA, 2003, p. 01)

Neste trecho, Ferreira é enfática ao afirmar que é o nome de Pêcheux que mobiliza os estudos em AD no Brasil, que seus estudos estão cada vez mais presentes no país. Devido a este crescente desenvolvimento dos estudos em AD no Brasil e no RS, já evidenciado por Ferreira em 2003, outros encontros nacionais da área foram surgindo. O próprio SEAD, no ano de 2007, teve sua terceira edição, configurando-se como um importante lugar de discussões e divulgações das pesquisas realizadas em AD no país, além de reafirmar as filiações da AD brasileira e 'gaúcha' aos estudos de M. Pêcheux.

Ao tratarmos de lugares de divulgação de pesquisas e estudos, retornamos a análise das grades de horários da UFRGS, pois elas apresentam em nota de rodapé, os "Cursos Livres" que seriam ministrados no semestre letivo. Nessas grades de disciplinas aparecem o título e o nome do professor responsável pela realização de "Curso Livre" sobre temas relacionados ao discurso. Em geral são pesquisadores de outras instituições que vem até a UFRGS apresentar temas pertinentes aos seus estudos. Vejamos quadro 16:

Curso Livre³⁴		
Ano	Título	Ministrante
1996	Pragmática	Prof. Kanavilil Rajagopalan (Unicamp)
1997	Processos de Identificação e Políticas de Identidade: uma análise discursiva	Prof. Pedro Souza (UFSC)
	Discurso e Ética	Prof. Kanavilil Rajagopalan (Unicamp)
1998	Análise do Discurso e Semântica	Profª Mônica Zoppi- Fontana, sob a responsabilidade da Profª Freda Indursky


³⁴ Fonte:Recortes de grades curriculares apresentadas no anexo 10

1999	Textualização e Autoria	Profª Solange Leda Gallo, sob a responsabilidade da Profª Freda Indursky
	Desenvolvimentos atuais da análise semiótica dos discursos	Profª Diana Luz Pessoa de Barros (USP), profª responsável Maria da Graça Krieger
2000	Nome e pronome no espaço da enunciação	Profº Luiz Francisco Dias (UFPB), sob a responsabilidade da profª Ana Zandwais
	Letramento e Autoria	Profª Leda Verdiani Tfouni, sob a responsabilidade da Profª Freda Indursky
2001	Análise do discurso	Profª Maria do Rosário Gregolin (UNESP)
2002	Bakhtin e Foucault – um percurso teórico	Profª Maria do Rosário Gregolin (UNESP), sob a responsabilidade da profª Maria Cristina Leandro Ferreira

Quadro 16: Cursos Livres UFRGS

Os professores ministrantes dos cursos livres possuem laços com a AD, e apresentam diversos trabalhos na área, entretanto possuem formação diferenciada e assumem diferentes modos de ‘entrada’ na teoria, por exemplo, alguns filiam-se aos estudos de Pêcheux, outros de Foucault, ou ainda realizam estudos em AD a partir de relações entre estes dois autores, ou outros.

Quando afirmamos que a AD realizada no RS, via UFRGS, tem filiações na teoria histórico-materialista de M. Pêcheux, fazemos isso apoiados não só na relação de formação das professoras Freda Indursky e Maria Cristina com a profª Eni Orlandi, mas também na análise dos programas e bibliografias (ver figuras 10 e 11) das duas disciplinas que estão no cerne da disciplinarização da AD no PPGL da UFRGS, as já citadas Fundamentos em AD e Teoria da AD.



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO**

Disciplina: Leituras Dirigidas: Aspectos metodológicos em Análise do discurso
Número de créditos: 02 créditos
Caráter: Disciplina opcional
Profa: Freda Indursky

PROGRAMA

1. Formação Discursiva
2. Condições de Produção
3. Funcionamento discursivo
4. Universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo
5. Arquivo
6. Constituição do corpus: exaustividade x representatividade
Corpus empírico x corpus discursivo
7. Segmentar x recortar
8. Sequências discursivas, seqüência discursiva de referência, recortes discursivos

BIBLIOGRAFIA

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*, n. 62, juin, 1981.

GRANTHAM, Marilei R. *O discurso fabular e sua repetição através dos tempos: na reiteração do mesmo, a presença do diferente*. Dissertação de mestrado. CPG-Letras, UFRGS, 1996.

GUILHAUMOU, Jacques & MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de leitura*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1994.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Tese de doutorado. UNICAMP, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes, 1989.

MALDIDIER, Denise. O discurso Político e a guerra da Argélia. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de leitura*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1994.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar. *Série estudos*, n.10, p. 9-26. Faculdade Integrada de Uberaba, 1984.


_____. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. *Vozes e contrastes*. São Paulo, Cortez, 1989.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni (org.) *Gestos de Leitura*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1994.

Figura 10: Programa 01 AD UFRGS



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras

2

Disciplina: **Teoria da Análise do Discurso**

Número de créditos: 04 (60 horas/aula)

Caráter: Específica

Professora: Maria Cristina Leandro Ferreira

EMENTA: Formação ideológica e formação discursiva. A problemática do sentido: sentido literal, processos de significação e efeito de sentido. A questão do sujeito: forma-sujeito, sujeito universal, efeito-sujeito e posição-sujeito. O enunciado discursivo, a seqüência discursiva, o recorte discursivo. Das famílias parafrásticas à heterogeneidade do discurso. O enunciado dividido. O discurso e suas relações com a exterioridade: o pré-construído, o discurso transversal e a memória discursiva.

BIBLIOGRAFIA

AUTHER, Jacqueline. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive. *DRLAV*, Paris, n.26, 1982.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, jul.-dez. 1990.

COURTINE, Jean Jacques. Analyse du discours politique. *Langages*, n.62, juin 1981.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Petrópolis, Vozes, 1972.

GADET, Françoise & HAK, Tony (org) *Por uma análise automática do discurso; uma Introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990.

HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. *Cadernos de estudos lingüísticos*, n. 19, jul.-dez. 1990.

INDURSKY, Freda. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, 1990.

_____. *A fala dos quartéis e as outras vozes: uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984)*. Tese de Doutorado. IEL, UNICAMP, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes, 1988.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Campinas, Pontes, 1988.

ORLANDI, Eni. P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas, Pontes, 1987.

_____. *Terra à vista; discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo, Cortez, 1990.

Figura 11: Programa 02 AD UFRGS

Nos programas apresentados nas figuras 10 e 11, noções caras à AD francesa são listados, como por exemplo, Formação Discursiva, Formação Ideológica, condições de produção. Isto que vem corroborar com a nossa hipótese de que a AD da UFRGS filia-se aos estudos de Pêcheux.

Para termos um panorama geral das disciplinas em que a designação AD aparece, organizamos o seguinte quadro a partir de recortes realizados nas grades de horários que constam no arquivo desta pesquisa³⁵:

CURSO ESTUDOS DA LINGUAGEM				
Área de Concentração	1996	1997	1998	1999
Teorias do Texto e do discurso	Fundamentos da Análise do Discurso Profª Maria Cristina L. Ferreira	Fundamentos da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	Fundamentos da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	Fundamentos da Análise do Discurso Profª Freda Indursky
	Teoria da Análise do Discurso Profª Freda Indursky			
	Teoria da Análise do Discurso Profª Maria Cristina L. Ferreira	Leituras Dirigidas: Procedimentos Analíticos em Análise do Discurso Profª Maria Cristina L. Ferreira	Sintaxe e Discurso Profª Maria Cristina L. Ferreira	
	Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	Teoria da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	Teoria da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	
	2000	2001	2002	2006
	Fundamentos da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	Fundamentos da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	Fundamentos da Análise do Discurso Profª Maria Cristina L. Ferreira	Fundamentos da Análise do Discurso Profª Freda Indursky
			Leituras Dirigidas: Bakhtin e Análise do Discurso Profª Freda Indursky	LD: A análise do Discurso e suas interfaces Profª Maria Cristina L. Ferreira
	Teoria da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	Teoria da Análise do Discurso Profª Maria Cristina L. Ferreira	Sintaxe e Discurso Profª Maria Cristina L. Ferreira	LD: Interfaces da Análise do Discurso II Profª Maria Cristina L. Ferreira
		LD: Leituras em Contraponto: Foucault, Courtine, Pêcheux... Profª Freda Indursky	Teoria da Análise do Discurso Profª Freda Indursky	Teoria da Análise do Discurso Profª Freda Indursky
				Leituras em Contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin... Profª. Freda Indursky

Quadro 17: Disciplinas relacionadas à AD na UFRGS

³⁵ Grades completas ver anexos: 10

As disciplinas que possuem em sua designação o sintagma AD são ministradas por Freda Indursky e Maria Cristina Leandro Ferreira. Embora outros professores pertençam a mesma linha de pesquisa das professoras, e ainda que alguns deles ministrem disciplinas que no seu interior sejam marcadas por questões da AD, são Indursky e Ferreira que, na instituição, trabalham com a AD designada como tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A POLÍTICA DE UM NOME: RENOMEAR PARA NÃO MAIS DESIGNAR

Após a análise do corpus (programas, bibliografias, diários de classe, currículos lattes), propomos um esquema analítico em que estabelecemos relações entre diferentes teóricos que trabalham com a perspectiva discursiva, recorrentemente citados nos programas de disciplinas das instituições aqui estudadas. Entre eles, Michel Pêcheux, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin.

O esquema analítico representado a seguir remete, também, aos trajetos que percorremos para a construção de nosso arquivo. Inicialmente, buscamos documentos referentes à disciplinarização da AD na PUCRS (programas, bibliografias e diários de classe). A leitura destes arquivos levou-nos a buscar informações sobre os sujeitos-professores que ministravam a disciplina (o que fizemos por meio de pesquisas no currículo lattes dos mesmos) e também a conhecermos e pesquisarmos o conteúdo das revistas indicadas nas bibliografias, a saber, quais as teorias, conceitos e noções mobilizadas nestes instrumentos lingüísticos. Após a configuração do arquivo, realizamos recortes que nos levaram ao corpus desta pesquisa. A análise deste corpus nos permitiu criar redes de relações entre estas materialidades conforme o apresentado na figura 11:

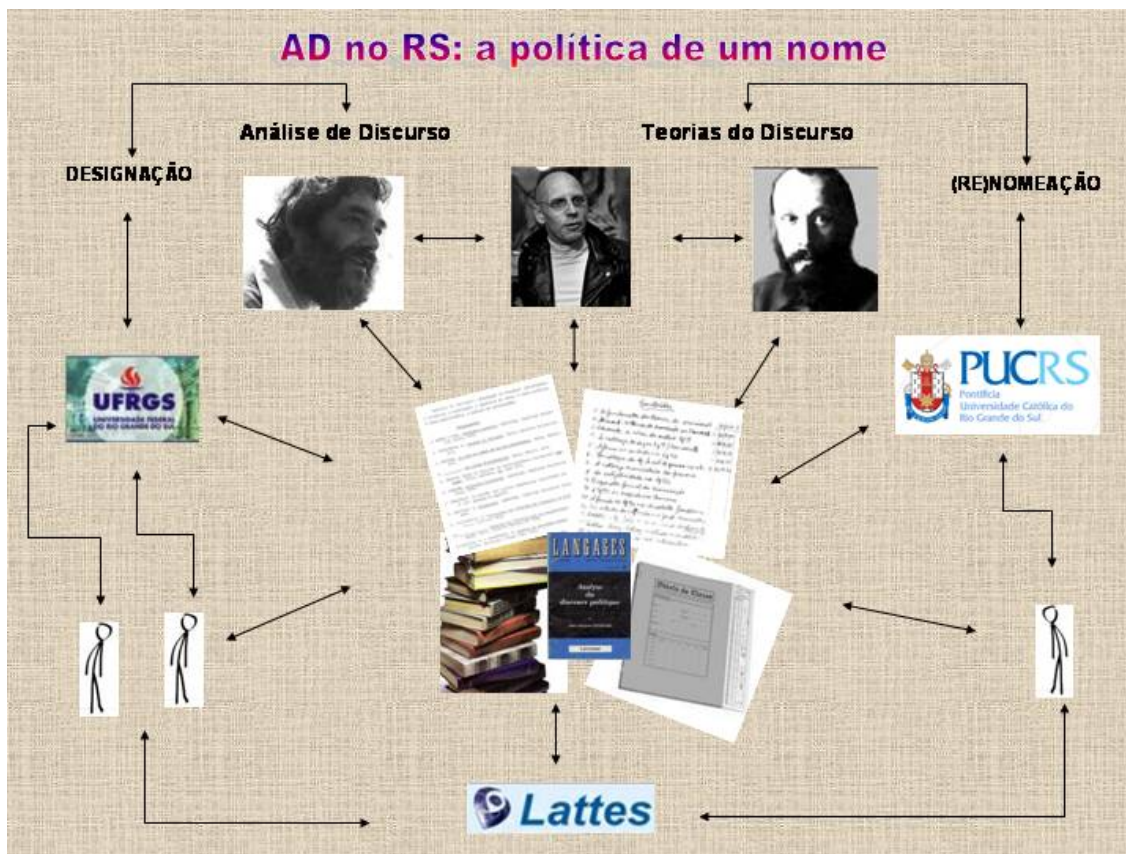


Figura 12: Esquema analítico de nosso trabalho

Em nosso trajeto de pesquisa, percorremos um caminho que visou a circunscrever uma AD praticada no Estado do Rio Grande do Sul. Essa caminhada foi fundamentada na análise documental, de materialidades que institucionalizam uma história ao as remetermos à historicidade que as constitui, nesse caso, à insurgência teórico-política da AD na França.

A AD postulada por Pêcheux vincula-se aos conflitos sociais de uma época e são mobilizados teoricamente para se pensar o sentido, para se pensar a política que movimenta a vida, que subjetiva os sujeitos. Desse modo, o movimento que constitui a AD é governado pela agitação dos discursos, das práticas de sentido, são elas que ditarão os deslocamentos da teoria e não o contrário. Dito de outro modo, o movimento é de revés, do político que constitui e divide o dizer, do social, para uma teoria de compreensão do mundo.

Essa política que ressoou em uma **AD Brasileira**, uma AD formulada a partir de um gesto de apropriação teórica, de leitura e de interpretação de uma obra e não (tão somente) de tradução ou de aplicação de conceitos, mas de uma teoria afinada com a conjuntura social brasileira, pensada a partir de nossa 'realidade'. Essa transição se dá através de uma produção intelectual vinculada inicialmente à Eni Orlandi e seu grupo de pesquisadores. Esse deslocamento teórico, para nós, só é possível, graças a uma permanência que configura uma ausência sempre presente da história política que configurou a teoria pecheutiana da materialialidade do sentido. Para mais, esse gesto de interpretação é respaldado por uma produção que abarca: tradução dos textos de Pêcheux, interpretação desses conceitos mobilizados de acordo com as condições de produção brasileiras, formação de pesquisadores filiados à AD, deslocamento desses conceitos segundo os movimentos do tempo presente, na medida em que estes são pensados a partir de práticas científicas e acadêmicas, como vimos.

É nesse sentido que propomos chamar a AD vinculada a Pêcheux, (re)formulada no Brasil de **AD franco-brasileira**, leia-se o hífen como uma ligação necessária, necessária porque política, necessária porque é histórica, mas não uma história já dada, já posta, mas é a história do nosso tempo, do presente.

Esta ligação não é a mesma que se estabelece com os teóricos que embasam os currículos dos Programas de Pós-graduação em Letras no Estado do Rio Grande do Sul. **Pêcheux - Foucault - Bakhtin** não estabelecem uma relação necessária nem de complementaridade. Uma relação que se pode estabelecer é pela concepção de discurso, pois a tríade compõe um 'modo de interpretação' antes de mais nada 'materialista' e, sobretudo, político.

O político delimita. O político circunscreve, emoldura uma teoria, dita um caminho, divide o dizer e ele não está dado, ele precisa ser pensado a luz da teoria que o articula. Em nossa reflexão, o político que corporifica o nome AD requer que a ele se acrescente algo, nele se mude, desloque para desligar-se (ligando-se) de uma política que instaurou uma discursividade (teoria ideológica, vinculada a luta de classes, vinculada inicialmente a uma doutrina esquerdista). Muitos falam e ainda falarão de 'análise de/do discurso', mas o gesto político de Pêcheux não poderá ser apagado, pois

nossa matéria não é tratar do discurso adâmico que permitiria a 'heurística' de uma AD ao se apontar 'a' gênese, 'o pai' da teoria, 'o grande precursor'. Apontamos, em nosso texto, que Pêcheux instaurou uma singularidade, um modo político de compreensão do mundo, o discurso, vinculado fortemente a uma história francesa, uma história que foi traduzida para nossa brasilidade, uma história que foi interpretada e da qual nos apropriamos para pensarmos os 'nossos discursos'. História esta que está em curso.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. **A pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

CASTILHOS, A. T. A reforma dos Cursos de Letras (p. 05-38) **Revista Alfa**. Março de 1963.

CERVO, L. **O lugar da Lingüística e da Língua como objeto de divulgação**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

COURTINE, J.-J.. Análisis del discurso político (el discurso comunista dirigido a los cristianos). In: **LANGAGES**. Jun 1981. Trad. Cast.: María del Carmen Saint-Pierre.

CHISS, J.-L & PUECH C.L. **Le langage et ses disciplines XIX – XX siècles**. Paris/Bruxelles. Editions Duculot, 1999.

FERREIRA, M.C.L. Análise do discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, C; SANTOS, J.B.C. (orgs.). **Percursos da análise do discurso no Brasil**. P. 11-22. São Carlos: Clara Luz, 2007.

_____. **Texto de apresentação do I Sead**. Disponível em: <http://spider.ufrgs.br/discurso/evento/extra/apresentacao.pdf> Acesso em: 12 mar.08.

FIORIN, J. L. A criação dos cursos de Letras no Brasil e as primeiras orientações de pesquisa Lingüística universitária. In: **Revista Língua e Letras**. p. 11-25 Vol 7, n.2. 1º sem 2006. Disponível em <http://www.unioeste.br/saber>.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Clara Luz, 2004.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação**. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. Para uma História dos Estudos Sobre a Linguagem. In: **Língua e instrumentos lingüísticos**, SP: Pontes, 2002a.

_____. **História da Semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil.** Campinas, SP: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, E.J.G.; ORLANDI, E.P (orgs.). **Institucionalização dos Estudos da Linguagem: a disciplinarização das Idéias Lingüísticas.** Campinas, SP: Pontes, 2002.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. O político na lingüística: Processos de legitimação e institucionalização. In: ORLANDI, E. P. (org) **Política lingüística no Brasil.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

MAZIÉRE, F. **Análise do Discurso: história e práticas.** Trad. Marcos Marcolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. IN: **Gestos de Leitura: da História no discurso.** ORLANDI, Eni (org) [et al]. trad. de Bethania Mariani [et al]. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

NUNES, J.-H. **Uma articulação da análise de discurso com a história das idéias Lingüísticas.** Texto apresentado no VIII Seminário Corpus – História das Idéias Lingüísticas. Santa Maria: UFSM/ Laboratório Corpus. Set.2007. [texto inédito]

_____. **Leitura de arquivo: historicidade e compreensão.** Texto apresentado no II SEAD. Disponível em: http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Jose_horta.pdf. Acesso em: 15 jul. 2007.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Metalinguagem e gramatização no Brasil: Gramática-Filologia-Lingüística. **Revista da ANPOLL**, n.8, p.29-39, jan/jun. 2000.

_____. A análise do discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. **Caderno de Estudos Lingüísticos.** Campinas, jan/jun.2002.

_____. **Língua e conhecimento Lingüístico:** para uma historia das Idéias no Brasil. São Paul: Cortez, 2002a

_____. Ir ao Congresso: Fazer a história das idéias lingüísticas? In: **Institucionalização dos Estudos da Linguagem: a disciplinarização das Idéias lingüísticas.** ORLANDI, Eni P. (Org). Pontes, Campinas, col. História das Idéias Lingüísticas; 2002b.

_____. **História das Idéias Lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional.** Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: UNEMAT Editora, 2001.

_____. **A análise do discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil.** In: *Análise do Discurso – UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em http://spider.ufrgs.br/discurso/evento/conf_04/eniorlandi.pdf. Acesso em 10 dez 2006.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio.** Trad. de Eni. Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP : UNICAMP, 1997.

_____. Ler o Arquivo Hoje. In: MALDIDIER, Denise. **Gestos de Leitura: da história no discurso.** ORLANDI, Eni, (org.) [et al.]. Trad. de B. Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997a.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

RODRIGUES, A.D. A Obra Científica de Mattoso Câmara Jr. IN: **Estudos da Linguagem – Mattoso Câmara e os Estudos Lingüísticos no Brasil.** Vitória da Conquista. N.2, p. 11-28, dez/2005.

SANTOS, N., **A questão do gênero no Brasil a teorização e a didatização.** Disponível em: http://gel.org.br/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/a_questao_genero_brasil.pdf Acesso em: 26/042008

SCHERER, A. E.. Lingüística no Sul: estudo das idéias e organização da memória. In: GUIMARÃES, E; BRUM DE PAULA, M. (orgs.) **Sentido e Memória.** Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar.** Texto apresentado no CIAD, 2007. [texto inédito]

SILVEIRA, V. P. Por um acesso fecundo ao arquivo. In: **Revista Letras.** Programa de Pós-graduação em Letras. UFSM. Nº 21, Jul/dez, p. 121-127, 2000.

_____. **Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60.** Texto apresentado na Semana Acadêmica de Letras da UFSM. Disponível em: <http://www.ufsm.br/corpus/> Aceso em: mar. 2008



_____. **Michel Pêcheux e a Teoria do Discurso nos anos 60.** Conferência proferida na abertura da Semana Acadêmica de Letras da UFSM, 2006. Disponível em: <http://www.ufsm.br/corpus/>. Acesso em 20 jan. 2008.

ZILBERMANN, R. **Entrevista.** In: *fragmentum*. Santa Maria, Laboratório Corpus, n.1, set.2001.

ANEXOS

ARQUIVO PUCRS

ANEXO 1- Bibliografias AD 1987

 <p>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE LETRAS E ARTES CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS Av. Ipiranga, 6691 — Caixa Postal 1429 Tel. 36-9400 — Telex: 05133349 90020 Porto Alegre - RS Brasil</p> <p>DISCIPLINA: Análise do Discurso PROFESSOR : Leci Borges Barbisan PERÍODO : 1º semestre de 1987</p> <p><u>Conteúdos</u></p> <p>Conceito de "discurso". Abordagens do discurso: lexicológica e sintática. A enunciação. A gramática de texto. O texto político. O texto publicitário. A análise de conversações.</p> <p><u>Bibliografia</u></p> <ol style="list-style-type: none"> BROWN & YULE. <u>Discourse analysis</u>. Cambridge. Cambridge University Press, 1983. CHARAUDEAU, P. <u>Langage et discours</u>. Paris, Hachette Université, 1983. GOFFMAN, <u>La mise en scène de la vie quotidienne</u>. Paris, Minuit, 1973. _____. <u>Les rites d'interaction</u>. Paris, Minuit, 1974. GUESPIN. Types de discours ou fonctionnements discursifs? <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 41, mars 1971. GUMPERZ. <u>Discourse strategies</u>. Cambridge, Cambridge University Press, 1982. KERLEROUX. Le marché, une routine commerciale transformée par le jeu. <u>Langage et société</u>. LEVINSON, S. <u>Pragmatics</u>. Cambridge, Cambridge University Press, 1983. MAINGUENEAU, D. <u>Initiation aux méthodes de l'analyse du discours</u>. Paris, Hachette, 1976. _____. <u>Approche de l'énonciation en linguistique française</u>. Paris, Hachette Université, 1981. MALCOLM, C. & MONTGOMERY, M. <u>Studies in discourse analysis</u>. London, Routledge & Kegan Paul, 1981. 	<ol style="list-style-type: none"> ORLANDI, E. P. <u>A linguagem e seu funcionamento</u>. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983. PROVOST, G. Approche du discours politique: "socialisme" et "socialiste" chez Jaurès. <u>Langages</u>, Paris, Didier, Larousse, 13, mars 1969. ROBIN, R. <u>História e linguística</u>. São Paulo, Cultrix, 1977. SCHEGLOFF. Sequencing in conversational openings. In GUMPERZ & HINES, org. <u>Directions in sociolinguistics</u>. New York, Holt Rinehart and Winston Inc., 1972. VAN DIJK, T. A. <u>Gramáticas textuais e estruturas narrativas</u>. In CHABROL, C. et alii, org. <u>Semiótica narrativa e textual</u>. São Paulo, Cultrix, 1977. WATZLAWICK et alii. <u>Une logique de la communication</u>. Paris, Seuil, 1972. <p>REVISTAS:</p> <ol style="list-style-type: none"> <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 62, juin 1981. <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 70, juin 1983. <u>Langages</u>. Paris, Larousse, 71, sept, 1983. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 9, fév. 1971. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 38, mais 1978. <u>Langue Française</u>. Paris, Larousse, 42, mai 1979 <u>Pratiques</u>. Metz, Université de Metz, 28, oct. 1980. <u>Pratiques</u>. Metz, Université de Metz, 30, juin 1981. <u>Communications</u>. Paris, Seuil, 30, 1979.
Bibliografia AD1987 a	
 <p>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE LETRAS E ARTES CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS Av. Ipiranga, 6691 — Caixa Postal 1429 Tel. 36-9400 — Telex: 05133349 90020 Porto Alegre - RS Brasil</p> <p>DISCIPLINA: LECI BARBISAN DISCIPLINA: ANÁLISE DO DISCURSO PROFESSOR : LECI BARBISAN PERÍODO: 1º/1987</p> <p><u>PROGRAMA</u></p> <p>Sujeito e sentido. Vozes. Polifonia. A ironia. O discurso relatado. A heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. O outro no discurso.</p> <ol style="list-style-type: none"> AUTHIERKREVUZ, J. Heterogénéité montrée et hétérogénéité constitutive. <u>DRIAV</u>. 26, 1982. _____. La mise en scene de la communication dans les discours de vulgarisation scientifique. <u>Langue Française</u> 53, fev. 1982. _____. Hétérogénéité(s) énonciative(s). <u>Langages</u> 73, mar 1984. BAKHTIN, M. <u>Marxismo e filosofia da linguagem</u>. São Paulo, Hucitec, 1979. _____. <u>Problemas da poética de Dostoienshi</u>. Rio de Janeiro, Forense Universitária 1972. _____. <u>Estética de la creación verbal</u>. México, Siglo Veintiuno, 1982. BENVENISTE, E. <u>Problemas de linguistique générale</u>. Paris, Gallimard, 1966. DUCROT, O. Analyse de textes et linguistique de l'énonciation. In <u>Les mots du discours</u>. Paris, Minuit, 1980. _____. L'argumentation por autorité. In <u>L'argumentation</u>. Presses Universitaires de Lyon, 1981. FIORIN, J.L. <u>O regime de 1964: discurso e ideologia</u>. São Paulo, Atual, 1988. FOUCAULT, M. <u>A arqueologia do saber</u>. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987. _____. <u>L'ordre da discours</u>. Paris, Gallimard, 1971. GARDIN, R. Discours patronal et discours syndical. <u>Langage</u> 41, mar. 1976. 	<ol style="list-style-type: none"> GRESILLON, A. & MAINGUENEAU, D. Polyphonie, Proverbe peut en autre. <u>Langages</u> 73, mar. 1984. GUIMARÃES, E. Emenciação, polifonia e argumentação. In <u>texto e argumentação</u> Campinas, Pontes, 1987. GUIMARÃES, E. <u>História e sentido na linguagem</u>. Campinas, Pontes, 1989. KOCH, I.C.V. Argumentação e autoridade polifônica. <u>Letras de Hoje</u> 52, jun. 1983. MAINGUENEAU, D. <u>Genèses du discours</u>, Bruxelles, Pierre Mar daga, 1984. _____. <u>Novas tendências em análise do discurso</u>. Campinas, Pontes, 1989. ORLANDI, E.P. <u>A linguagem e seu funcionamento</u>. São Paulo, Cortez, 1983. _____. Destruição e construção do sentido (um estudo da ironia). <u>Série Estudos</u> 12. Uberaba, 1986. _____. <u>Discurso e leitura</u>. São Paulo, Cortez, 1988. _____. Ilusões na (da) linguagem. In TRONCA, J.A.org <u>Foucault ao vivo</u>. Campinas, Pontes, 1987. ORLANDI, E.P. GUIMARÃES, E., TARALHO, F; <u>Vozes e contrastes</u> São Paulo, Cortez, 1989. PÊCHEUX, M. <u>Hacia um análisis automático del discurso</u>. Madrid, Cátedra, 1975. _____. <u>Semântica e discurso</u>. Campinas, Editora da Unicamp, 1988. POSSENTI, S. <u>Discurso, estilo e subjetividade</u>. São Paulo, Martins Fontes, 1988. SIMONIN, J. Les plans d'énonciation dans Berlin Alexander - platz de Döblin, <u>Langages</u> 73, mar. 1984. TODOROV, T. <u>Mikhail Bakhtine, le principe dialogique</u>. Paris, Seuil, 1981.
Bibliografia AD 1987 b	

ANEXO 2 – Diários de Classe AD I

1	19/3 - Análise do discurso	1	23/3 - Análise do
2	26/3 - O conceito de discurso	2	discurso e análise
3	(Goswami)	3	do ca (fontes antigas)
4	4/4 - A epistemologia	4	da língua (Laclos, AD)
5	do AD (Pozzanti, Broy)	5	6/4 - A AD e o gma -
6	9/4 - A AD e o gma -	6	de realismo histórico
7	realismo histórico	7	(Embod - Courtine)
8	(embod - Foucault)	8	13/4 - A noção de cor-
9	16/4 - O materialismo	9	de produção
10	dialético e o material	10	(cap. 1 - Courtine)
11	hist. (Politzer)	11	20/4 - Dialética
12	23/4 - Idem	12	de da dialética (Politzer)
13	30/4 - A noção de condi-	13	27/4 - Materialismo
14	ção de produção	14	histórico e dialético
15	(cap. 2 - COURTINE)	15	(Politzer)
16	3/5 - FD, FI, interdiscurs	16	4/5 - O que é
17	intradiscursivo para como	17	11/5 - O que é o ideol
18	trouço enunciado (cap. 3)	18	gia (Althusser)
19	14/5 - sujeito - ideol	19	18/5 - Idem
20	logia (cap. 3)	20	25/5 - FD (cap. 2 -
21	o enunciado)	21	Courtine)
22	21/5 - Idem (contin.)	22	1/6 - Interdiscursos,
23	28/5 - O conceito de	23	intradiscursos e fore
24	memória discursiva	24	enunci. (Courtine - cap. 3)
25	(cap. 4 - Courtine)	25	8/6 - Formulação
26	11/6 - O corpus para	26	membra (F. corpus
27	a AD (cap. 4 - Courtine)	27	discursivo (cap. 3)
28	4/6 - Formulário	28	15/6 - As condições de
29	formulação de cur	29	formação de corpus (cap. 4)
30	rememória (cap. 4)	30	22/6 - Constituições do
31	18/6 - O corpus	31	corpus da pesquisa
32	para a pesquisa	32	(Courtine - cap. 4)
33	(cap. 5)	33	23/6 - O tema de dis-
34	27/6 - A definição	34	curso a partir da
35	de tema de discurso	35	discursiva (cap. 5)
36	9/7 - Análise de	36	29/6 - Efeitos discurs
37	de um a partir do	37	ativos, contradic
38	tema do discurso	38	real e poder (cap. 6)
39	(cap. 6)	39	6/7 - Sujeito universal
40	12/7 - Continuação	40	e prática do sujeito
41	da análise (cap. 6)	41	(cap. 6)
42	16/7 - Análise de	42	
43	discursos (C. PERSK		
44	governo).		
45			

ADI - 1991/1		AD I 1993/1	
1	16/8 - Discurso e AD	1	20/8 - Linguística e
2	(Maingueneau)	2	Análise de Discurso
3	23/8 - Idem (1-3	3	27/8 -
4	partes)	4	
5	30/8 - Dialética	5	3 Saussure e a AD
6	materialismo histórico	6	
7	(Politzer - parte 4, 5, 6)	7	10 Idem
8	06/9 - O conceito de	8	
9	ideologia (Althusser, AIE)	9	17 O material - lista
10	27/9 - Ideologia e	10	e dialético
11	sujeito (Pêcheux 75 - cap 3)	11	24 Idem
12	4/10 - Idem	12	
13		13	
14	11/10 - A heterogenei-	14	
15	dade enunciativa	15	8 A noção de F.B
16	18/10 - A noção de condi-	16	
17	ção de produção (Courtine)	17	22 O pre - construid
18	25/10 - Formação discurs	18	
19	iva (Foucault,	19	29 A noção de
20	Courtine)	20	sujeito
21	1/11 - O conceito de	21	5 Sujeito seg.
22	ideologia	22	Althusser
23	8/11 - Idem	23	12 Sujeito seg.
24		24	Pêcheux
25	22/11 - Intradiscursos e	25	19 Idem
26	intradiscursos	26	
27	29/11 - A noção de	27	21 O suj. e a psi
28	fore - construido	28	analise
29	6/12 - O sujeito em	29	3 Idem
30	Análise do discurso	30	
31	13/12 - Idem.	31	10 Análise discurs
32		32	iva
		33	17 Idem
		34	

AD I 1995/2		AD I 1997/2	
1	16/8 - Discurso e AD	1	20/8 - Linguística e
2	(Maingueneau)	2	Análise de Discurso
3	23/8 - Idem (1-3	3	27/8 -
4	partes)	4	
5	30/8 - Dialética	5	3 Saussure e a AD
6	materialismo histórico	6	
7	(Politzer - parte 4, 5, 6)	7	10 Idem
8	06/9 - O conceito de	8	
9	ideologia (Althusser, AIE)	9	17 O material - lista
10	27/9 - Ideologia e	10	e dialético
11	sujeito (Pêcheux 75 - cap 3)	11	24 Idem
12	4/10 - Idem	12	
13		13	
14	11/10 - A heterogenei-	14	
15	dade enunciativa	15	8 A noção de F.B
16	18/10 - A noção de condi-	16	
17	ção de produção (Courtine)	17	22 O pre - construid
18	25/10 - Formação discurs	18	
19	iva (Foucault,	19	29 A noção de
20	Courtine)	20	sujeito
21	1/11 - O conceito de	21	5 Sujeito seg.
22	ideologia	22	Althusser
23	8/11 - Idem	23	12 Sujeito seg.
24		24	Pêcheux
25	22/11 - Intradiscursos e	25	19 Idem
26	intradiscursos	26	
27	29/11 - A noção de	27	21 O suj. e a psi
28	fore - construido	28	analise
29	6/12 - O sujeito em	29	3 Idem
30	Análise do discurso	30	
31	13/12 - Idem.	31	10 Análise discurs
32		32	iva
		33	17 Idem
		34	

ANEXO 3 – Diários de Classe AD II

1	14/8	A argumentação	1	16/8	Discurso e AD
2	28/8	Argumentação	2	30/8	Reclame e Fuchs - In
3	4/9	Argumentação	3	6/9	Quilés e Hata
4	11/9	Argumentação	4	13/9	Conceitos básicos
5	18/9	Argumentação	5	20/9	da AD (Freida)
6	25/9	Argumentação	6	27/9	Idem
7	2/10	Argumentação	7	4/10	Oratória e oratô-
8	9/10	Argumentação	8	11/10	ria (Chau)
9	16/10	Argumentação	9	18/10	Idem
10	23/10	Argumentação	10	25/10	Reclame - Discurso
11	30/10	Argumentação	11	1/11	e ideologia (Semant.
12	6/11	Argumentação	12	8/11	e disc. cap. 3)
13	13/11	Argumentação	13	15/11	Idem
14	20/11	Argumentação	14	22/11	O sujeito
15	27/11	Argumentação	15	29/11	cap. 1 a 6
16	4/12	Argumentação	16	6/12	O sujeito
17	11/12	Argumentação	17	13/12	de direitos (Haroldo
18	18/12	Argumentação	18	20/12	cap. 4)
19	25/12	Argumentação	19	27/12	Idem
20	1/1	Argumentação	20		
21	8/1	Argumentação	21	25/10	Idem
22	15/1	Argumentação	22		
23	22/1	Argumentação	23	1/11	Os conceitos de
24	29/1	Argumentação	24	8/11	FD (Courtine)
25	5/2	Argumentação	25	15/11	Analise e
26	12/2	Argumentação	26	22/11	a negação (Freida)
27	19/2	Argumentação	27	29/11	A negação
28	26/2	Argumentação	28	6/12	interna e a externa
29	5/3	Argumentação	29	13/12	A negação
30	12/3	Argumentação	30	20/12	de tipo negativa
31	19/3	Argumentação	31	27/12	unilateralmente
32	26/3	Argumentação	32		do semestre
33			33		

AD II 1991/2

AD II 1994/2

1	22/03	O sujeito em
2	29/03	Freud
3	5/04	Idem
4		
5	12/04	A polifonia
6	19/04	seg. Bakhtine
7	26/04	Os gêneros do
8	3/05	discurso em Bakhtine
9	10/05	A heterog. mistad
10	17/05	e a heterog. constitut.
11	24/05	A nar. coincid.
12	31/05	interlocut. em Bakhtine
13	7/06	A meta
14	14/06	enunciada em Bakhtine
15	21/06	A questão da
16	28/06	psiq. em Althusser
17	5/07	A psicanálise
18	12/07	e a AD, seg. Althusser
19	19/07	O sujeito seg.
20	26/07	Freud
21	2/08	Símbolo o psiq.
22	9/08	em Freud
23	16/08	As formas do
24	23/08	silêncio (Orlandi)
25	30/08	A AD e o si-
26	6/09	lêncio (Orlandi)
27	13/09	A AD e a psi-
28	20/09	candice (Lorenz)
29	27/09	Idem
30		

AD II 1996/1

1	18/3	As 3 épocas da AD
2	25/3	Reclame da 3ª ep.
3	1/4	O discurso: estrut.
4	8/4	ou acontecim.?
5	15/4	Lg ^{ca} , discurso e
6	22/4	psicanálise
7	29/4	O sujeito no dia
8	6/5	e na psican.
9	13/5	Heterog. mistad.
10	20/5	e constitut.
11	27/5	Idem
12	3/6	Os gêneros de discurs.
13	10/6	Palavra mantida
14	17/6	à distância - Althusser
15	24/6	A nar. coincid.
16	1/7	interlocut.
17	8/7	Heterog. e ruptur.
18	15/7	A nar. coincid. do
19	22/7	disq. c/ela. mesmo
20	29/7	Idem
21	5/8	O sentido e sua
22	12/8	heterog.
23	19/8	O silêncio:
24	26/8	ed. das heterog. e s.

AD II 1998/1

DOCTORADO

CONTEÚDOS DESENVOLVIDO

- 25/8 - Introdução à AD: histórico e evolução
- 1/9 - A primeira época da AD
- 8/9 - A 2ª época: a teoria do discurso
- 15/9 - O materialismo histórico e dialético
- 22/9 - A noção de sujeito em Althusser (AIE)
- 29/9 - Discurso e Ideologia (Pêcheux)
- 6/10 - O discurso: estrutura ou acontecimento?
- 13/10 - ~~A 3ª época:~~ A linguística e a psicanálise
- 20/10 - O sujeito e o Outro (Nathier)
- 27/10 - A heterogeneidade mostrada e constituída
- 3/11 - Idem
- 10/11 - As aspas no discurso
- 17/11 - A não-coincidência no discurso
- 24/11 - Figuras discursivas do silêncio
- 1/12 - A reticência no discurso

ANEXO 4 – Leituras Orientadas

1	16/8 - Formação de sur-	1	20/8 - Discussões do
2	tiva seg. Póchaux	2	progr. e didáticas
3	23/8 - Relação entre	3	a serem discutíveis.
4	formação discursiva	4	28/8 - (O conceito de
5	30/8 - Ideologia e	5	implícito (Orseluoni-
6	discursos	6	cap. 1).
7	6/9 - Idem	7	4/9 - Pressuposto e
8	13/9 - Teoria da enun-	8	subentendido (Orseluoni
9	ciação e discursos	9	m - cap. 1 - contin.)
10	20/9 - O problema do	10	18/9 - Cap. 1 - contin.
11	sujeito	11	25/9 - contin cap. 1
12	27/9 - Idem	12	2/10 - Tema de
13	4/10 - Formação de	13	discurso
14	discursos e processo	14	9/10 - Idem
15	de interpelação	15	16/10 - Pressupostos
16	11/10 - Os lugares dos	16	teóricos da AD
17	sujeitos no processo	17	(tese Alexandra)
18	de interpelação	18	30/10 - Lúte
19	18/10 - Homon. Pretore	19	6/11 - Lúte
20	gené. e interpel.	20	20/11 - Lúte
21	25/10 - Paráfrase e	21	27/11 - Lúte
22	formação discursiva	22	4/12 - Heterogeneiz -
23	18/11 - Paráfrase e	23	dade e mundatiz
24	polissemia	24	(Antônio - R. Langg)
25	25/11 - O sentido no	25	18/12 - Idem (DRLV)
26	discursos	26	26).
27	29/11 - A natureza		
28	dialética dos pro-		
29	cessos discursivos		
30	6/12 - A coerência		
31	discursiva		
32			
33			
Leituras Orientadas 1990/2		Leituras Orientadas 1991/2	
	1	19/3 - Total delocinente	
	2	programa	
	3	26/3 - A argumentação	
	4	e a ironia (Mecchi)	
	5	cap. 1 e 2)	
	6	2/4 - Idem (cap. 2 -	
	7	Mecchi)	
	8	9/4 - Topos e ironia	
	9	23/4 - Formas de ironia	
	10	e endereços da arg.	
	11	30/4 - Argumentação	
	12	e ironia	
	13	7/5 - Ironia e	
	14	contato	
	15	14/5 - Ironia a qu-	
	16	ment. e pressupos.	
	17	21/5 - A lei da	
	18	exaustividade e ironia	
	19	28/5 - Ironias e	
	20	ironia	
	21	4/6 - Ironia e refut.	
	22	cas do lex. do objeto	
	23	11/6 - A superestrut.	
	24	tura refut. e ironia	
	25		
	26		
	27	18/6 - Ironia argu-	
	28	mento e inferência	
	29	28/6 - Ironia e teoria	
	30	de posições	
	31	2/7 - Goffman e	
	32	ironia	
	33		
Leituras Orientadas 1992/1			

ANEXO 5 – Tópicos em AD

<u>Conteúdos desenvolvidos</u>	
1. Enunciação e estruturalismo	
2. O estruturalismo saussuriano	
3. O signo linguístico	
4. Relações paradigmáticas e sintagmáticas	
5. A teoria do valor	
6. A enunciação em Benveniste	
7. O aparelho formal da enunciação	
8. A não-pessoa em Benveniste	
9. Os pronomes pessoais na enunciação	
10. Enunciação e diálogo	9
11. Idem	1
12. A categoria do tempo	11
13. Idem	12
14. A categoria de lugar	13
15. Idem	14
Tópicos em AD 2001/2	

ANEXO 6- Seminários em AD

<u>conteúdo</u>		G	B	M	F
1	Gramática e o estruturalismo	6	10	10	0
2	Gramática: objeto da Lg ^{ca} , Lg ^{ca} -Lg e fala	1	9	10	9
3	Gramática: natureza do signo Lg ^{ca}	2	9	9	9
4	Idem: o valor Lg ^{ca} ; rel. parad. esint.	3	-	-	0
5	Suorat: A polifonia em Lg ^{ca}	4	8	9	8
6	Suorat: 1ª, 2ª e 3ª confer. de Cali	5	10	10	10
7	Suorat: 4ª e 5ª confer. de Cali	6	-	-	6
8	6ª confer. e Lg ^{ca} e verdade	7	9	9	9
9	Suorat: argum. e topoi argum.	8	10	10	10
10	Idem: os topoi na Teoria da Arg. na Lg	9	9	9	9
11	Os modificadores desrealizantes	10	-	-	0
12	A argum. no discurso	11	10	10	10
13	A argum. interna aos enunciados	12	10	9	9
14	Os internalizadores	13	10	8	9
15	Para o tratamento argumentativo da predicação				

Seminário em AD 2003/1

ANEXO 7- Tópicos em Teorias do Discurso

Conteúdos	A Semântica Enunciativa no discurso
1. Os fundamentos das teorias da enunciação	1. Enunciação e polifonia em Bakhtin 1. 06/25/10
2. Normand: os termos da enunciação em Benveniste 1	2. Língua, fala e enunciação em Bakhtin 2. 07/10/10
3. Benveniste: os níveis da análise lg ^{ca} 2	3. A interação verbal, tema e signifi. (Bakhtin) 3. 07/27/10
4. A natureza do signo lg ^{ca} (Benveniste) 3	4. O discurso de outrem 4. 06/04/10
5. A forma e o sentido na lg ^{em} 4	5. Os gêneros do discurso 5. 06/25/10
6. Semiologia da lg. a rel. de pessoa no rd 5	6. Questões de estética e de literatura
7. A natureza enunciativa dos pronomes	7. Benveniste: a natureza do signo lg ^{ca}
8. A subjetividade na lg ^{em}	8. A subjetividade na lg ^{em} (Be)
9. O aparelho formal da enunciação	9. Os níveis da análise lg ^{ca} (Be)
10. A lg ^{em} e a experiência humana	10. A forma e o sentido na lg ^{em} (Be)
11. A função do lg ^{em} na descoberta freudiana	11. O aparelho formal da enunciação (Be)
12. Um estudo dos infirmos na prop. enunciativa	12. Aullier: a heterog. mostr. e a constituid.
13. Bakhtin: lg, fala e enunciação: os gêneros do discurso	13. A não-coincidência interlocut. (Aullier)
14. Aullier - Peruz: heterog. mostrada e constituid.	14. Palavras mantidas à distância (Aullier)
15. Aullier - Peruz: a r. - coincid. interlocutiva	15. Análises de discursos
Tópicos em Teorias do Discurso 2003/2	Tópicos em Teoria do Discurso 2004/2

ANEXO 8- Seminário em Teorias do Discurso

1. As bases saussurianas da teoria da Arg. na Lg. 1	1. As bases saussurianas e enunciativa, da 1
2. Saussure: o objeto da Lg. ^{ca} ; Lg. ^{ca} -Lg. e da fala 2	2. A polifonia em Lg. ^{ca} . 1ª confer. Du 2
3. Relações paradigmáticas e sintagmáticas 3	3. 2ª e 3ª confer. Du 3
4. O signo Lg. ^{ca} ; o valor Lg. ^{ca} 4	4. 4ª, 5ª e 6ª confer. Du 4
5. Ducrot: A pragmát. e estudos semânt. da Lg. 5	5. Os modificadores de realizantes 5
6. Ducrot: A polifonia em Lg. ^{ca} 6	6. O que é argumentar? 6
7. A delocutividade 7	7. A argumentação no discurso 7
8. 1ª, 2ª e 3ª conferências de Cali 8	8. Argumentação normativa e arg. ^{recept} 8
9. 4ª e 5ª conferências 9	9. Predicação e argumentação 9
10. 6ª conferência. Linguística e verdade 10	10. Os internalizadores 10
11. Ducrot: Os modificadores de realizantes 11	11. Critérios argument. e análise básica 11
12. Carrel: argumentação e justificativa 12	12. Arg. interna e externa ao léxico 12
13. Carrel: argumentação normat. e ^{receptiva} 13	13. Léxico e gradualidade 13
14. Carrel: o tratamento argument. da predicação 14	14. A ANL aplicada ao discurso 14
15. Ducrot: Léxico e gradualidade 15	15. Análise de discursos 15
16. Carrel: a argument. interna da enunciada 16	
Seminário em Teorias do Discurso 2004/1	Seminário em Teorias do Discurso 2005/2

Conteúdo desenvolvido

1. Saussure e o estruturalismo
2. Saussure: objetos da lg^{ca}, lg^{ca}-lg e fala 1
3. Saussure: natureza do signo; mutualidade do lg e do p^o 2
4. Saussure: o valor lg^{co}; rel. parad. e sint. 3
5. Arnauld: lg et parole; signifiant et signifié 4
6. Bouquet: O valor semântico 5
7. Ducrot: Polifonia e argumentação 6
8. Ducrot: 2ª e 3ª confer. - Cali 7
9. Ducrot: 4ª e 5ª confer. - Cali 8
10. Ducrot: 6ª conf. (Cali) lg^{ca} e verdade 9
11. Ducrot: Argument. e topoi arg. 10
12. Ducrot: Os modificadores de realiz. 11
13. Carrel: L'argumentation de la discours 12
14. Carrel: Argument. interna aos enunciados 13
15. Ducrot: Os internalizadores 14

ANEXO 9 – Teorias do Discurso

<p style="text-align: center;"><u>Conteúdos</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Situando as teorias enunciativas 2. O CLG: o objeto da lg^{ca}, lg^{ca} da lg e da fab 3. Relações paradigmática e rel. sintagmática 4. O valor lingüístico 5. Benveniste: O desenv. da lg^{ca}. Os níveis da análise 6. A semiol. da lg. A forma e o sentido na lg^{em} 7. A natureza dos pronomes. A lg^{em} e a esper. hum. 8. A função da lg^{em} na descoberta freudiana 9. Charaudeau: a lg^{em} como "enunciação" 10. Halliday: As funções da lg^{em} 11. Halliday: Texts, context and ensem 12. Ducrot: A 1ª e a 2ª conferências de Cali 13. 3ª e 4ª conferências de Cali 14. 5ª e 6ª conferências de Cali 15. Análise de discursos. 	<p style="text-align: center;"><u>Revisando Teorias da Enunciação</u></p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 80%;">1. Halliday: o contexto de situação</td> <td style="width: 20%; text-align: right;">1. 05/08/86</td> </tr> <tr> <td>2. Halliday: funções da lg^{em}</td> <td style="text-align: right;">2. 06/09/10</td> </tr> <tr> <td>3. Ducrot: a polifonia em lg^{ca}</td> <td style="text-align: right;">3. 03/90</td> </tr> <tr> <td>4. Ducrot: 1ª conferência</td> <td style="text-align: right;">4. 06/90/90</td> </tr> <tr> <td>5. : 2ª e 3ª conferências</td> <td style="text-align: right;">5. 08/90/80</td> </tr> <tr> <td>6. : 4ª e 5ª conferências</td> <td style="text-align: right;">6. 08/85/86</td> </tr> <tr> <td>7. Benveniste: os níveis da análise lg^{ca}</td> <td style="text-align: right;">7. 09/80</td> </tr> <tr> <td>8. Be: a forma e o sentido na lg^{em}</td> <td style="text-align: right;">8. 02/10/10</td> </tr> <tr> <td>9. Be: pronomes e verbos: marcas de enu^{ca}</td> <td style="text-align: right;">9. 09/80</td> </tr> <tr> <td>10. A subjetividade na lg^{em}</td> <td style="text-align: right;">10. 03/95/95</td> </tr> <tr> <td>11. O aparelho formal da enunciação</td> <td style="text-align: right;">11. 06/95/95</td> </tr> <tr> <td>12. Charaudeau: ato de lg^{em} como enunciação</td> <td style="text-align: right;">12. 09/00/00</td> </tr> <tr> <td>13. Charaudeau: ato de lg^{em} na publicidade</td> <td></td> </tr> <tr> <td>14. Análise de Textos</td> <td></td> </tr> <tr> <td>15. Análise de Textos</td> <td></td> </tr> </table>	1. Halliday: o contexto de situação	1. 05/08/86	2. Halliday: funções da lg ^{em}	2. 06/09/10	3. Ducrot: a polifonia em lg ^{ca}	3. 03/90	4. Ducrot: 1ª conferência	4. 06/90/90	5. : 2ª e 3ª conferências	5. 08/90/80	6. : 4ª e 5ª conferências	6. 08/85/86	7. Benveniste: os níveis da análise lg ^{ca}	7. 09/80	8. Be: a forma e o sentido na lg ^{em}	8. 02/10/10	9. Be: pronomes e verbos: marcas de enu ^{ca}	9. 09/80	10. A subjetividade na lg ^{em}	10. 03/95/95	11. O aparelho formal da enunciação	11. 06/95/95	12. Charaudeau: ato de lg ^{em} como enunciação	12. 09/00/00	13. Charaudeau: ato de lg ^{em} na publicidade		14. Análise de Textos		15. Análise de Textos	
1. Halliday: o contexto de situação	1. 05/08/86																														
2. Halliday: funções da lg ^{em}	2. 06/09/10																														
3. Ducrot: a polifonia em lg ^{ca}	3. 03/90																														
4. Ducrot: 1ª conferência	4. 06/90/90																														
5. : 2ª e 3ª conferências	5. 08/90/80																														
6. : 4ª e 5ª conferências	6. 08/85/86																														
7. Benveniste: os níveis da análise lg ^{ca}	7. 09/80																														
8. Be: a forma e o sentido na lg ^{em}	8. 02/10/10																														
9. Be: pronomes e verbos: marcas de enu ^{ca}	9. 09/80																														
10. A subjetividade na lg ^{em}	10. 03/95/95																														
11. O aparelho formal da enunciação	11. 06/95/95																														
12. Charaudeau: ato de lg ^{em} como enunciação	12. 09/00/00																														
13. Charaudeau: ato de lg ^{em} na publicidade																															
14. Análise de Textos																															
15. Análise de Textos																															
Teorias do Discurso 2003/2	Teorias do Discurso 2004/2																														
<p style="text-align: center;"><u>Conteúdos desenvolvidos</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. 23/8 - As teorias da Enunciação 2. 30/8 - CLG: objeto lg^{ca}; lg^{ca} da lg e fab; signo 3. 6/9 - Rel. parad. e sint.; o valor lg^{ca} 4. 13/9 - Normant: OCLG: 1 teoria da sa? 5. 27/9 - Bouquet: O valor semântico 6. 4/10 - Benveniste: semiol. da lg 7. 11/10 - Benveniste: lg^{em} e esper. hum. O aparelho formal da enunciação 8. 18/10 - Benveniste: pessoa no sb; tempo 9. 25/10 - Benveniste: da subjetiv. na lg^{em} 10. 1/11 - Martins: em busca de conc. de Hall. 11. 8/11 - Martins: Por 1 conceito de diálogo 12. 22/11 - Charaudeau: ato de lg^{em} como enunciação 13. 29/11 - Charaudeau: o gênero public. 14. 6/12 - Paret: a diálexe e os "embryones" 15. 13/12 - Gecchioni: os subjetivemas "afetivos" e "avaliativos" 	<p style="text-align: center;"><u>Conteúdos</u></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os fundamentos das teorias da enunciação 2. Normant: os termos da enunciação em Benveniste 3. Benveniste: os níveis da análise lg^{ca} 4. A natureza do signo lg^{ca} (Benveniste) 5. A forma e o sentido na lg^{em} 6. Semiologia da lg. A rel. de pessoa no sb 7. A natureza enunciativa dos pronomes 8. Da subjetividade na lg^{em} 9. O aparelho formal da enunciação 10. A lg^{em} e a experiência humana 11. A função da lg^{em} na descoberta freudiana 12. Um estudo dos infinitos na persp. enunciativa 13. Bakhtin: lg, fala e enunciação. Os gêneros do discurso 14. Bullier - Ferry: heterog. mostrada e constituinte 15. Bullier - Ferry: a =-essenc. interlocutor 																														
Teorias do Discurso 2002/2	Tópicos em Teoria do Discurso 2003/2																														

ARQUIVO UFRGS

ANEXO 10 – Grades de Horários

HORÁRIO PARA 1996 - PRIMEIRO SEMESTRE**CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã 09 horas <u>Fundamentos da Análise do Discurso</u> Profa. Maria Cristina L. Ferreira 04 Créditos Sala: G214	manhã	manhã
	tarde	tarde 13h30min <u>Semântica argumentativa</u> Profa. Ana Zandwais 04 Créditos Sala: 204	tarde 13h30min <u>Teoria do Texto</u> Prof. Paulo Guedes 04 Créditos Sala: 117 <u>Teoria da Análise do Discurso</u> Profa. Freda Indursky 04 Créditos Sala: 211	tarde 14 horas <u>Linguística Geral</u> Profa. Margarete Schlater 04 Créditos Sala: 204

HORÁRIO PARA 1996 - SEGUNDO SEMESTRE**CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã Teoria da Análise do Discurso Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 Créditos <u>8h30min - Sala 233B</u>	manhã	manhã
	tarde	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Profa. Ana Zandwais 04 Créditos <u>13h30min - Sala 208</u> Início: <u>17/09</u>	tarde Leituras Dirigidas: Aspectos Metodológicos da Análise do Discurso Profa. Freda Indursky 02 Créditos <u>13h30min - Sala 204</u> <u>Encontros quinzenais</u> Início: <u>18/09/96</u>	tarde

Curso Livre: **Pragmática** - Prof. Dr. Kanavilil Rajagopalan (UNICAMP) - 13h30min de 30/09 a 04/10 - 01 Crédito

HORÁRIO PARA 1997 - PRIMEIRO SEMESTRE**CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã Semiótica Narrativa e Discursiva Dra. Maria da Graça Krieger 04 CR - 08:30 horas sala: 233B Início: <u>26/03/97</u>	manhã
	tarde Linguística Geral (Tronco Comum) Dra. Margarete Schlatter 04 CR - 13:30 horas sala: 109	tarde Leituras Dirigidas: Topoi, Polifonia e Argumentação Dra. Ana Zandwais 04 CR - 13:30 horas sala: 204	tarde Fundamentos da Análise do Discurso Dra. Freda Indursky 04 CR - 13:30 horas sala: 112	tarde Teoria do Texto Dr. Paulo Guedes 04 CR - sala: 114

Curso Livre:

HORÁRIO PARA 1997 - SEGUNDO SEMESTRE**CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Procedimentos Analíticos em Análise do Discurso Prof. Maria Cristina 02 Cr Horário: Sala: 233B IL	manhã	manhã
	tarde	tarde Semântica Argumentativa Prof. Ana Zandwais 04 Cr Horário: Sala: 106	tarde Teoria da Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 04 Cr Horário: Sala: 118	tarde Leituras Dirigidas: Análise de Discurso e Tradução Prof. Elsa Ortíz 04 Cr Horário: Sala: 115	

Curso Livre: **Processos de Identificação e Políticas de Identidade: uma análise discursiva** - Prof. Pedro de Souza (UFSC) - 01 Cr. - 15 h/a - de 09 a 12/09
Discurso e Ética - Prof. Kanavilil Rajagopalan (UNICAMP) - 01Crédito - 15 h/a - de 06 a 10/10 - das 13h30min às 17 horas

HORÁRIO PARA 1998 - PRIMEIRO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Tópicos de Linguística Textual Prof.ª. Elsa Maria N. Ortiz 04 Créd. Horário: 08h30min Local: 233B - IL	manhã
	tarde Linguística Geral (Tronco Comum) Prof. Cléo V. Altenhofen Prof.ª. Leuene J. Simões 04 Créd. Horário: 13h30min Local: 103 - P. Aulas	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Prof.ª. Ana Zandwais 04 Créd. Horário: 13h30min Local: F 111	tarde Leituras Dirigidas: Terminologia - Neologismos Prof.ª. Eda Pilla 04 Créditos Horário: 13h30min Local: 204 - P. Aulas	Fundamentos da Análise do Discurso Prof.ª. Freda Indursky 04 Créd. Horário: Local: 211	tarde Teoria do Texto Prof. Paulo C. Guedes 04 Créd. Horário: 13h30min Local: F 104

Curso Livre: **Variação em Terminologia**, a ser ministrado pela Prof.ª. Dra. Enilde Faulstich (UnB) de 15 a 19/06/98, num total de 15 horas/aula, 01 Crédito, sob responsabilidade Prof.ª. Maria da Graça Kreger

HORÁRIO PARA 1998 - SEGUNDO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã Sintaxe e Discurso Prof.ª. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 Créd Horário: 8h30min Sala:	manhã	manhã LD: Semiótica do Texto e do Discurso Prof.ª. Maria da Graça Krieger 02 Créd. Horário: 10h30min - 12h30min Sala:
	tarde	tarde Semântica Argumentativa Prof.ª. Ana Zandwais 04 Créd Horário: 13h30min Sala:	tarde Teoria da Análise do Discurso Prof.ª. Freda Indursky 04 Créd Horário: 13h30min Sala:	tarde	Tarde

Curso Livre: **Análise do Discurso e Semântica**, com a Prof.ª. Monica Zoppi Fontana (UNICAMP), sob responsabilidade da Prof.ª. Freda Indursky - 15 horas/aula, 01 Crédito, a realizar-se de 25 a 29/01/98.

HORÁRIO PARA 1999 - PRIMEIRO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Leituras Avançadas em Terminologia Prof. M ^o da Graça Krieger 02 créditos Horário: 08:00h Início: 2ª semana de abril Local:	manhã Leituras Dirigidas: Tópicos de Linguística Textual Prof. Elsa Maria N. Ortiz 04 Créd. Horário: 08h30min Local:	manhã
	tarde Linguística Geral (Tronco Comum) Prof. Valdir Flores 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Prof. Ana Zandwais 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde Fundamentos da Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 04 Créd. Horário: 13h30 Local:	tarde Teoria do Texto Prof. Paulo C. Guedes 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde

Curso Livre: **Textualização e Autoria**, ministrado pela Profa. Dra. Solange Leda Gallo, de 27 a 30 de julho de 1999, sob responsabilidade da Profa. Freda Indursky, 01 Crédito, 15 horas-aula.

HORÁRIO PARA 1999 - SEGUNDO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTOS E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã	manhã	manhã
	tarde LD: Fundamentos das Teorias da Enunciação (Tronco Comum) Prof. Valdir Flores 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde Semântica Argumentativa Prof. Ana Zandwais 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde LD: Aspectos metodológicos em Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 02 Créd. Horário: 13h30 Local:	tarde Teoria da Análise do Discurso Prof. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 Créd. Horário: 13h30min Local:	tarde

Curso Livre: **Desenvolvimentos atuais na análise semiótica dos discursos** – Profa. Diana Luz Pessoa de Barros (USP) – 29/ 11 a 02/12 – 01 cr – 15 h/a
Prof. Responsável: Maria da Graça Krieger

HORÁRIO PARA 2000 - PRIMEIRO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Tópicos de Lingüística Textual Prof. Elsa Ortiz 04 Créditos Horário: 8h30min às 12h Local:	manhã
	tarde Lingüística Geral Prof. Valdir Flores 04 Créditos Horário: 13h30min às 17h Local:	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Prof. Ana Zandwais 04 Créditos Horário: 13h30min às 17h Local:	tarde Fundamentos da Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 04 Créditos Horário: 13h30min às 17h Local:	tarde	tarde

Curso Livre: Nome e pronomo no espaço da enunciação – Prof. Dr. Luiz Francisco Dias (UFPB) – 01 Crédito, 15 horas/aula de 29/05 a 01/06/2000, das 13h30min às 17 horas, sob responsabilidade da Prof. Ana Zandwais.

HORÁRIO PARA 2000 - SEGUNDO SEMESTRE

CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã	Manhã	Manhã	manhã
	tarde Leituras Dirigidas: Fundamentos em Teorias da Enunciação Prof. Valdir Flores 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Sala:	tarde Leituras Dirigidas: Topói – Polifonia e Argumentação Prof. Ana Zandwais 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Sala:	tarde Leituras Dirigidas: Leituras Avançadas de Terminologia Prof. Maria da Graça Krieger 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Sala: Teoria da Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Sala:	Tarde Leituras Dirigidas: Teorias da Tradução no Século XX Prof. Sonia Gehring 04 Créditos Horário: das 13h30min às 17 horas Local:	tarde

Curso Livre: Las unidades terminológicas complejas: estado de la cuestión y tratamiento automático – Prof. Rosa Estopá (Universidade de Pompeu Fabra - Espanha), 01 Crédito, 15 horas-aula, de 12 a 23 de setembro de 2000, sob responsabilidade da Prof. Maria da Graça Krieger.
Letramento e Autoria – Prof. Leda Verdiani Tfouni (USP de Ribeirão Preto) – 01 Crédito, 15 horas-aula, de 06 a 10/11/2000, sob responsabilidade da Prof. Freda Indursky

HORÁRIO PARA 2001 - PRIMEIRO SEMESTRE**CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã LD: Textos especializados – componentes e narratividade Profª. Maria da Graça Krieger 04 Créditos Horário: 8h30min às 12h Início: 27/03 Local:	manhã	manhã
	Tarde Linguística Geral Prof. Valdir Flores 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local:	tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Profª. Ana Zandwais 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local: <i>499P.</i>	Tarde Discurso e Sintaxe Profª. Maria Cristina L. Ferreira 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local: Fundamentos da Análise do Discurso Profª. Freda Indursky 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local:	Tarde LD: Tópicos de Linguística Textual Profª. Elsa Ortiz 04 Créditos Horário: 13:30 às 14 horas

AULA INAUGURAL dia 19/03 às 14 horas c/ o Prof.Dr. Walter Moser da Universidade de Montreal (Canadá)

HORÁRIO PARA 2001 - SEGUNDO SEMESTRE
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
manhã Fundamentos em Línguas da Enunciação Valdir Flores 04 créditos Horário: 08h30min às 12 h Local: 106 <i>EV</i>	manhã	manhã Curso Livre: Tradução, Terminologia e Pós-estruturalismo Profª. Dra. Luzia A. Araújo (Bolsista Recém-Doutor) 02 créditos Horário: 09h às 12 h Início: 05/12/2001 a 28/02/02 Local: 120A ✓	manhã	manhã
tarde Língua da Análise do Discurso Profª. Maria Cristina L. Ferreira 04 créditos Horário: 13h30min às 17h Local: 218 ✓	tarde Semântica Argumentativa Profª. Ana Zandwais 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local: 214 ✓	Tarde LD: Leituras em Contraponto: Foucault, Courtine, Pêcheux.... Profª. Freda Indursky 04 Créditos Horário: 13h30min às 17 h Local: 218 ✓ LD: O Texto Dicionarístico: fundamentos de lexicografia geral e especializada. Profª. Maria da Graça Krieger 02 créditos Horário: 13:30 às 17 h Local: 209 ✓	Tarde	tarde

Curso Especializado - Profª. Dra. Guiomar Elena Ciapuscio (Univ. de Buenos Aires), 01 crédito - 15 horas-aula, de 28 a 31/08/2001, das 13h30min às 15h30min, Auditório do IL.

Discurso, Profª. Dra. Maria do Rosário Gregolin (UNESP), dia 18/01/2002, das 10 às 12 horas, Auditório do IL.

HORÁRIO PARA 2002 - PRIMEIRO SEMESTRE
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã	manhã Leituras Dirigidas: Tópicos em Lingüística Textual Prof. Elsa Ortiz C 04 Créd. 08h30min às 12 horas Local: 233B ✓	manhã Fundamentos da Análise do Discurso Prof. Maria Cristina 04 Créd. 09 horas às 12h30min Local: ✓	manhã	manhã
	Tarde Lingüística Geral Prof. Valdir 04 Créd. 13h30min Local: ✓	Tarde Pragmática: Enunciação e Sentido Prof. Ana Zandwais 04 Créd. 13h30min às 17 horas Local: Sala 220A ✓	Tarde Leituras Dirigidas: Bakhtin e Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 02 Créditos 13h30min às 17 horas Local: (Início em Agosto) D ✓	Tarde Leituras Dirigidas: Tópicos de Teoria da Tradução Prof. Sonia Gehring 02 Créd. 13h30min às 17horas Local: (junho e julho) E ✓	Tarde Fundamentos de Terminologia Prof. Maria da Graça Krieger e Prof. Maria José Finatto 04 Créd. 13h30min às 17horas Local: ✓ Leituras Dirigidas: Epistemologia da Lingüística Estrutural F Prof. Valdir Flores 02 Créd. 16 horas às 18 horas Local: ✓

Curso Livre: BAKHTIN E FOUCAULT - um percurso teórico, Prof. Dra. Maria do Rosário Gregolin (UNESP), de 01/07/2002 a 04/07/2002 das 13h30min às 17 horas, 01 Crédito - 15 horas-aula, sob responsabilidade da Prof. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira.

HORÁRIO PARA 2002 - SEGUNDO SEMESTRE
CURSO: ESTUDOS DA LINGUAGEM

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	2a feira	3a feira	4a feira	5a feira	6a feira
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	manhã LD: Lingüística de Corpus: bases teórico-metodológicas Prof. Anna Maciel D 04 cr. 09h30min - 12h30min novembro a janeiro Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	manhã LD: Enunciação e Paráfrase Prof. Elsa Ortiz E 02 cr 08h30min às 12h30min Período: Nov/Dez 2002 Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	manhã LD: Tradução, terminologia e pós-estruturalismo Prof. Luzia Araújo G 02 créditos 10h às 12h Início: 04/12/2002 Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	Manhã	manhã LD: Lingüística de Corpus: bases teórico-metodológicas Prof. Anna Maciel 04 cr. 9:30 às 12h30min novembro a janeiro Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓
	Tarde Sintaxe e Discurso Prof. Maria Cristina Leandro Ferreira 04 cr 13h30min às 17h30min Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	tarde Semântica Argumentativa Prof. Ana Zandwais 04 cr 13h30min às 17h30min Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓ LD: A definição dicionarística em perspectiva: da lexicografia à terminologia Prof. Maria José Finatto 04 cr 13h30 às 17h30min Início: 05/11/2002 Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	Tarde Teoria da Análise do Discurso Prof. Freda Indursky 04cr 13h30min às 17h30min Obs: Mat. Especial falar c/ Prof. ✓	Tarde LD: Enunciação e intersubjetividade: o sintoma na linguagem Prof. Valdir Flores H 02 créditos 13h30min às 17h30min Jan/Fev Obs: liberada p/ Mat.Esp ✓	Tarde

Curso Livre: *Lingüística de Corpus, fundamentos e metodologias de pesquisa*, 01 Crédito, 15 horas-aula, a ser ministrado pelo Prof. Dr. Antonio Paulo Berber Sardinha (PUCSP), de 06 a 08 de janeiro de 2003, das 13h30min às 18 horas, sob responsabilidade da Prof. Dra. Maria José Bocorny Finatto. ✓

GRADE DE HORÁRIOS 2006-1 ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM/ESTUDOS DE LITERATURA					
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO LINHA DE PESQUISA: Análises Textuais e Discursivas					
TURNOS/DIA	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
MANHÃ		Linguística Textual LIN00037 4 CR Prof. Elsa Ortiz SALA: 233B		L.D. A Análise do Discurso e suas interfaces LET00003 2 CR Prof. Maria Cristina Ferreira SALA: 119	
TARDE	Linguística Geral LIN00001 Obrigatória 4 CR Prof. Valdir Flores SALA: 205 Prédio de Aulas	Topói, polifonia e argumentação LIN00058 4 CR Prof. Ana Zandwais SALA: 233B ----- Teoria do Texto LIN00036 4 CR Prof. Solange Mittmann SALA: G107	Fundamentos da Análise do Discurso LIN00010 4 CR Prof. Freda Indursky SALA: 119	L.D: Enunciação, constituição do sujeito e do laço social LET00003 2 CR Quinzenal Prof. Valdir Flores SALA: G 209	

ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM Especialidade: Teorias do Texto e do Discurso Linhas de Pesquisa: Análises Textuais e Discursivas / Lexicografia e Terminologia: Relações Textuais					
Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
		Teoria da Análise do Discurso LIN00017 4 CR Prof. Solange Mittmann			
Fundamentos em Teoria da Enunciação LIN00040 4 CR Prof. Valdir Flores Prof. Nays Tesser	LD: *Interfaces da Análise do Discurso II LET00003 2 CR Prof. Maria Cristina Leandro Ferreira Turma A ----- LD: Semântica Cognitiva LET00003 04 CR Prof. Maity Siqueira Turma B	Leituras em Contraponto: Foucault, Pêcheux, Courtine, Bakhtin LIN00042 4 CR Prof. Freda Indursky ----- A Fraseologia e suas Interfaces LIN00059 4 CR Prof. Cleci Bevilacqua	+Pesquisa Lingüística em Corpus LIN00044 2 CR Anna Maria Becker Maciel e Cleci R. Bevilacqua ----- ++Tópicos de Lexicografia Bilingüe LIN00056 2 CR Félix B. Miranda ----- LD: Da dialética aristotélica ao materialismo histórico e dialético * LET00003 4 CR Prof. Ana Zandwais Turma A		

14h/aula de agosto até outubro; ++ aulas iniciam em outubro, encontros de 04h/aula; * As disciplinas assinaladas com * serão oferecidas para doutorandos
 1 Círculo de Bakhtin nos contextos soviético/russo europeu – LET0002, a ser ministrado pelo Prof. Serguei Tchougounnikov (Colégio Internacional do Sul Suécia/Universidade de Borgonha, França), 25 a 28 de setembro-2 Cr. 30h/a, com monografia, sob responsabilidade da Profa. Ana Zandwais – Turma A

ANEXO 11 – Diários de Classe

CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 21/3	CONTEÚDO: Apresentação do programa. Estrutura geral da disciplina
AULA 2 DATA: 28/3	CONTEÚDO: Textos de Leão de Sampaio e Cláudia de Jesus - Relatos de. 89 de a. 1970. e demais discursos
AULA 3 DATA: 04/04	CONTEÚDO: Textos de Regina Christiepoletti e M. Dorval de Souza
AULA 4 DATA: 11/04	CONTEÚDO: Textos de Vênice Junghein e Sônia Possenti
AULA 5 DATA: 18/04	CONTEÚDO: Textos de Gadot sobre Saussure
AULA 6 DATA: 25/04	CONTEÚDO: Discursos sobre os "dois Saussure": do Curso e do Programa
AULA 7 DATA: 02/05	CONTEÚDO: Chomsky - Entrevista com M. Rowat
AULA 8 DATA: 09/05	CONTEÚDO: Chomsky - Revista Delta - Vindas ao Brasil - pressupostos da gramática: principais noções
AULA 9 DATA: 16/05	CONTEÚDO: Chomsky e a "Introdução à C de Lógica"
AULA 10 DATA: 23/05	CONTEÚDO: Fundamentos epistemol. e teóricos da obra de J.C. Miller
AULA 11 DATA: 30/05	CONTEÚDO: Furo de Gadot e Pêcheux - "foi longo de nunca acabar"
AULA 12 DATA: 06/06	CONTEÚDO: Gadot e Pêcheux - Discursos sobre Saussure e Chomsky
AULA 13 DATA: 13/06	CONTEÚDO: Obras: Materialistas discursivos - Pêcheux, Gadot e P.
AULA 14 DATA: 20/06	CONTEÚDO: Mestr. Redonda e Balança Fúria
AULA 15 DATA: 27/06	CONTEÚDO: Vídeo com 8 Rendimentos - Programa Cada Vez
AULA 16 DATA: 04/07	CONTEÚDO: Vídeo com 8 Rendimentos - Programa Cada Vez
ASSINATURA: <i>M. Cristina Ferreira</i> DATA DE ENTREGA:	

Sintaxe e Discurso – 2001 - Prof^a Maria Cristina Leandro Ferreira

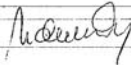
CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 12/10/02	CONTEÚDO: Programa. Direções das aulas - Conteúdos básicos da disciplina
AULA 2 DATA: 19/10/02	CONTEÚDO: Glossário de termos de discurso
AULA 3 DATA: 26/10/02	CONTEÚDO: Noções de ideologia -
AULA 4 DATA: 03/11/02	CONTEÚDO: Noções de língua -
AULA 5 DATA: 10/11/02	CONTEÚDO: Noções de
AULA 6 DATA: 17/11/02	CONTEÚDO: Noções de história -
AULA 7 DATA: 24/11/02	CONTEÚDO: Noções de discurso -
AULA 8 DATA: 01/12/02	CONTEÚDO: Noções de sentido -
AULA 9 DATA: 08/12/02	CONTEÚDO: Bakhtin - Dialógico
AULA 10 DATA: 15/12/02	CONTEÚDO: Foucault - A ordem do discurso
AULA 11 DATA: 22/12/02	CONTEÚDO: Pêcheux - Semântica e Discurso
AULA 12 DATA: 29/12/02	CONTEÚDO: Derrida e o dia - Relação M. Pêcheux hoje
AULA 13 DATA: 05/01/03	CONTEÚDO: Gadot e Pêcheux - Linguística: formalismo/ideologemas
AULA 14 DATA: 12/01/03	CONTEÚDO: Althusser / sujeito: presença sem nunca um fim
AULA 15 DATA: 19/01/03	CONTEÚDO: Verbalidade / teoria e prática
ASSINATURA: <i>M. Cristina Ferreira</i> DATA DE ENTREGA: 28/10/02	

Fundamentos da AD - 2002 – Prof^a Maria Cristina Leandro Ferreira

CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 06/11	CONTEÚDO: Apresentação da disciplina. Discussão do programa. Levantamento dos textos a serem trabalhados no semestre. Distribuição dos seminários a serem realizados
AULA 2 DATA: 13/11	CONTEÚDO: As formas discursivas e a formação do sujeito para Foucault
AULA 3 DATA: 20/11	CONTEÚDO: A formação dos conceitos e das estratégias em Foucault
AULA 4 DATA: 27/11	CONTEÚDO: A formação ideológica em Pêcheux
AULA 5 DATA: 04/12	CONTEÚDO: Formação discursiva em Courtine
AULA 6 DATA: 11/12	CONTEÚDO: Interdiscurso - Intradiscurso - pré-constituido - discurso transverso
AULA 7 DATA: 18/12	CONTEÚDO: Heterogeneidade Constitutiva / heterogeneidade material; mod. Coincidências e substituições discursivas
AULA 8 DATA: 25/12	CONTEÚDO: Enunciado em Foucault: a função enunciativa
AULA 9 DATA: 01/01	CONTEÚDO: Descrição dos Enunciado em Foucault: material, exterioridade, mundo
AULA 10 DATA: 08/01	CONTEÚDO: O enunciado dividido
AULA 11 DATA: 15/01	CONTEÚDO: O sujeito em Foucault e em Pêcheux
AULA 12 DATA: 22/01	CONTEÚDO: O sentido em Pêcheux e em Courtine
AULA 13 DATA: 29/01	CONTEÚDO: O sentido em Orlandi
AULA 14 DATA: 05/02	CONTEÚDO: Formas Imaginárias
AULA 15 DATA: 12/02	CONTEÚDO: Contraste entre Foucault, Pêcheux e Courtine
ASSINATURA: <u>Murphy</u> DATA DE ENTREGA: 17/03/2004	

Teoria da Análise de Discurso – 2004 – Freda Indursky



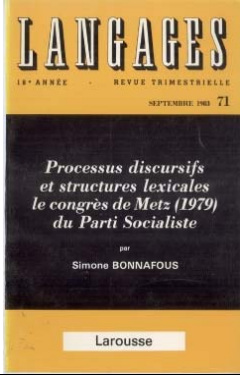
CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 14/11	CONTEÚDO: Programa - Bibliografia - Considerações iniciais sobre o curso.
AULA 2 DATA: 21/11	CONTEÚDO: A sintaxe em termos de Gramática e de Linguística.
AULA 3 DATA: 28/11	CONTEÚDO: AS em SD
AULA 4 DATA: 05/12	CONTEÚDO: Text: MCLF - O lugar da sintaxe em SD / Chomsky. Dalgas/HR
AULA 5 DATA: 12/12	CONTEÚDO: Sumário: uma ciência de la langue - F. Cochet / Boulebray - "de qui toute langue?"
AULA 6 DATA: 19/12	CONTEÚDO: COLOQUIO - 30 ANOS DO PPGLET
AULA 7 DATA: 26/12	CONTEÚDO: O mínimo dos Diálogos e / MR - Chomsky (Delta.) e Dias (L)
AULA 8 DATA: 02/01	CONTEÚDO: Marandin: sintaxe e discurso - de point de vista de SD, Cochet - "L'union de la langue"
AULA 9 DATA: 09/01	CONTEÚDO: Rossetti - Notas sobre as representações de senso e sintaxe / Pêcheux - l'étrange union de l'SD
AULA 10 DATA: 16/01	CONTEÚDO: Matur: O amor da língua - o real
AULA 11 DATA: 23/01	CONTEÚDO: Matur: O amor da língua - o linguista e o gramático
AULA 12 DATA: 30/01	CONTEÚDO: Matur: Une introduction à science du langage. o desposséder
AULA 13 DATA: 06/02	CONTEÚDO: Matur: o impossível da língua - / o impossível material
AULA 14 DATA: 13/02	CONTEÚDO: La langue interminable - M. Pêcheux e F. Cochet
AULA 15 DATA: 20/02	CONTEÚDO: Encerramento - Pêcheux/Chomsky/Kossmann
ASSINATURA: <u>M. Indursky</u> DATA DE ENTREGA: 23/9/03	

CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS	
AULA 1 DATA: 11/07	CONTEÚDO: Apresentação do programa, Organização e distribuição dos conteúdos
AULA 2 DATA: 21/08	CONTEÚDO: Reflexão sobre língua, uma análise contrastiva entre concepção de língua para a linguística e para Bakhtin
AULA 3 DATA: 04/09	CONTEÚDO: A noção de língua para a análise do discurso; um contraponto entre a língua para a linguística e a língua para Bakhtin
AULA 4 DATA: 21/09	CONTEÚDO: O signo em Bakhtin e a ideologia
AULA 5 DATA: 18/09	CONTEÚDO: O sujeito em Bakhtin e para a AD
AULA 6 DATA: 25/09	CONTEÚDO: Concepção de discurso em Bakhtin e em análise do discurso
AULA 7 DATA: 09/10	CONTEÚDO: Concepção de sentido em Bakhtin e em análise do discurso
AULA 8 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 9 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 10 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 11 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 12 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 13 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 14 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
AULA 15 DATA: _____	CONTEÚDO: _____
ASSINATURA: 	
DATA DE ENTREGA: 17/03/2017	

RELAÇÕES ENTRE ARQUIVOS

ANEXO 12 – Sumários das revistas citadas na bibliografia da PUCRS

Langue française. Vol. 9 N°1. Linguistique et société.	Langue française. Vol. 38 N°1. Enseignement du récit et cohérence du texte	Langue française. Vol. 42 N°1. La pragmatique
 <p>J.-B. Marcellesi - <u>Présentation</u> Discours et politique G. Provost-Chauveau ‣ <u>Problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours</u> L. Courdresses ‣ <u>Blum et Thorez en mai 1936 : analyses d'énoncés</u> D. Maldidier ‣ <u>Lecture des discours de De Gaulle par six quotidiens parisiens : 13 mai 1958</u> R. Robin ‣ <u>Histoire et linguistique : premiers jalons</u> D. Slakta ‣ <u>L'acte de « demander » dans les « Cahiers de doléances »</u></p> <p>Langue et groupes sociaux F. Gadet ‣ <u>Recherches récentes sur les variations sociales de la langue</u> H. Bourcelot ‣ <u>L'Atlas linguistique et ethnographique de la Champagne et de la Brie et les limites linguistiques</u> R. Lafont ‣ <u>Un problème de culpabilité sociologique : la diglossie franco- occitane</u> Ulrich Ricken ‣ <u>Le vocabulaire de la classification sociale dans la littérature française</u> J. Batany, J. Rony ‣ <u>Idéal social et vocabulaire des statuts (« Le Couronnement de Louis »)</u> ‣ <u>Linguistique et groupes sociaux</u></p>	 <p>J. Peytard ‣ <u>Le récit des écoliers (enjeux d'une pratique)</u> M. Charolles ‣ <u>Introduction aux problèmes de la cohérence des textes</u> C. Nique, C. Lelièvre ‣ <u>Le texte écrit d'élève : production d'un sujet, ou produit de déterminations ?</u> J.-F. Halté, A. Petitjean ‣ <u>Lire et écrire en situation scolaire</u> B. Combettes ‣ <u>Thématisation et progression thématique dans les récits d'enfants</u> F. Fillol, J. Mouchon ‣ <u>Approche des notions de cohérence et de cohésion sur un corpus oral</u> J.-M. Adam ‣ <u>La cohésion des séquences de propositions dans la macro- structure narrative</u> L. Cherchi ‣ <u>L'ellipse comme facteur de cohérence</u></p>	 <p>F. Récanati, A.-M. Diller ‣ <u>Présentation [liminaire],</u> F. Récanati ‣ <u>Le développement de la pragmatique</u> O. Ducrot ‣ <u>Les lois de discours</u> J. R. Searle ‣ <u>Le sens littéral</u> D. Zaslavsky ‣ <u>Pronoms personnels, performatifs et actes de langage</u> B. De Cornulier ‣ <u>Remarques sur la perspective sémantique (thème, propos, etc.)</u></p> <p>J. C. Anscombe ‣ <u>Délocutivité benvenistienne, délocutivité généralisée et performativité</u> H. Parret ‣ <u>Ce qu'il faut croire et désirer, pour poser une question</u> S. Delesalle, J.-Cl. Chevalier, A. Cadiot, Cl. Garcia, Chr. Martinez, P. Zedda ‣ <u>« Oui mais, non mais » ou : Il y a dialogue et dialogue</u> A.-M. Diller ‣ <u>Bibliographie</u></p>

<p>Langages, 15e année, n° 62. Juin 81. Analyse du discours politique</p> 	<p>Langages, 18e année, n° 70. Juin 83. La mise en discours</p> 	<p>Langages, 18e année, n° 71. Septembre 83. Processus discursifs et structures lexicales de Metz (1979) du Parti Socialiste</p> 
<p>Michel Pêcheux</p> <p>▶ <u>L'étrange miroir de l'analyse de discours</u> [liminaire]</p> <p>Jean-Jacques Courtine</p> <p>▶ <u>Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens</u> [article]</p>	<p>J. Peytard</p> <p>▶ <u>Le récit des écoliers (enjeux d'une pratique)</u></p> <p>M. Charolles</p> <p>▶ <u>Introduction aux problèmes de la cohérence des textes</u></p> <p>C. Nique, C. Lelièvre</p> <p>▶ <u>Le texte écrit d'élève : production d'un sujet, ou produit de déterminations ?</u></p> <p>J.-F. Halté, A. Petitjean</p> <p>▶ <u>Lire et écrire en situation scolaire</u></p> <p>B. Combettes</p> <p>▶ <u>Thématisation et progression thématique dans les récits d'enfants</u></p> <p>F. Fillol, J. Mouchon</p> <p>▶ <u>Approche des notions de cohérence et de cohésion sur un corpus oral</u></p> <p>J.-M. Adam</p> <p>▶ <u>La cohésion des séquences de propositions dans la macro-structure narrative</u></p> <p>L. Cherchi</p> <p>▶ <u>L'ellipse comme facteur de cohérence</u></p>	<p>Simone Bonnafous</p> <p>▶ <u>Introduction</u> [article]</p> <p>Bonnafous</p> <p>▶ <u>Les cheminements discursifs de Metz.</u> [article]</p> <p>Bonnafous</p> <p>▶ <u>Le vocabulaire de Metz, étude quantitative</u> [article]</p> <p>Bonnafous Simone</p> <p>▶ <u>Conclusion</u> [article]</p>

ANEXO 13 – Textos de Pêcheux disponíveis no Labeurb:

1966: (Sous le pseudonyme de Thomas Herbert), « Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale », Cahiers pour l'analyse, 2, 1966, (p. 174-203). Tradução brasileira em Tempo brasileiro (30/31), 1972, p. 3-36
1967: « Analyse de contenu et théorie du discours », Bulletin du CERP, 16 (3) Paris: CNRS. 1967, p. 211-227.
1968a: « Vers une technique d'analyse du discours », Psychologie Française, 13 (1), 1968, p. 113-117.
1968b : (Sous le pseudonyme de Thomas Herbert) « Remarques pour une théorie générale des ideologies », Cahiers pour l'analyse, 9, 1968, p. 74-92. - Tradução brasileira de Carolina Rodríguez, Eni Orlandi, José Horta Nunes. Pêcheux M. (Thomas Herbert). Observações para uma teoria geral das ideologias. In: Revista Rua, 1, Campinas : Unicamp, 1995, p. 63-89.
1969a: Analyse automatique du discours, Paris, Dunod, 1969, 142 p., (coll. "Sciences du comportement). Tradução brasileira de Bethania S. Mariani [et al.] Gadet e Hak (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Ed. Unicamp, 1990.
1969b: « Sur la conjoncture théorique de la psychologie sociale ». In: Bulletin de psychologie, 23, (4-5), 1969, p.290-297.
1969c: « Les sciences humaines et le "moment actuel », La Pensée, 143, 1969, p. 62-79.
1971a: « Etude expérimentale de conditions déterminant la plausibilité d'une théorie psychologique ». In: Bulletin de psychologie, 25, (2-4), 1971-1972, p. 102-119.
1971b: Gayot G., Pêcheux M., « Recherches sur le discours illuministe au 18e siècle: Louis-Claude de Saint-Martin et les 'circonstances', In: Annales 3-4, 1971, p. 681-704.
1971c: Haroche C. Pêcheux M. « Étude expérimentale de l'effet des représentations sociales sur la résolution d'une épreuve logique à présentation variable », In: Buletin du C E R P, 20 (2), 1971, p. 115-129.
1971d: « Langue, 'langage', discours », L'Humanité, 15 octobre, p. 8.
1971e: "A method of discourse analysis applied to recall of utterances", in E.A. Carswell, R. Rommetveit (eds), Social contexts of messages, Londres, Academic Press, 1971, p. 67-75.
1971 : Haroche, C, HENRY, Paul, Pêcheux, M.I. "La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours". <i>Langages</i> 24, Larousse, Paris, 1971. Tradução brasileira de Roberto leiser Baronas e Fabio César Montanheiro In: BARONAS, RL. Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007
1972: Haroche C., Pêcheux M., « Facteurs socio-économiques et résolution de problèmes », In: Bulletin du C E R P, 21 (2-3), p. 101-117.
1973a: Salzarulo P., Cipolli C., Lairy G. C., Pêcheux M., « L'étude psychophysiological de l'activité mentale du sommeil: analyse critique des méthodes et théories », In : Évolution Psychiatrique, 1, 1973, p. 33-70.
1973b: Pêcheux M., Wesselius J., « A propos du mouvement étudiant et des luttes de la classe ouvrière: trois organisations étudiantes en 1968, In : R. Robin (ed.), Histoire et linguistique, Paris, A. Colin, 1973, p.245-260. Tradução brasileira : Adélia Bolle. São Paulo : Cultrix, 1977.
1973c: Bruno P., Pêcheux M., Plon M., Poitou J.-P., « La psychologie sociale: une utopie en crise, In: La Nouvelle Critique, 62, 1973, p. 72-78.
1973d: « L'application des concepts de la linguistique à l'amélioration des techniques d'analyse de contenu » In: Ethnies, 3, 1973, p.101-118.
1975: Les vérités de la Palice, Paris, Maspero, 1975, 278 p. (coll. "Théorie"). Tradução brasileira de Eni Orlandi [et al.]: Pêcheux M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas : Editora da Unicamp, 1995.
1976: « Position syndicale et prise de parti dans les sciences humaines et sociales », La Pensée, 187, 1976 p. 53-66.
1977: Gadet F., Pêcheux M., "Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme?", Equivalences, 2-3, 1977, p. 133-146. Tradução brasileira de Eni Orlandi : Pêcheux M, Gadet F, "Há uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo" In:

Escritos, 3, 1998.
1977 a : Remontons de Foucault à Spinoza. IN: Maldidier, DL' Inquiétude du discours. Tradução brasileira : Maria do Rosário Gregolim. Mimeo 2000.
1978a: "Are the masses an animate object?", in D. Sankoff (ed.) Linguistic variation, New York, Academic Press, 1978, p. 251-266
1978b: « Il n'y a de cause que de ce qui cloche », LINHART, R. L'établi. Paris: Editions de Minuit, 1978, p. 14- (Texto datilografado).
1978c: "Formación social, lengua, discurso", Arte, Sociedad, Ideología, 5, México: Imprensa Azteca, 1978, p. 25-33.
1979: « Quelques réflexions sur la question politique dans le monde de la psychologie française », Recherches de psychologie sociale, 1, 1979, p. 151-155.
1981a: "Ouverture du colloque", in B. Conein, J.-J. Courtine, F. Gadet, J.-M. Marandin, M. Pêcheux (eds), Colloque "Matérialités discursives", Lille, Presses universitaires de Lille, 1981, p. 6-10.
1981b: B. Conein, J.-J. Courtine, F. Gadet, J.-M. Marandin, M. Pêcheux (eds), Colloque "Matérialités discursives", Lille, Presses universitaires de Lille, 1981.
1981c: Gadet F., Pêcheux M., La Langue introuvable, Paris, Maspero, 1981, 248 p. (coll. "Théories"). Tradução espanhola de B. Job. La lengua de nunca acabar, México, Fondo de Cultura Econômica, 1984, 246 p. Tradução brasileira de B. Mariani e Maria Elizabeth C. de Mello. Pêcheux M, Gadet, F. A língua inatingível: o discurso na história da lingüística. Campinas: Pontes, 2004.
1981d: « Effets discursifs lies au fonctionnement des relatives en francais », Recherches de psychologie sociale, 3, 1981, p. 97-102.
1982a: "Délimitations, retournements, déplacements", L'Homme et la société, 63-64, 1982, p. 53-69. Tradução brasileira de José Horta Nunes. Pêcheux, M. "Delimitações, Inversões e Deslocamentos", Cadernos de Estudos Lingüísticos, 19, Campinas: Unicamp, 1990. p. 7-24.
1982b: "Sur la (dé-)construction des theories linguistiques", DRLAV, 27, 1982, p. 1-24.. Tradução brasileira de Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. Línguas e Instrumentos Lingüísticos n2. Campinas : Pontes 1999, Ed original, 1982. Tradução brasileira : Cadernos de Tradução, n4, Instituto de Letras, UFRGS, out. 1998.
1982c: "Lire l'archive aujourd'hui", Archives et documents de la Société d'histoire et d'épistémologie des sciences du langage (Saint-Cloud), 2, 1982, p. 35-45. Tradução brasileira: de Maria Lopes Morin do Amaral. Pêcheux M. Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, Eni P. (org). [et al]. Gestos de leitura, 1997, p. 55-65.
1982d: Pêcheux M., Léon J., Bonnaïfous S., Marandin J.-M., "Présentation de l'analyse automatique du discours (AAD 69), Théories, procédures, resultants, perspectives", Mots, 4, 1982 p.95-123.
1982e: Gadet F., Haroche C., Henry P., Pêcheux M., "Note sur la question du langage et du symbolique en psychologie", Fundamenta Scientiae, 3 (2), 1982, p. 149-159.
1983a: "Ideology: fortress or paradoxical space", in S. Hänninen et L. Paldan (eds), Rethinking ideology, Berlin, Das Argument, n° especial 84, p. 31-35.
1983b: "Ideologie – Festung oder paradoxer Raum?", Das Argument (Berlin), 139, 1983, p. 379-387.
1983c: « Rôle de la mémoire », Langage et Société. Paris: École Normale Supérieure, 1983, p. 261-267. Tradução brasileira de José Horta Nunes. Papel da memória, Campinas : Pontes, 1999.
1984: "Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours", Mots, 9, 1984, p. 7-17. Tradução brasileira de Eni Orlandi. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso", Escritos, n4, p 7-16- Campinas: Pontes: Labeurb;Nucredi, 1999. Tradução brasileira de Ana Maria Dischinger e Heloisa Monteiro Rosário, Pêcheux M. "Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso", Cadernos de Tradução. n. 01. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. (ver trad. Orlandi escritos 4)
1988: « Le discours: structure ou événement? » (p. 303-323) Tradução brasileira de Eni Orlandi. Pêcheux M. O discurso: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

